
CPAD
4
Isaías a Daniel
Comentário Bíblico
BEACON
Ross E. Price
C. Paul Gray
J. Kenneth Grider
Roy E. Swim

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

ISAÍAS A DANIEL

4

CPAD

O Livro do Profeta

EZEQUIEL

J. Kenneth Grider

Introdução

A. O Autor

O nome Ezequiel significa "aquele que Deus sustenta". Ele foi levado cativo para a Babilônia por Nabucodonosor[1] em 597 a.C. (1 Rs 24.14). Tinha sido sacerdote em Jerusalém (1.3). Talvez ele tenha ministrado no Templo, visto que seus escritos demonstram ter ele amplo conhecimento daquele santuário. Durante o quinto ano (1.2) do seu cativeiro, em 592 a.C., foi chamado pelo Senhor para ser profeta, e exerceu esse ofício durante ao menos 22 anos (29.17).

Junto com Ezequiel na primeira grande deportação, Nabucodonosor tinha levado 10.000 dos homens mais proeminentes do país — incluindo os operários qualificados, a nobreza e o rei Joaquim. Nabucodonosor achava que, com os líderes de Judá na Babilônia, ele poderia melhor subjugar a população mais simples de Jerusalém e Judá. (Veja Quadro *B*).

No exílio, embora o rei Joaquim estivesse preso, os israelitas em geral tinham uma liberdade considerável. Ezequiel tinha sua própria casa (3.24; 20.1) e era casado (24.13). Ele vivia confortavelmente em Tel-Abibe, perto do rio Quebar. Enquanto Daniel participou dos 70 anos de cativeiro, Ezequiel deve ter morrido antes do seu fim.

Ezequiel era uma sentinela para advertir os infiéis e um homem com bálsamo para os fiéis. Diferentemente dos falsos profetas, que não haviam recebido mensagem alguma mas mesmo assim pregavam (Jr 29.31), Ezequiel recebeu seus oráculos do próprio Senhor. Talvez mais do que qualquer outro profeta, o que tinha a dizer ele sentia-se compelido a dizer.[2]

B. A Época do Profeta

Para os israelitas, ser subjugado por um outro poder e ser levado para o exílio era realmente uma desgraça. Canaã tinha sido prometida para eles, e finalmente foi entregue em suas mãos pelo poder do seu Deus. Mas de Moisés em diante eles tinham sido advertidos pelos profetas que, se eles se rebelassem contra o Senhor, seriam castigados, expulsos da terra e dispersos entre as nações (Lv 26.14-45; Dt 28.15-68). Já em 721 a.C., o Reino do Norte de Israel, composto por dez das doze tribos, havia caído diante da Assíria. Pouco antes da época de Ezequiel, Jeremias profetizou que um destino semelhante aguardava Judá, incluindo Jerusalém. Jeremias tinha predito especificamente que o exílio seria o destino de Judá e que esse exílio teria a duração de 70 anos (Jr 29.10).

Ezequiel tornou-se um importante sacerdote pouco antes de ser levado para o cativeiro. Nabucodonosor invadiu Judá pela primeira vez em 606 a.C. Ele capturou Jerusalém e levou diversos homens proeminentes, incluindo Daniel. Isso deu início aos 70 anos de cativeiro. Oito anos mais tarde, em 597 a.C., depois que Jerusalém havia se revoltado, Nabucodonosor invadiu a Cidade Santa pela segunda vez, levando, dessa vez, 10.000 homens importantes para o exílio, incluindo Ezequiel.

Zedequias foi estabelecido rei em Jerusalém. Mas depois de onze anos esperando pela ajuda do Egito, ele revoltou-se contra Nabucodonosor. O rei da Babilônia então

voltou sua fúria contra Jerusalém pela terceira vez. Depois de um cerco que demorou três anos, ele destruiu a cidade, o Templo e o reino, matando ou deportando o povo em grande número.

Ezequiel viveu nesse período turbulento. Nesse período, ele anunciou suas advertências e proclamou mensagens de conforto como profeta do Senhor.

C. A Profecia

A profecia de Ezequiel forma um dos maiores livros proféticos do Antigo Testamento. Ele foi dividido em 48 capítulos, provavelmente no terceiro século d.C. Os primeiros 24 capítulos tratam do chamado de Ezequiel para ser profeta e das suas profecias em relação à queda de Jerusalém — a destruição final pela Babilônia, que ocorreu no décimo primeiro ano do reinado de Zedequias. Os capítulos 25—33 contêm as profecias de juízo contra sete nações pagãs — Amom (25.1-7), Moabe (25.8-11), Edom (25.12-14), Filístia (25.15-17), Tiro (26.1—28.19), Sidom (28.20-23) e Egito (29—32). A última seção, capítulos 33—48, contém profecias acerca da restauração de Jerusalém e profecias de esperança para o futuro de Israel.

Ezequiel deixa claro que ele era exilado na Babilônia quando foi chamado para se tornar profeta. Ele profetizou da Babilônia contra seus companheiros exilados e contra aqueles que ainda moravam em Jerusalém, antes da queda final na revolta de Zedequias (1.3; 3.11, 15, 23; 10.15, 20, 22; 11.24-25).

Alguns têm sugerido que Ezequiel não escreveu os capítulos 40—48. Outros também incluiriam os capítulos 38—39 como sendo de outro autor. Há estudiosos que sugerem que um redator acrescentou outros materiais, como os versículos que posicionam o profeta na Babilônia enquanto escreve. Mas não há evidência séria contra a visão tradicional de que a profecia como um todo vem do destemido vigia e admoestador, conhecido ao longo dos séculos como Ezequiel.

O estilo da profecia é de difícil compreensão por causa do simbolismo poético que a adorna. Esse estilo fez com que o antigo Jerônimo entrasse em desespero na sua busca pela verdade desse livro. Talvez por isso João Calvino tenha escrito um comentário somente acerca dos primeiros doze capítulos de Ezequiel, e tenha sido o motivo de Martinho Lutero ter dado tão pouca atenção a esse livro. Howie diz: "A profecia de Ezequiel, escrita num estilo apocalíptico e repleto de obscuridades em relação ao texto e ao significado, tem desconcertado um grande número de estudiosos e dado vazão a uma série de idéias estranhas, talvez mais do que qualquer outro livro da Bíblia".[3]

Apesar do mistério simbólico do livro, ele apresenta verdades de grande valor espiritual para aqueles que conseguem reduzir seu passo acelerado a fim de tirar lições preciosas desse livro.

Esboço

I. O Chamado para Ser Profeta, 1.1—3.27

A. Prefácio para o Chamado, 1.1-28
B. O Chamado Propriamente Dito, 2.1—3.27

II. Profecias contra Jerusalém, 4.1—24.27

A. Quatro Atos Simbólicos, 4.1—5.17
B. Dois Discursos acerca da Destruição de Israel, 6.1—7.27
C. Abominações e Julgamentos, 8.1—11.25
D. Profecias contra Jerusalém, 12.1—19.14
E. Profecias em 590 a.C., 20.1—23.49
F. Última Profecia antes da Queda de Jerusalém, 24.1-27

III. Profecias contra Povos Pagãos, 25.1—32.32

A. Amom, Moabe, Edom e Filístia, 25.1-17
B. Tiro e Sidom, 26.1—28.26
C. Egito, 29.1—32.32

IV. Restauração e Esperança, 33.1—48.35

A. A Restauração de Israel, 33.1—39.29
B. Esperança: Temporal e Eterna, 40.1—48.35

SEÇÃO I

O CHAMADO PARA SER PROFETA

Ezequiel 1.1—3.27

A. PREFÁCIO PARA O CHAMADO, 1.1-28

Ezequiel, filho de Buzi (3), havia sido sacerdote em Jerusalém. Agora, como cativo de Nabucodonosor **na terra dos caldeus**, o Senhor o chamou para ser profeta.[1] Como sacerdote, ele tinha levado os homens a Deus; como profeta, ele continuará realizando esse ministério, mas precisará estar mais próximo de Deus do que antes. Como sacerdote, estava próximo dos homens em seus sofrimentos, para poder levá-los a Deus. Como profeta, precisa estar próximo o suficiente de Deus para receber suas mensagens para os homens.

1. *O que Precipitou seu Chamado* (1.1)

As palavras de abertura da profecia de Ezequiel são: **E aconteceu** [...] **que, estando eu no meio dos cativos** [...] **eu vi visões de Deus** (1). O que apressou o chamado de Ezequiel? Falsos profetas haviam surgido entre os exilados que lhes diziam o que os israelitas queriam ouvir, que haveria um retorno rápido para sua terra natal. Naquela época, Jeremias profetizava em Jerusalém, e tinha enviado uma carta para a comunidade dos exilados, anunciando a eles que seu cativeiro duraria 70 anos e que, enquanto isso, eles deveriam submeter-se à vontade e aos caminhos de Deus (Jr 29). Nem todos gostaram de ouvir o que Jeremias tinha dito, e havia uma inquietação junto ao rio Quebar. Essa mensagem havia sido enviada no quarto ano do reinado de Zedequias (Jr 51.59), que também era o quarto ano do cativeiro. No quinto ano do cativeiro, Deus levantou Ezequiel de entre os exilados. Ele, semelhantemente a Jeremias, declararia, de maneira autêntica, a verdade de Deus ao povo.

2. *O Tempo do seu Chamado* (1.1-2)

a) *"No trigésimo ano"* (1.1). Ninguém sabe a qual evento ou época específica o **trigésimo ano** se refere. Tinham se passado trinta anos desde que o livro da lei havia sido localizado nos escombros do Templo, o que havia desencadeado uma renovação da adoração e do culto em Judá. Mas os eventos daquela época não são datados. Na verdade, não era costume datar acontecimentos significativos no reinado de determinado rei.

Alguns estudiosos sugerem que esse era o trigésimo ano desde que havia ocorrido o último ano do Jubileu. Mas, como já frisamos, esse método de observar datas não era comum naquela época.

Talvez estejam corretos os que sugerem que este é o trigésimo ano da vida de Ezequiel. O trigésimo ano da vida de um judeu era peculiarmente importante quanto à sua maturidade. O **quarto mês** corresponderia ao final de junho e começo de julho no nosso calendário.

b) *"No quinto ano"* (1.2). O **cativeiro do rei Joaquim** começou em 597 a.C., depois de ter reinado por apenas três meses. O chamado de Ezequiel ocorreu **no quinto ano** da prisão do rei,[2] que também era o quinto ano do exílio de Ezequiel na Caldéia.

3. *O Lugar do Chamado* (1.1-3)

Ezequiel estava **no meio dos cativos, junto ao rio Quebar** (1; que significa "grande rio"), na Caldéia — da qual a Babilônia era a capital. É possível que esse rio seja o mesmo que o rio Chaboras, na Mesopotâmia, que acaba desembocando no rio Eufrates perto de Kirkesion (veja mapa 1).[3]

Pelo fato de Ezequiel estar tão familiarizado com o Templo e parecer falar com freqüência ao povo de Jerusalém, alguns estudiosos acreditam que ele, na verdade, escreveu de lá e não da Babilônia. No entanto, a Babilônia é especificamente mencionada como o lugar do seu chamado. Ela também é citada repetidas vezes como o lugar do seu ministério (1.3; 3.11,15,23; 10.15,20,22; 11.24-25).

4. *O Modo do seu Chamado* (1.1-3)

Abriram os céus (1). Isso significa que Ezequiel começou a ver coisas que não eram reveladas a outros homens. Visto que deveria se tornar o porta-voz de Deus, o Senhor revelou a ele as coisas elevadas e santas do céu. Certamente é um dia muito especial para um homem quando os céus são abertos acima dele. Até que isso aconteça, um homem está naturalmente ligado à terra. Quando ocorre uma experiência sobrenatural como essa, ele consegue ver coisas mais elevadas que outros homens não conseguem ver pelo fato de os céus acima estarem fechados.

Ele teve **visões de Deus**. O raciocínio, a arte de encaixar o pensamento em moldes racionais, caracterizava os filósofos gregos antigos. A visão, na qual um homem olha para o centro das coisas e para o futuro, era a maior característica dos profetas hebreus. Em nenhum outro profeta isso foi tão real quanto em Ezequiel. Ele era um vidente do Deus Altíssimo, um homem místico de fé refinada, a quem Deus podia confiar visões dele mesmo e de outras verdades elevadas.

Daniel também estava na Babilônia nessa época, ocupando cargos elevados e predizendo as coisas que iriam acontecer. Ezequiel não se movimentava entre os caldeus como o fazia Daniel, mas restringiu sua ação mais aos exilados junto às margens do Quebar. Ambos eram videntes apocalípticos. Ezequiel teve visões que diziam respeito a um futuro próximo. Elas requeriam que os homens obedecessem às ordens do Senhor, ali e naquele tempo. Em comparação, as visões de Daniel eram principalmente para um futuro distante.

5. *O Propósito do seu Chamado* (1.3)

Ezequiel foi chamado não para dar sua própria opinião, nem para dizer ao povo o que eles queriam ouvir. Ele foi chamado, como todos os profetas são chamados, para declarar a verdade de Deus. É por isso que lemos: **veio** [...] **a palavra do SENHOR a Ezequiel** (3). Sua função era entregar mensagens para os desamparados e esquecidos exilados, mas essas mensagens não eram suas. Não eram suas próprias idéias — verdades escolhidas por ele. Eram, na verdade, a palavra do Senhor. Essa palavra veio a ele **expressamente** (que significa: "verdadeiramente" ou "genuinamente").

6. *Segurança no Chamado* (1.3)

O relato continua: **e ali esteve sobre ele a mão do SENHOR.** Não estava sendo fácil para um patriota como Ezequiel passar cinco anos no exílio. E nunca é fácil para um homem anunciar oráculos em nome do Senhor quando a mensagem é exatamente o que os homens obstinados não querem ouvir. Além disso, Ezequiel era um homem jovem, provavelmente com apenas 30 anos, e os israelitas não faziam questão de dar ouvidos a homens jovens. Pelo menos a partir da época de Moisés, os israelitas tinham um respeito especial pelas palavras de homens idosos — anciãos da terra. Mas, apesar de tudo isso — talvez por causa disso — Ezequiel esteve especialmente consciente de que **a mão do SENHOR** estava **sobre ele** para guiá-lo, para fortalecê-lo e para libertá-lo dos seus medos.

A mão do Senhor estava sobre Ezequiel não somente durante esse prefácio do seu chamado. Em outras seis oportunidades está escrito que a mão de Deus estava sobre esse homem obediente junto ao rio Quebar (3.14, 22; 8.1; 33.22; 37.1; 40.1). Qualquer homem que ouvir e obedecer à palavra de Deus receberá a força necessária por parte de Deus para implementar essa palavra nas vidas de homens e nações.

"Deus Cuida dos Cativos" é o tema dos três primeiros versículos, sendo que o primeiro versículo é chave. No contexto das circunstâncias de Ezequiel como cativo junto ao Quebar, dois pontos especiais são destacados: 1) Deus lhe abre os céus e lhe dá visões (1). 2) Deus lhe dá uma perspectiva, capacitando-o a ajudar os outros com mensagens do Senhor (3). Essa passagem fala a todos que são cativos em tempos que provam a alma. Deus cuida e oferece visão e perspectiva.

7. *Resumo em uma Visão* (1.4-28)

O prefácio para o chamado de Ezequiel é concluído com um relato da primeira visão. A visão sugere algo da realidade vigente e ao mesmo tempo acerca do mistério desnorteante das revelações de Deus a respeito de si mesmo ao espírito humano.

a) *Um vento tempestuoso* (1.4). Ezequiel olha e vê primeiramente **um vento tempestuoso** (redemoinho de vento), simbolizando um julgamento que envolvia destruição.

O vento **vinha do Norte** — a direção de onde o julgamento veio em diversas épocas na conturbada história de Israel (e.g., Assíria, 721 a.C.; veja mapa 1). No tempo em que Ezequiel escreveu, 10.000 cidadãos importantes já estavam no exílio em decorrência da ação julgadora de Deus através da Babilônia. Depois de seis anos Jerusalém seria completamente destruída por esse "vento tempestuoso" **do Norte**. Os capítulos 4—24 narram detalhadamente predições sobre essa destruição.

Uma grande nuvem e **fogo** estavam no meio desse "vento tempestuoso". Esses dois símbolos significam a presença de Deus — nesse caso, sua presença é uma ação de juízo sobre Judá.

b) *As quatro criaturas viventes* (1.5-14). Em sua visão, Ezequiel viu **quatro animais** que **tinham a semelhança de um homem** (5). Isso provavelmente representa as forças de Nabucodonosor que precisavam ser liberadas com toda a sua fúria contra Jerusalém. Elas tinham **asas** (6), sugerindo habilidades peculiares que exércitos comuns, não liderados por Javé, não têm. As criaturas viventes, embora representem forças pagãs, estavam sendo enviadas pelo Senhor; portanto, não haveria força humana que as impedisse.

Suas **asas** uniam-se **uma à outra** (9; cf. v. 11), inferindo unidade de propósito; e não se viravam (cf. v. 12), sugerindo a determinação da sua intenção.

Cada uma dessas criaturas tinha quatro rostos (10): **rosto de homem**, mostrando sua identidade básica como vingadores humanos; **de leão**, indicando seu poder e terror;[4] **de boi**, sugerindo sua força constante a serviço de Deus; e **de águia**, mostrando que serão velozes para elevar-se acima da oposição mais forte que Jerusalém pudesse apresentar (veja Ap 4.7).

Essas criaturas viventes eram guiadas pelo Senhor, porque Ezequiel diz: **para onde o Espírito havia de ir, iam** (12).

c) *As rodas* (1.15-25). Ezequiel também viu algumas rodas (15ss). Ele as viu na **terra** (19). Cada criatura vivente tinha uma roda dentro da roda; e ao redor dos aros havia olhos. Essas rodas, perfeitamente redondas, representavam a presença de Deus da mesma forma que a nuvem e o fogo. Quando Ezequiel diz que **o Espírito dos animais** (criaturas viventes) **estava nas rodas** (21), ele quer dizer que o Senhor estava nelas (cf. "o Espírito os impelia", Moffatt). Os **olhos** nas **cambas** (18; "aros", NVI) das rodas significam a habilidade de Deus de olhar em todas as direções. Sua onipresença é chave por ser um Juiz plenamente sábio. **O aspecto** geral **das rodas e a obra** (estrutura) **delas eram como cor de turqueza** (16; "como o berilo", NVI), ou talvez como uma pedra de crisólito (RSV). A cor da jóia que se tinha em mente é incerta. Se fosse um berilo, talvez se assemelhasse a um verde escuro ou um verde azulado. Se fosse um crisólito (turqueza), talvez se assemelhasse a um verde amarelado (veja Êx 28.20; 39.13; Ez 28.13; Ap 21.20).

Sobre a cabeça (22) dessas criaturas viventes, com asas e acompanhadas de rodas, havia o que parecia um firmamento (**firmamentos**, ARC), uma expansão, o arco visível do céu. A KJV diz que o firmamento estava sobre a sua cabeça. **Por cima** ("acima", NVI) desse **firmamento** havia **uma semelhança de trono** (26), novamente significando julgamento.

d) *A menção da misericórdia* (1.26-28). O que segue nessa visão é realmente emocionante. Até esse ponto foi retratado o julgamento do Senhor; mas agora é descrita a misericórdia do Poderoso. Ezequiel profetiza a respeito do julgamento de Deus a Jerusalém (caps. 4—24) e das sete nações (caps. 25—32); mas no final o profeta pode falar de maneira confortadora ao povo a respeito de restauração e esperança (caps. 33—48). A última parte dessa visão inicial resume a mensagem final que Ezequiel profere, e encontramos esperança nela.

O profeta parece ter um vislumbre do Cristo, que um dia virá, transformando o julgamento em misericórdia. A NVI deixa isso claro: "Bem no alto, sobre o trono, havia uma figura que parecia um homem" (26). O fogo que envolve essa figura é característico dos relatos bíblicos da revelação de Deus (cf. Êx 3.2; 19.16-18; 2 Rs 18.36-39). A favor da interpretação de que essa era uma visão de Cristo, o Redentor prometido, está o fato de que o esplendor dessa "forma humana" é como **o aspecto do arco que aparece na nuvem no dia da chuva** (28). O arco-íris também tinha sido dado a Noé como uma promessa eterna (Gn 9.13-17). Evidentemente, essa inclusão do arco-íris na visão significa que a misericórdia está se aproximando. Quando Ezequiel viu a glória do Senhor, ele tomou a única postura apropriada para um homem nessas circunstâncias: **caí sobre o meu rosto**.

B. O CHAMADO PROPRIAMENTE DITO, 2.1—3.27

O capítulo 1 é um tipo de prefácio para o chamado do profeta. Os capítulos 2 e 3 descrevem o chamado propriamente dito.

1. *A Designação do Profeta* (2.1a)

No versículo 1 e em 86 outras ocasiões, o Senhor dirige-se a Ezequiel como **Filho do homem** (cf. Nm 23.19; Jó 25.6). Somente Ezequiel, de todos os profetas, é tratado dessa forma. Essa designação é um lembrete ao homem chamado para o ministério profético de que ele continua uma criatura frágil e finita. Ele não tem valor algum como profeta, a não ser que o Senhor encha sua boca com as coisas que ele deve falar.[5] Em Salmos 8.4 e Daniel 7.13 esse termo "Filho do homem" tem um significado messiânico. É possível que exista um certo grau desse significado no seu uso em Ezequiel. Como porta-voz de Deus junto ao Quebar, ele antevê Aquele que virá mais tarde em carne para falar em nome do Pai de forma direta. É significativo que, de acordo com todos os quatro Evangelhos, o título "Filho do homem" tornou-se o nome preferido do próprio Cristo — mas ele acrescentou o artigo definido para torná-lo "*o* Filho do homem".

O fato de a designação "Filho do homem" aparecer ao longo de toda a profecia de Ezequiel testifica a favor da unidade do livro, como é o caso da repetição de outras expressões (e.g., "Senhor Deus", 21 vezes; e "a mão do Senhor estava sobre" ele: 3.14, 22; 8.1; 33.22; 37.1; 40.1).

2. *A Convocação do Profeta* (2.1b-3a)

Foi dito a Ezequiel: **põe-te em pé** (1); e ao relatar a experiência, ele diz: **Então, entrou em mim o Espírito** [...] **e me pôs em pé** (2). O propósito era que ele se levan-

tasse e anunciasse com intrepidez em nome do Senhor, mas o Espírito Santo o ajudou a obedecer a essa ordem. Ele era declaradamente fraco, se fossem levados em conta somente os seus recursos. Mas era exatamente um homem assim que Deus poderia colocar diante dos exilados para adverti-los da necessidade de justiça pessoal.

A esse homem, recrutado para o serviço divino, o Senhor diz: **eu te envio aos filhos de Israel** (3).[6] Não parece ter havido nenhum ato de ordenação e envio como na Igreja do Novo Testamento (At 14.23). Há, no entanto, uma ordenação divina. Ezequiel foi enviado pelo Senhor para declarar mensagens firmes, mas, ao mesmo tempo, cheias de esperança para todos os filhos de Israel, tanto para os exilados como para aqueles que ainda estavam em Judá.

3. *O Povo a Quem Ele é Enviado* (2.3b-8a)

Israel é uma "nação rebelde" (3, NVI; "uma nação de rebeldes", RSV). Seu povo é de **semblante duro** (4; impudentes). Conseqüentemente, eles não choram de arrependimento ou contrição pelo pecado. Eles também são **obstinados**, i.e., teimosos. Um semblante duro significava que o coração também estava endurecido. **Seus pais** tinham se rebelado contra o Senhor, e o mesmo estava acontecendo com eles. Deus os descreve como **sarças e espinhos** (6), ou mesmo como **escorpiões**. Observe aqui a progressão da perniciosidade: de pequenas agulhadas de uma sarça, para o perfurar de espinhos, até a ferroada venenosa de escorpiões.

Como sarças, espinhos e escorpiões acabam causando dano aos homens, assim a **casa rebelde** se voltava contra Ezequiel com **suas palavras** e seu olhar cheio de rancor.

O **Senhor Jeová** (4) chamou o jovem sacerdote para um trabalho difícil. Mas o homem de Deus estava sendo enviado por Aquele que conhece tudo a respeito de rostos sem emoção e de corações teimosos. Era o próprio Deus que lhe dava as mensagens para serem transmitidas ao povo. Um homem pode ser forte quando sua mensagem tem o aval de Deus: **Assim diz o Senhor Jeová** (4).

4. *A Preparação do Profeta* (2.8b—3.3)

O verdadeiro porta-voz de Deus nunca traz uma mensagem que seja impessoal para ele mesmo, com a qual não teve de se confrontar primeiro, sobre a qual ele não chorou ou exultou. A palavra que anunciava para as pessoas primeiro passava pela sua própria alma — alegrando-o ou entristecendo-o.

Assim ocorreu com Ezequiel. Ele precisa falar por Deus, mas essa palavra deve primeiro ser internalizada. Assim, enquanto o Senhor estendia a sua mão e segurava **um rolo de livro** (9),[7] Ele disse: **abre a boca e come o que eu te dou** (8; cf. Ap 10.8-11). O **livro** estava repleto de mensagens a serem transmitidas, escritas não somente de um lado, como era de costume naqueles dias, mas **estava escrito por dentro e por fora** (10; "em ambos os lados", NVI).

O que o Senhor deu a Ezequiel pode ter sido uma representação figurada das palavras que ele deveria anunciar. Ou, como alguns pensam: ele poderia conter o livro de Jeremias. Qualquer que seja o caso, *a)* esse livro era do Senhor, e *b)* não era muito aprazível, contendo **lamentações, e suspiros, e ais** (10). Por mais que fosse amargo, Ezequiel precisava internalizar a mensagem. Não seria suficiente uma verbalização su-

perficial da verdade. A mensagem não deveria ser anunciada sem antes tocar profundamente o seu coração. Nenhum anúncio de pesar deveria ser proclamado sem que ele primeiro sentisse esse pesar e chorasse sobre ele. Muitos têm insistido na necessidade de um encontro divino-humano, ou num relacionamento pessoal com o Senhor. Fala-se que essa é uma maneira "nova" de relacionamento; mas isso não tem nada de novo. Ezequiel tinha uma vida de encontro vivo e autêntico com o Senhor, seu Deus, e cada dimensão do seu ser foi tocada pelas coisas que deveria ensinar. Suas profecias seriam suas, e do Senhor, mesmo em aspectos em que um outro homem de Deus (como Jeremias) tivesse sido o primeiro a declarar essas verdades e tivesse influenciado Ezequiel.

No ato de receber as "visões de Deus" (1.1), foi ordenado ao profeta: **come este rolo, e vai, e fala** (3.1). Primeiro precisava haver o influxo (ou seja, a assimilação) da mensagem e, então, a proclamação. Ao receber a mensagem, Ezequiel precisava abrir sua própria **boca** (2), mas foi Deus que lhe **deu** de **comer**. A preparação do homem não ocorreu à parte do seu próprio esforço, mas também não ocorreu à parte da ajuda decisiva de Deus. Pelo fato de a preparação de Ezequiel incluir esse aspecto das "duas vias", a palavra que ele recebeu e comeu tornou-se na sua **boca doce como o mel** (3; cf. Sl 19.10; 119.103).

5. *A Comissão do Profeta* (3.4-15)

Como ocorreu com o Filho do Homem posterior, o grande antítipo de Ezequiel, o profeta foi comissionado a ir à **casa de Israel** (4). De maneira geral, ele precisava profetizar a todo o povo de Israel, porém mais especificamente **aos do cativeiro** (11).

Ele é lembrado de que eles não são **muitos povos** (6), nem tribos pequenas e divergentes; e que não são **de estranha fala e de língua difícil, cujas palavras** ele não conseguiria **entender**. Em vez disso, ele é enviado ao seu povo, o povo de Deus. Os gentios **certamente** teriam dado **ouvidos**, mas esse não foi o caso da casa de Israel, "que rejeitava a luz e a misericórdia" e que **é de rosto obstinado e dura de coração** (7; cf. Is 48.4).

Ezequiel enfrentará um povo obstinado, mas Deus o tornará ainda mais obstinado em relação à mensagem divina que ele irá transmitir do que o povo é contra ela. Eles são duros como a pederneira, mas Ezequiel será **como diamante** [...] **mais forte do que a pederneira** (9; cf. Jr 17.1). Ele não deve temê-los por causa dos seus olhares de pederneira, não importa a sua rebeldia. Maior é aquele que estará com Ezequiel do que aqueles que serão contra ele. Ezequiel é o mais poético de todos os profetas, um idealista que estava inclinado a ensinar por meio de atos simbólicos em que a mensagem era dramatizada. Ele não era um homem para quem a controvérsia vinha naturalmente, e ele teria a tendência de se encolher diante daqueles que fariam de tudo para alcançar aquilo que queriam. Mas da mesma forma que Jeremias recebeu forças para uma tarefa que não era natural para ele (Jr 1.18; 20.7-18), Ezequiel também recebeu.

Quer as pessoas **ouçam quer deixem de ouvir** (11), Ezequiel é comissionado e fortalecido a anunciar a ruína delas (caps. 3—24), a ruína dos seus vizinhos pagãos (caps. 25—32) e também o amanhecer de um novo dia (caps. 33—48).

Novamente **o Espírito** (12) o eleva. As **asas dos animais** (criaturas viventes) [...] **tocavam** (lit. beijavam) **umas nas outras** (13); houve um **sonido de um grande estrondo** (terremoto); e **a mão do SENHOR** (14) **era forte sobre** o profeta.

Ezequiel ficou ali por **sete dias** (15; o tempo estabelecido para o luto, Jó 2.13) no meio dos cativos em **Tel-Abibe** — a palavra significa "colina de cereais novos [de cevada]". Enquanto estava sentado ficou **pasmado**, i.e., atônito, perplexo, e em silêncio. Esse talvez tenha sido uma parte da preparação de Ezequiel para sua tarefa. Um tempo de silêncio, em um lugar solitário, foi dado a muitos no início do seu serviço (e.g.: Jesus, após o seu batismo e Paulo em Gl 1.17).

6. *A Responsabilidade do Profeta* (3.16-27)

Quando os sete dias de silêncio passaram, o Senhor revelou a Ezequiel o importante ofício que tinha sido dado a ele. Ele deve ser uma sentinela, um **atalaia** sobre os interesses de muitos, advertindo-os contra a insensatez (17). Habacuque também tinha sido um atalaia (Hb 2.1), bem como Isaías (Is 56.10) e Jeremias (Jr 6.17). Mas eles tinham sido principalmente vigias sobre o destino de Israel como um todo. Ezequiel, de forma semelhante, é um vigia sobre a nação; mas sua incumbência aqui era particularmente advertir indivíduos.

Considere um homem **ímpio**. Se Ezequiel não o avisasse, e ele morresse, o homem sofreria as conseqüências da sua maldade — e Ezequiel seria culpado do **seu sangue** (18), i.e., de assassinato ou homicídio. Mas se Ezequiel avisasse o homem, o profeta não seria responsável, mesmo se esse homem continuasse obstinadamente no seu pecado (19). **Livraste a tua alma** significa "salvou a sua vida" (RSV), "você estará livre dessa culpa" (NVI) ou "salvou-se a si mesmo" (Smith-Goodspeed).

Além disso, Ezequiel deveria avisar **o justo** (20) para não **se desviar da sua justiça e** fazer **maldade**. Se **eu puser diante dele um tropeço** é traduzido por Moffatt como: "quando colocar uma tentação diante dele". Somente cerca de mil anos mais tarde foram ensinadas a eleição incondicional e a segurança eterna, quando Agostinho, baseado no estoicismo e gnosticismo, tornou-se cristão e mais tarde teólogo. Calvino e o calvinismo apareceram cerca de dois mil anos mais tarde. Ezequiel teria muita dificuldade em aceitar que esses ensinamentos seriam um dia defendidos por um amplo segmento do povo de Deus. Ezequiel deixa claro que se um homem justo se desviar e morrer em seu pecado, as **suas justiças que praticara não virão em memória**. Certamente, seria necessário uma "desfiguração" do significado do texto para que se pudesse ensinar que os crentes nunca poderão perder a sua salvação, diante de ensinamentos como esse (veja também Rm 11.22).

Ezequiel, então, é chamado para ser um vigia e advertir os indivíduos de que devem voltar-se da maldade para a justiça e continuar na justiça o restante das suas vidas.

O profeta que foi chamado para anunciar palavras de advertência a Israel devia primeiramente encerrar-se na sua própria casa (24), refrear-se de anunciar os oráculos de Deus e buscar a presença de Deus. Então, no tempo oportuno, Deus abriria a sua **boca** (27), e ele anunciaria a palavra de Deus para a **casa rebelde**. Não se sabe ao certo o significado da palavra **vale** nos versículos 22-23.

"O Chamado dos Cativos de Quebar" reflete verdades relevantes para os obreiros cristãos. O texto poderia ser: "Filho do homem, eu te envio" (2.3); e a leitura bíblica poderia incluir todo o capítulo 2. 1) Os ouvintes do mensageiro (2.3b-8a). 2) A preparação do obreiro (2.8b—3.3). 3) A comissão (3.4-15). 4) A responsabilidade (3.16-27).

Seção II

PROFECIAS CONTRA JERUSALÉM

Ezequiel 4.1—24.27

Os capítulos 4—24 contêm profecias dirigidas ao povo de Jerusalém que foram anunciadas antes da destruição da cidade pelas mãos de Nabucodonosor em 586 a.C. Nessas profecias, há atos simbólicos, como também oráculos falados que são proferidos em nome do Senhor. Enigmas, alegorias e símbolos são usados como meios à mensagem que o Senhor deu a Ezequiel para transmitir a Israel. Há épocas de esperança quando se diz ao povo de Israel que ele pode receber o perdão e um novo coração. Mas o teor geral desses capítulos é de denúncia.

A. Quatro Atos Simbólicos, 4.1—5.17

Imediatamente após o chamado de Ezequiel para ser o porta-voz de Deus, o Senhor o trancou em sua própria casa (3.24), proibindo-o de abrir sua boca para falar (3.26). Em vez de lhe dar um ministério oral, Deus dirigiu-o a expressar em ações quatro mensagens especiais para a casa rebelde de Israel. Os ouvintes do profeta também incluíam aqueles que ainda viviam em Judá, porque havia uma comunicação considerável entre os exilados e a terra natal.

Para os ocidentais, as ações simbólicas de Ezequiel parecem estranhas. Mas naquela região do mundo, expressar uma mensagem através de ações não era incomum. A teologia em nossa época, depois de ter passado por muitos séculos de domínio platônico, em que se ressalta idéias abstratas, está retornando à ênfase bíblica acerca da importância da ação concreta tal como a lemos em Ezequiel. Chamamos essa ênfase de "existencial", e, para muitos, parece algo novo. Mas, na verdade, essa é a ênfase do hebraico e das

Escrituras do Novo Testamento. Deus aparece de forma concreta entre nós em Cristo, morre em uma cruz romana de verdade, ressuscita corporalmente, ascende literalmente aos céus e anuncia que vai voltar de forma visível.

1. *Um Modelo do Cerco em Argila* (4.1-3)

Ezequiel deveria tomar um **tijolo** (1), desenhar nele a cidade de Jerusalém e representar o cerco da cidade que havia profetizado no capítulo 1. O cerco começou cerca de quatro anos depois da profecia. O tijolo usado deve ter sido fabricado de argila ou barro com cerca de 40 centímetros de largura por 12 de espessura. Esse é o tipo de tijolo encontrado nos muros da Babilônia, e muitos deles podem ser vistos no Museu Britânico hoje. Era costume da época escrever nesses tijolos.

Com argila mole, Ezequiel deveria moldar uma fortificação, um acampamento e aríetes ("tranqueira") ao redor dela. Ele usou uma panela de ferro ou uma assadeira, para representar o muro fortificado entre os sitiadores e a cidade.

Os **aríetes** (2) eram colocados em torres móveis. Dessas torres podia-se observar uma cidade sitiada e atirar setas contra seus defensores. O princípio do **aríete** era o mesmo que ainda é usado para derrubar paredes de prédios que estão sendo demolidos. Uma grande viga era lançada da torre. Os homens erguiam essa viga e a deixavam pender contra os muros da cidade.

2. *Levando suas Iniqüidades* (4.4-8)

Ezequiel deveria deitar-se sobre o seu **lado esquerdo** (4) por 390 dias para levar **a maldade da casa de Judá** (6). **O teu braço descoberto** (7), ou "com braço desnudo" (NVI). Ele será amarrado com **cordas** (8) e não mudará de posição até que o cerco chegue ao fim. Provavelmente, durante a maior parte do dia, todos os dias, o profeta ficava nessa posição, e, dessa forma, instruía por meio de um ato simbólico a todos que entravam na casa desse homem estranho e silencioso. O cerco de Jerusalém terminou em 586 a.C. e durou bem mais do que 430 dias, de acordo com Jeremias 39.1 e 52.4-7 (veja também 2 Rs 25.1-2).[1] No entanto, durante esse período Nabucodonosor teve de abandonar o cerco de Jerusalém por um período e lutar contra os egípcios; dessa forma, é possível que o cerco não tenha demorado mais do que 430 dias.

Também há a sugestão nessa passagem de que cada um dos 390 dias represente um ano do pecado de Israel, e que os 40 dias representem o número de anos em que Judá tinha sido infiel a Deus. Lemos aqui que o número de dias será "equivalente ao número de anos da iniqüidade dela" (5, NVI). Os 390 dias, que se acredita representarem os anos de maldade pelos quais Israel merece o castigo do cerco de Nabucodonosor, podem referir-se aos anos que começam com o seu primeiro rei, Saul (10.8), e se estendem até a queda de Israel em 721 a.C.; mas se considerarmos essas datas, os anos seriam 350 em vez de 390. Com respeito aos 40 anos do castigo de Judá, não há um período definido na história do reino ao qual isso possa ser associado.

A Septuaginta traz 190 dias nos versículos 5 e 9 em vez de 390, e esses 190 dias incluem os 40. Nesse caso, os primeiros 150 dias podem referir-se aproximadamente aos 148 anos da deportação de Tiglate-Pileser em 734 a.C. até a queda de Jerusalém em 586 a.C. Nesse caso, os 40 dias referem-se aproximadamente ao período de 586 até o retorno de Judá à sua terra natal em 536 a.C.

A verdade significativa aqui, no entanto, é que, por meio do cerco e da queda de Jerusalém, tanto Israel quanto Judá serão punidos pelos anos da sua maldade. Ezequiel, deitado de lado, deve levar a maldade simbolicamente, prefigurando o tempo quando o Filho do Homem divino levará a iniqüidade de muitos sobre a cruz romana. Temos aqui um vislumbre do sofrimento vicário de Cristo.

3. *Racionamento da sua Comida e Água* (4.9-17)

Ezequiel deveria fazer **pão** (9) e comer somente uma pequena porção dele cada dia. Ele podia comer **vinte siclos cada dia**. Calcula-se que isso daria em torno de 240 gramas. Mas não está claro se o autor está se referindo a vinte siclos hebraicos ou babilônicos. A **água** que Ezequiel tinha permissão de tomar cada dia era **a sexta parte de um him** (11), ou pouco mais de meio litro. Nos versículos 16-17, Deus deixa claro a Ezequiel o significado desses símbolos na vida de Judá. Sabemos com base em Jeremias 37.21 que o pão foi racionado durante o cerco.

O pão devia ser assado com **o esterco que sai do homem** (12). Esse pão imundo era para mostrar como a religião de Israel se tornaria imunda **entre as nações** (13), onde eles seriam dispersos pela mão de Deus. Depois disso, Ezequiel se queixou, semelhantemente a Pedro (At 10.14), de que nunca havia comido qualquer coisa impura. Então o Senhor permitiu que fosse usado **esterco de vacas** (14-15) em vez de humano.

4. *Rapando a Cabeça e a Barba* (5.1-17)

Ezequiel foi então instruído a apanhar **uma faca afiada** (1), provavelmente uma espada curta e afiada como uma navalha, exemplares dos quais podem ser vistos no Museu Britânico. Ele deveria cortar seu cabelo e **barba**, dividindo o cabelo em três partes. O versículo 12 descreve com clareza o que cada parte representava, ou seja, o que aconteceria com os habitantes de Jerusalém quando Nabucodonosor destruísse a cidade.

Esta é Jerusalém (5) significa: Esta parte do cabelo representa Jerusalém. Os chineses se autodenominavam o Reino do Meio porque achavam que haviam sido colocados no meio do mundo; e os romanos mais tarde diziam que a sua capital era central porque "todos os caminhos levam a Roma". Da mesma forma, pensava-se que Jerusalém estava no centro das coisas. Deus a havia colocado num lugar especial. O Senhor disse a Jerusalém: **pu-la no meio das nações e terras que estão ao redor dela**.

Mas a cidade estava vivendo em pecado, mais do que as nações pagãs. Assim, Deus mudou sua atitude em relação ao seu povo e disse: **executarei juízos no meio de ti aos olhos das nações** (pagãs; 8).

As três porções do cabelo de Ezequiel (1-4) representavam aquilo que aconteceria aos habitantes de Jerusalém. Uma terça parte morreria de doença e **fome** (12); a outra terça parte cairia **à espada**; e a outra parte seria espalhada **a todos os ventos** pelo exílio. Somente alguns permaneceriam na terra, sob Gedalias, que eram representados por alguns cabelos tirados da última das três partes e que haviam sido atados nas bordas da sua **veste** (manto; 3). Mesmo esses poucos sofreriam grandemente, como foi demonstrado pelo ato em que o profeta queimou, mais tarde, os poucos cabelos que representavam os que ficariam na terra. O castigo viria sobre **toda a casa de Israel** (4).

Assim, os capítulos 4 e 5 descrevem os quatro atos simbólicos por meio dos quais o profeta revelou o que aconteceria dentro em breve a Jerusalém. Nabucodonosor, um rei pagão, executaria o castigo, mas ele o faria em nome do Deus de Israel.

Os capítulos 6—24 descrevem em detalhes os julgamentos que vão sobrevir irrevogavelmente sobre a nação que possuía todas as coisas, mas que, por causa do seu pecado, logo não teria nada.

B. DOIS DISCURSOS ACERCA DA DESTRUIÇÃO DE ISRAEL, 6.1—7.27

Finalmente, o silêncio do vidente é quebrado, e ele agora pode anunciar as profecias de destruição que, em breve, se cumprirão na terra de Israel. O capítulo 6 contém um discurso acerca do julgamento que ocorrerá a Israel por causa da sua idolatria, com a menção de um remanescente que será salvo. O capítulo 7 é um discurso separado, mas trata da iminência e inevitabilidade da desgraça vindoura. Os dois discursos ocorrem após a ação simbólica do capítulo 5, na qual o cabelo e a barba cortados do profeta, divididos em três partes, representam a destruição que aguarda Jerusalém. Mas, enquanto o capítulo 5 lida somente com Jerusalém, esses discursos incluem toda a terra de Israel em suas denúncias.

1. *O Primeiro Discurso* (6.1-14)

O problema de Israel era o pecado dos pecados, a idolatria. Como ocorre hoje com muitas pessoas que se comprometem com Deus somente pela metade, possuem um coração dividido que as leva a ter um desejo de ser como o mundo é, como ocorreu com Israel. Em tudo que fazia, tinha como base a adoração idólatra, especialmente a Baal, o deus-sol. E Israel constantemente caía nos caminhos do mundo que o envolvia.

Baal era adorado especialmente nos **outeiros**. Assim Ezequiel personificou **os montes** (3) e dirige suas profecias contra eles. Ele levanta a voz contra os santuários pagãos chamados de **altos** (3, 6).

Os Dez Mandamentos tinham sido dados cerca de mil anos antes, e somente alguns anos antes da época de Ezequiel, debaixo do reinado de Josias, houve um avivamento com ênfase na guarda das leis de Deus. Os israelitas, portanto, não podiam estar inconscientes de que a idolatria era um pecado grave. Mas eles cederam repetidas vezes a esse pecado.

Muitas vezes o pecado da idolatria no Antigo Testamento é retratado como o pior de todos os pecados. É por isso que Jeroboão pecou mais do que os reis que reinaram antes dele. Saul havia pecado, como foi o caso de Salomão e Davi. Mas Jeroboão[2] foi idólatra e levou o povo à adoração pagã; por isso, ele foi considerado o pior rei de todos que haviam reinado em Israel até então (1 Rs 14.9).

O motivo de a idolatria ser considerada o pior de todos os pecados é que ela é uma afronta não somente ao que Deus ordenou, mas também à pessoa do próprio Deus. A idolatria se caracteriza pela infidelidade a Deus e é, por isso, muitas vezes descrita como adultério espiritual no Antigo Testamento (cf. Os 1.2).

Nesse capítulo, Deus declara que tanto os ídolos quanto os idólatras serão quebrados (4). E os santuários de ídolos ficarão poluídos pelos **ossos** dos mortos (5). **Me que-**

brantei por causa do seu coração corrompido (9) é invertido por algumas traduções mais modernas, e.g.: "Quebrantei seus corações adúlteros" (Berkeley). Somente **um resto** (8) do povo escapará da **espada**, da **fome** e da **peste** (11). Sempre que o povo se tornava obstinado no seu pecado, havia um remanescente que não curvava seu joelho diante de Baal. Ele será misericordioso com todos aqueles que adorarem o Deus vivo e amoroso. Ezequiel era um deles, como foram Jeremias e Daniel na mesma época.

Mais assolada do que o deserto da banda de Ribla (14) recebe um significado adicional na versão Berkeley: "uma desolação e um ermo do deserto [do sul] de Ribla". Isso representava a extensão máxima do território de Israel, desde o deserto de Judá até o norte da Síria (1 Rs 8.65).

2. *O Segundo Discurso* (7.1-27)

Um discurso similar no que diz respeito à destruição segue imediatamente o discurso proclamado no capítulo 6.

a) *Extensão da destruição.* **Os quatro cantos da terra** (2), i.e., a terra em todas as direções — norte, sul, leste e oeste — sofrerá o julgamento de Deus. Nesse capítulo, não encontramos a menção de um remanescente (resto).

b) *Iminência da destruição.* **Agora** (3) é o tempo em que ocorrerá **o fim** das **abominações** de Israel ("práticas repugnantes", NVI). No Novo Testamento, o julgamento do pecado é geralmente postergado até que a alma teimosa sofra eternamente no inferno — embora haja algumas exceções, tal como o julgamento imediato que veio sobre Ananias e Safira (At 5.1-11). No Antigo Testamento, em que o castigo eterno é ensinado ocasionalmente (e.g., Dn 12.2), o método mais comum do Senhor era começar a castigar os homens pelos seus pecados ainda nesta vida. É o que ocorre nesse capítulo. Deus não permitirá que os pecadores floresçam como árvores frondosas; em vez disso, Ele os cortará no meio do seu pecado, como uma lição prática para todos, lembrando que o Senhor é, de fato, o Senhor. **Não te pouparei o meu olho** (4) significa: "Não terei misericórdia nem piedade" (Moffatt).

c) *Clareza da destruição inevitável.* A destruição vindoura será **um mal** [...] **um só mal** [final] (5). Será um mal como nunca se viu. A frase: **Chegado é o dia da turbação** (7) talvez deveria ser traduzido como: "O circuito dos teus pecados chegou ao fim".[3] Shroder pode estar certo em sugerir a seguinte tradução: "Chegou a sua hora".[4] O sentido é que a destruição certamente virá, o dia do destino está prestes a se manifestar. **Não da alegria, sobre os montes**, tem sido traduzido da seguinte maneira: "não gritos alegres sobre os montes", e é interpretado como: "nem gritos de alegria pela ceifa nem gritos pagãos de adoradores idólatras" (Berkeley, nota de rodapé). No versículo 9, Ezequiel reconhece a justiça de Deus ao declarar: **conforme os teus caminhos, assim carregarei sobre ti** [...] **e sabereis que eu, o SENHOR, castigo.**

d) *Descrição da destruição.* Quando chegar a vez do sofrimento de Judá, a destruição será completa. A última parte do versículo 10 e a primeira parte do versículo 11 foram traduzidas da seguinte forma: "A arrogância floresceu. A insolência brotou. A violência tomou a forma de um rebento de maldade" (Smith-Goodspeed). Na expressão: **nem ha-**

verá lamentação (11), a palavra que foi traduzida por **lamentação** também pode se referir àquilo que é glorioso ou bonito. A RSV traz "preeminência", mas admite numa nota de rodapé que o hebraico não é claro. A passagem provavelmente significa que nada de importante ou de extraordinário será deixado em toda a terra.

O comprador (12) de uma terra não se alegrará com sua posse, porque não poderá aproveitá-la. Aquele **que vende** não precisa se entristecer por ter de vender a sua posse; ela não teria nenhuma utilidade para ele. **Toda a multidão** indica que todos na cidade estarão debaixo do julgamento do castigo de Deus.

Aquele **que vende não tornará a possuir o que vendeu** (13). Isso se refere à lei de propriedade entre os judeus. Na lei judaica existia a propriedade privada, mas havia restrições em relação ao acúmulo de terras por indivíduos e famílias ricas. A venda de terra era válida somente até o ano do jubileu, que ocorria a cada cinqüenta anos; nessa data todas as terras voltavam ao seu dono original. Aqui está inferido que mesmo se um vendedor continuasse vivo, o exílio se prolongaria tanto que não seria possível voltar e usufruir a sua terra. O hebraico da última parte do versículo 13 é obscuro. Moffatt o interpreta da seguinte forma: "A ira sobrevém a toda a cidade [...] e ninguém prosperará com transações iníquas".

O versículo 14 deixa claro que tentativas humanas de proteção são inúteis diante da ira de Deus. O versículo 15 indica que os que escapam de uma destruição serão apanhados em outra fase dela. Algumas pessoas **escaparão** (16) para os **montes**; mas eles não terão escapado das suas consciências. Todos estarão **gemendo, cada um por causa da sua maldade**. No versículo 17, vemos uma figura de linguagem bastante comum: fraco como água.

Ainda que possuam dinheiro com eles, **nem a sua prata nem o seu ouro os poderá livrar no dia do furor do SENHOR** (19). Ezequiel declara que essas riquezas **não fartarão a** alma deles, e debaixo do castigo de Deus não chegarão a encher seus estômagos (**entranhas**). O versículo 18 apresenta dois símbolos comuns de lamento entre os judeus — **pano de saco** e **cabeça** calva (cabeça rapada). **Vergonha** e **terror** transparecerão nos seus **rostos**. Se os israelitas precisavam ouvir isso de Ezequiel, quanto mais os homens em nosso mundo materialista precisam ouvir esse tipo de mensagem, para quem o propósito principal de vida é acumular a máximo possível desses bens terrenos!

A NVI traduz o versículo 20 da seguinte forma: "Eles tinham orgulho de suas lindas jóias e as usavam para fazer os seus ídolos repugnantes e as suas imagens detestáveis. Por isso tornarei essas coisas em algo impuro para eles". Visto que Israel havia manchado a sua riqueza, Deus a entregará **na mão dos estranhos** [...] **por presa** (21). Mesmo **o meu lugar oculto** (22; o Templo) será saqueado e maculado. A RSV interpreta **Faze uma cadeia** (23) como "faze uma desolação". Nesse dia de calamidade, nenhum dos líderes de Israel será capaz de ajudar — nem **profeta** (26), nem **sacerdote**, nem **anciãos**, nem **rei** (27), nem **príncipe**.

C. ABOMINAÇÕES E JULGAMENTOS, 8.1—11.25

Os capítulos 8—11 formam uma unidade no que diz respeito às profecias da queda de Jerusalém. Eles brotam da visão dada a Ezequiel, e tem a ver com as abominações que estavam acontecendo na terra de Judá — assim como aos julgamentos que ainda ocorreriam.

1. *A Data* (8.1)

Nenhum outro profeta é tão cuidadoso em relação a datas quanto Ezequiel. Quando começa a apresentar essa série de profecias, ele nos relata o dia em que foram proferidas. O **sexto ano** (1) é 591 a.C., ou seja, o sexto ano da prisão do rei Joaquim. Ezequiel especifica que é o **mês sexto** e o **quinto dia do** mês, ou seja, o início de setembro, 591 a.C.[5] O tempo dessas profecias, portanto, ocorreu catorze meses depois dos oráculos anteriores (1.2; 3.16) que relatam a primeira visão de Ezequiel e seu chamado. O profeta não apresenta outra data até o capítulo 20.1, e a data nesse texto é agosto de 590 a.C.. Assim podemos presumir que o que se encontra escrito nos capítulos 8 a 19 foi proferido entre setembro de 591 e agosto de 590 a.C.

2. *Formas da Adoração Falsa* (8.1-18)

Naquele dia de setembro de 591 a.C., Ezequiel estava **assentado** em sua **casa** com **os anciãos de Judá** (1; os líderes do exílio na Babilônia) diante dele. A descrição da **aparência** de Deus (2) se assemelha com o que Ezequiel viu em 1.26-27 (veja comentários desse texto). **A forma de uma mão** (3) parecia tomar o profeta pelo cabelo e transportá-lo para **Jerusalém**. Que ele foi levado lá espiritualmente, não fisicamente, é sugerido pela declaração de que foi trazido **a Jerusalém em visões de Deus**. Em vez **da porta do pátio de dentro** a RSV traz: "a entrada da porta do pátio interno", que está de acordo com a descrição do Templo em 1 Reis 7.12 e 2 Rs 20.4 (veja Quadro C).

a) *"A imagem do ciúme"*. Essa imagem era um ídolo que ficava no Templo em Jerusalém provocando **o ciúme de Deus** (3). O profeta pode estar se referindo à imagem que estava lá no reinado de Manassés, pouco antes da reforma do rei Josias. Essa imagem havia sido levado embora, mas pode ter retornado na época de Ezequiel (veja 2 Cr 33.7, 15).

b) *Ídolos na forma de animais*. A figura do **buraco na parede** (7) pode sugerir o meio de descobrir o que estava acontecendo em segredo atrás da parede. Os ídolos na forma de animais **pintados na parede em todo o redor** (10), da parte interior do Templo, eram adorados **nas trevas** (12). Os homens que participavam dessa adoração de ídolos certamente sabiam o quanto estavam profanando o Templo. Eles eram os **setenta homens dos anciãos da casa de Israel** (11) que deviam estar confiantes em sua sabedoria humana. **Jazanias, filho de Safã**, é desconhecido. Eles estavam enganados quando disseram: **O SENHOR não nos vê** (12). O que era feito às escondidas naqueles dias foi visto pelo Senhor, da mesma forma como ocorre hoje. Paredes espessas e escuridão espessa não atrapalham em nada a visão de raio-x do Senhor que vê todas as coisas.

c) *Tamuz*. Esse deus era adorado abertamente à **porta da Casa do SENHOR, que está da banda do norte** (14; veja Quadro C) por **mulheres** idólatras. Não só os homens estavam longe de Deus, mas as mulheres, que muitas vezes parecem se adaptar melhor na fé do que os homens, eram igualmente infiéis a Deus. **Tamuz**, diante de quem elas se dobravam, era um deus que os babilônios tinham herdado dos sumérios, povo que havia prosperado anteriormente naquela área. Tamuz era o deus da vegetação e fertilidade.[6]

O sol também era adorado por 25 homens dentro do Templo. **Entre o pórtico e o altar** seria o lugar santo do Templo. Eles ficavam **de costas para o templo** (16), com o rosto para o sol. A adoração do sol havia sido praticada pelos cananeus e tinha sido introduzida pouco antes pelos poderosos assírios. Parece que houve um crescimento nessas abominações, tornando a adoração do sol a pior de todas (15). Isso pode ser porque o sol, não feito por mãos humanas e uma fonte misteriosa de luz e vida, era mais prontamente aceito do que o igualmente misterioso Deus.

Ei-los a chegar o ramo ao seu nariz (17) é uma tradução literal, mas deixa o leitor com dúvidas quanto ao seu significado. Moffatt interpreta em sua tradução: "Eles estão enchendo minhas narinas com seu mau cheiro!". Isso faz sentido, como é o caso da interpretação de Smith-Goodspeed: "Veja! Eles estão forçando suas obscenidades contra minhas narinas". Por todas essas práticas abomináveis de adoração o Senhor procederá **com furor** (18) em relação a Judá.

3. *A Matança dos Pecadores* (9.1-11)

No capítulo 9, Ezequiel passa da descrição das abominações de Judá para uma profecia de julgamento de Deus. **Seis homens** do **norte** (2), que evidentemente são anjos, devem executar a matança de todas as pessoas que escolhem ídolos em lugar de Deus. Sua vinda do norte é típica, visto que a missão é de julgamento (veja 1.4). É possível que Ezequiel esteja vendo a matança que Nabucodonosor em breve executará, e que esses seis anjos, com o sétimo (que marca com um sinal as testas daqueles que serão poupados), representem o exército do rei da Babilônia.

Em sua visão Ezequiel viu **a glória do Deus de Israel** (3) em seu lugar de habitação no Templo. Sua presença assegura que em toda essa matança há um acompanhamento de misericórdia; os justos serão poupados. Antes que os seis anjos destruidores entrem, um sétimo anjo passará pela cidade e marcará o povo que será poupado. Esse anjo estava **vestido de linho** (3), a roupa de pureza daquela época — diferente da lã, que causava muita transpiração. Ele deveria marcar **com um sinal as testas dos homens que suspiram e que gemem por causa de todas as abominações** (4). Aqueles que foram marcados dessa forma, e somente esses, deveriam ser poupados. Essa imagem é semelhante à imagem que João viu em Apocalipse 7.3-4 e 22.4.

Há épocas em que o julgamento moral se torna mais importante do que a justiça cerimonial. No Antigo Testamento, as pessoas se tornavam impuras quando tocavam em um corpo morto. Por outro lado, a pessoa podia estar a salvo se ela se refugiasse em um lugar santo (cf. 1 Rs 1.51-52). No entanto, no tempo do julgamento de Deus, seus servos chegam a ser instruídos a contaminar **a casa** (7) para que a justiça pudesse prevalecer. De acordo com essa profecia, Deus está pronto a mostrar misericórdia sempre que for possível. Há momentos, como os que são retratados aqui, em que o povo de Deus é libertado do sofrimento, além de desfrutar da redenção. Há outros momentos em que seu povo experimenta apenas a redenção, e a dor do sofrimento é experimentada tanto por eles como pelos injustos. É Deus quem decide se serão eximidos do sofrimento ou se sofrerão para o bem de outros. O justo deve ser grato pela redenção, quer seja poupado de situações que provam a sua alma ou não. O cristão que está completamente rendido à vontade de Deus e que tem uma visão ampla das coisas espirituais não se preocupa em passar pelos chamados desertos nessa vida. Ele sofre com Cristo, se for o caso, para ser

glorificado num dia de esplendor futuro. No versículo 9, fica claro que a falta de fé era o grande pecado de Israel. **Eles dizem: O SENHOR deixou a terra, o SENHOR não vê.**

4. *O Fogo e a Glória* (10.1-22)

Nessa visão, Ezequiel vê novamente uma grande parte do que viu no capítulo 1 (veja comentários lá). Mas aqui são introduzidos alguns detalhes novos. O **querubim**, as **brasas acesas** (2) e a **nuvem** (3) nos lembram de Isaías 6.1-6. Embora se refiram a um julgamento que se aproxima, o julgamento é uma purificação do pecado da terra. É o mesmo anjo que no capítulo 9 tem a incumbência de marcar um sinal nas testas dos justos para que possam ser poupados. Ele aqui cumpre a ordem de colocar fogo na **cidade** (2).

Três vezes nesse capítulo (vv. 15, 20, 22) o profeta nos relata que os **animais** (seres viventes) que ele observa na visão, e que ele identifica com **os querubins** (15), são os que ele viu nas suas visões anteriores quando estava próximo do rio Quebar. A nova visão daquilo que deve acontecer simplesmente confirma a visão anterior, embora venha com novos detalhes. O significado dos símbolos vistos por Ezequiel nem sempre é tão claro quanto gostaríamos que fosse. Talvez exatamente esse fato aponte para o elemento essencial do mistério na revelação que Deus nos dá. Quem consegue descrever adequadamente as maravilhas daqueles momentos em que a presença de Deus é mais claramente sentida?

5. *Redenção para o Remanescente* (11.1-23)

O capítulo 11 fala de julgamento, como é o caso da maioria dos capítulos dessa seção de Ezequiel. Em sua visão, o profeta viu 25 líderes de Jerusalém no Templo. Eles tinham aconselhado o povo a se rebelar contra Nabucodonosor e a se unir ao Egito, que era um país menos poderoso do que a Babilônia. Eles não queriam que o povo concordasse com o seu destino. Em vez disso, se rebelaram contra as ordens babilônicas. No versículo 3, esses líderes estavam obviamente procurando refutar as profecias de Ezequiel de que o tempo da destruição estava próximo. Eles acreditavam que Jerusalém era uma **panela** protetora (11) na qual seu povo seria preservado. Por meio de Ezequiel, Deus os refuta dizendo: "Esta cidade não será uma panela para vocês, nem vocês serão carne dentro dela; eu os julgarei nas fronteiras de Israel" (v. 11, NVI). Entre esses 25 homens havia dois **príncipes do povo**: **Jazanias** e **Pelatias** (1). Em sua visão, Ezequiel viu **Pelatias** cair morto enquanto ele, Ezequiel, estava anunciando sua profecia contra esses idólatras (13).

O aspecto tão imediato desse julgamento desanimou o profeta, e ele perguntou ao Senhor se todos teriam o mesmo destino, ou se o Senhor olharia de modo favorável **ao resto** (remanescente) **de Israel**, que era justo. A resposta que Ezequiel recebeu é uma das mensagens mais esperançosas e nobres encontradas nos 48 capítulos dessa profecia.

A RSV explica o significado do versículo 15 desta forma: "Filho do homem, seus irmãos, sim, seus irmãos que estão no exílio, toda a casa de Israel, são aqueles de quem o povo de Jerusalém tem dito: 'Eles estão longe do SENHOR. É a nós que esta terra foi dada, para ser nossa propriedade'". Mas esses rumores que circulavam em Jerusalém eram falsos.

Sim, Ezequiel cria coragem. Nem todos os israelitas são semelhantes aos 25 líderes falsos que anunciaram ao povo aquilo que eles queriam ouvir. Nem todos os israelitas concordaram com esses falsos líderes. Havia pelo menos alguns, um remanescente de

exilados, que escapariam da destruição. A maioria deles estava no cativeiro, "companheiros de exílio" de Ezequiel, que não concordaram com essas esperanças falsas e lisonjeiras. Esse era o povo que dava ouvidos aos verdadeiros profetas como Jeremias e Ezequiel. Os profetas fiéis queriam que o povo aceitasse o julgamento de Deus e suportasse a opressão de Nabucodonosor. Eles aconselharam Judá a não se revoltar esperando que um Egito já enfraquecido se uniria a eles e seria capaz de subjugar a poderosa Babilônia. Jeremias tinha dito que a opressão duraria 70 anos (Jr 25.11-12). Não resultaria em nenhum benefício procurar escapar desse jugo depois de alguns anos — como Israel procurou fazer debaixo do reinado de Zedequias.

Jerusalém seria **a panela** para muitos, e seu povo, de modo geral, seria **a carne**, cozinhada na panela (7). Mas aqueles que foram espalhados para longe e que serviam o Senhor receberiam a misericórdia de Deus. Deus seria "um santuário para eles por breve tempo nas terras para onde foram" (v. 16, RSV).

Várias coisas boas aconteceriam a esse remanescente. A profecia do versículo 18 foi cumprida precisamente depois do retorno da Babilônia. Israel nunca mais voltou à idolatria após o seu exílio. Também havia um paralelo impressionante entre o que aconteceria a eles e o que haveria de acontecer ao povo de Deus na futura dispensação do Espírito Santo (cf. 36.25-29).

"A Redenção do Remanescente" é um tema ilustrado nesse capítulo. O pensamento central pode ser encontrado na pergunta: **Ah! Senhor JEOVÁ! Darás tu fim ao resto de Israel?** (13); e a resposta é: **lhes servirei de santuário, por um pouco de tempo** (16). 1) **Um mesmo coração** (19a). 2) **Um espírito novo** (19b). 3) **Um coração de carne** (19d).

a) *Um coração* (11.19). Eles não serão mais divididos entre a idéia de servir ou não ao Senhor. Eles não serão mais irresolutos, com seus corações divididos, e, conseqüentemente, inconstantes em seu viver para o Senhor. Eles terão um coração puro; isto é, eles serão motivados por apenas uma coisa — fazer a vontade de Deus. Eles serão capazes de dizer, como Paulo disse nos tempos do Novo Testamento: "Uma coisa eu faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam [...] prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Fl 3.13-14). O que o remanescente de Israel receberia era o que a Igreja Primitiva recebeu mais tarde. Dela foi dito: "E era um o coração e a alma da multidão dos que criam" (At 4.32).

b) *Um novo espírito*. O remanescente trocará o espírito de murmuração pelo espírito de louvor. Novamente temos uma predição do que foi percebido de modo mais completo na dispensação futura. Depois de voltarem para Jerusalém, os judeus reconstruíram o Templo e logo retornaram para as ciladas exteriores do cerimonialismo. Isso levou Cristo, que dirigia suas declarações mais duras contra os fariseus voltados para as exterioridades, a enfatizar o **espírito novo** *dentro* dos homens.

c) *Um coração de carne*. Os israelitas tinham muitas vezes apresentado um coração de pedra, resistindo aos profetas, e "cada um se desviava pelo seu caminho" (Is 53.6). Mas por meio de Ezequiel, Deus aqui promete tirar deles o **coração de pedra,** endurecido pela teimosia, e colocar no seu lugar **um coração de carne**. Esse novo coração se

arrepende quando peca e tem compaixão pelos outros; é um coração que prontamente realiza a vontade de Deus. Centenas de anos antes, uma promessa semelhante havia sido feita para o povo de Deus: "E o SENHOR, teu Deus, circuncidará o teu coração e o coração de tua semente, para amares ao SENHOR, teu Deus, com todo o coração" (Dt 30.6).

Essas promessas foram cumpridas até certo ponto em diversas épocas durante a história de Israel, mas não completamente até que a plenitude dos tempos chegasse. Essa plenitude dos tempos chegaria quando o Sol da Justiça surgisse com a cura em suas asas — o Desejado de todas as nações, uma Luz para iluminar os gentios, e uma Glória para Israel. Ezequiel aqui, e em 36.26-27, procura dizer que a fé interior do coração será percebida no remanescente que voltará e será restaurado em Jerusalém. Mas Jeremias, que proclama uma profecia semelhante na mesma época, deixa claro que seu cumprimento mais elevado aguarda uma época redentora futura. "Eis que dias vêm, diz o SENHOR, em que farei um concerto novo com a casa de Israel [...] porei a minha lei no seu interior e a escreverei no seu coração" (Jr 31.31-33). Isso é mais plenamente cumprido no batismo com o Espírito Santo dos crentes no Pentecostes, "purificando o seu coração pela fé" (At 15.9; cf. At 2.4). Tanto Ezequiel quanto Jeremias profetizaram sobre o que estava por vir, embora vivessem numa época do "não ainda", na qual os homens buscavam uma libertação de um modo novo.

Apesar da ardente promessa para o remanescente, Deus estava trazendo julgamento para Jerusalém. **A glória do Deus de Israel** (22) que esteve no Templo no início da visão (9.3) agora retirou-se de Jerusalém para **o monte que está ao oriente da cidade** (23; "monte das Oliveiras", Berkeley, nota de rodapé).

6. *Novamente na Caldéia* (11.24-25)

Com a mensagem para Jerusalém terminada, Ezequiel volta em sua visão para a **Caldéia** (24). Esse é um nome bíblico comum para a terra do exílio de Judá. Os caldeus eram inicialmente uma tribo que se desenvolveu a sudeste da Babilônia. Eles mais tarde se tornaram a tribo principal da Babilônia. Por isso, às vezes, todo o país era chamado de Caldéia. Era a terra para onde Ezequiel e muitos outros foram levados cativos. O homem de visões estava agora relatando as coisas que havia visto (25) aos seus companheiros cativos.

D. PROFECIAS CONTRA JERUSALÉM, 12.1—19.14

Ezequiel era um homem de muitas visões (1.1-28; 8.1ss; 11.24; 12.27; 37.1-14; 40.1-4; 47.1-12). Os quatro capítulos anteriores (8—11) contêm um registro de um tipo especial de visão — uma visão na qual o homem de Deus foi transportado em espírito para um local diferente e pôde ver o cerne das coisas naquele ambiente.

Também há visões conectadas com o que Ezequiel vê nos capítulos 12—19. Mas nesses capítulos a visão se restringe àquilo que o profeta vê na Babilônia. Seu assunto é o mesmo dos capítulos 8—11. Ele vê o dia da destruição se aproximando para a cidade rebelde e irrequieta de Jerusalém. O povo não aceitará o jugo babilônico, de acordo com o conselho de Ezequiel e Jeremias. Isso é porque eles não vêem a gravidade do seu pecado. Eles não aceitarão a proximidade de um julgamento tão terrível como a destruição

total da cidade. Eles se rebelarão contra Nabucodonosor em 588 a.C. E isso de fato aconteceu, no nono ano do reinado de Zedequias (2 Rs 17.15-18; 24.20). Nabucodonosor marcha contra eles imediatamente e começa a sitiar a cidade. O cerco durou dois anos e meio. Ele teria terminado antes se o Egito não tivesse finalmente lançado seu exército contra Nabucodonosor. O rei babilônico retirou suas forças de Jerusalém por um tempo para atacar e derrotar o novo inimigo. Jerusalém tinha motivo para estar esperançosa. Mas isso foi por pouco tempo. Logo Nabucodonosor estava de volta diante dos seus portões e Jerusalém caiu em 596 a.C. Tudo isso Ezequiel vê e sabe que ocorrerá em breve; portanto, nos capítulos 12—19, ele profetiza contra a **casa rebelde** — uma frase encontrada em 12.2-3, e em outras partes na profecia de Ezequiel (cf. Is 6.9-10; Mt 13.13-15).

1. *Mais Atos Simbólicos* (12.1-28)

Ezequiel não é como um outro profeta qualquer. Outros podem se contentar em anunciar a mensagem, mas Ezequiel deve freqüentemente interpretar ou representar sua profecia. Ele calculou que o povo rejeitaria o que dissesse, mas seria mais difícil esquecer suas profecias dramatizadas. Foi o que aconteceu. Eles desconsideraram sua mensagem proclamada, bem como a sua mensagem dramatizada. Mas, pelo menos a sua alma estava livre. Ele havia usado os recursos da boa pedagogia e psicologia ao dramatizar o que iria acontecer, permitindo aos espectadores chegarem às suas próprias conclusões. Nos capítulos 4—5, ele tinha se valido de atos simbólicos, e agora ele volta a usá-los no capítulo 12.

a) *Ezequiel dramatiza o exílio* (12.1-16). O povo **tem olhos para ver e não vê** (2) — tendo rejeitado suas profecias dramatizadas nos capítulos 4—5. Eles têm **ouvidos para ouvir e não** ouvem — tendo feito pouco caso das suas profecias anunciadas a partir do capítulo 6. Assim, o Senhor novamente conduz Ezequiel a dramatizar o exílio diante de Jerusalém. **Prepara mobília para mudares** (3) é literalmente: "prepare recipientes para o exílio". A NVI traduz: "Arrume sua bagagem para o exílio". Ezequiel deve se mudar **de dia** [...] **à vista deles**; i.e., simulando que está indo para o exílio enquanto o povo observa. Talvez isso os faça compreender a situação. Ele deve arrumar sua bagagem durante o dia. **À vista deles** (4) ele deverá fazer um buraco na parede de tijolos secos pelo sol da sua casa e levar as coisas para fora pelo buraco. Isso sempre deverá acontecer **à vista deles**; essa frase aparece sete vezes nos versículos 3-7. **Cobrirás a face** (6): para simbolizar a cegueira futura do rei Zedequias.

O povo curioso fez exatamente o que Deus sabia que iria fazer; os expectadores perguntaram a Ezequiel: **Que fazes tu?** (9). A **carga** ("esta advertência", NVI) aplica-se a **toda a casa de Israel** (10), mas principalmente **ao príncipe de Jerusalém**. Essa frase refere-se ao rei, a quem Ezequiel sempre chama de príncipe. Talvez o motivo seja porque Zedequias fora escolhido por Nabucodonosor, embora Ezequiel soubesse que o verdadeiro rei era o aprisionado Joaquim. O príncipe escapará, mas será capturado e não **verá** (v. 13) a **Babilônia** porque será cegado (cf. 17.20; 2 Rs 25.4-7; Jr 52.7-11). O versículo 14 foi traduzido da seguinte maneira na NVI: "Espalharei aos ventos todos os que estão ao seu redor, os seus oficiais e todas as suas tropas, e os perseguirei com a espada em punho". Nos versículos 15 e 16 é dada a razão para a ação de Deus. Ela é como um refrão para a mensagem do profeta: **e saberão que eu sou o SENHOR.**

b) *A vida sob o cerco* (12.17-20). Ezequiel em seguida dramatizou como seria a vida durante o cerco e o período do exílio. A parte central do versículo 19 foi traduzida da seguinte forma: "Eles comerão sua comida com ansiedade e beberão sua água desesperados" (NVI).

c) *Ezequiel contrapõe um ditado* (12.21-28). Era costume em Israel dizer que o dia do julgamento de Deus estava distante (27) e que **toda visão** (22) dos profetas acaba não se materializando. Ao descuidado e cínico, Deus declara que o povo deixará de usar **este ditado** (23), porque o julgamento se cumprirá em breve (28). **Adivinhação** (24) é predizer o futuro ao ler os presságios ou a sorte. O aparente sucesso desse falso tipo de profecias logo chegará ao fim.

A casa rebelde de Israel não agia como um povo diferente ao descartar o dia da ira de Deus. Pecadores de todas as gerações têm sido propensos a cometer esse erro. É uma esperança fútil à qual um coração pecador tende a se agarrar.

2. *Falsos Profetas São Denunciados* (13.1-23)

O capítulo 13 consiste em denúncias contra falsos profetas (1-16) e falsas profetisas (17-23). Eles profetizam **o que vê o seu coração** (2; "mentes", RSV; "própria imaginação" NVI; cf. Jr 23.9-40). Eles seguem "o que sentem" (3, Moffatt) e, na verdade, não tiveram nenhuma visão. Eles são tão inúteis quanto **raposas nos desertos** (4). Eles dizem que viram a **paz** (10) e que "tudo está bem" (Moffatt). Era isso que o povo queria ouvir, mas não era o que Deus tencionava dizer-lhes. O destino dos falsos profetas era ser excluído do povo de Deus: "Eles [...] não estarão inscritos nos registros da nação de Israel" (v. 9, NVI).

Os falsos profetas constroem uma parede frágil de esperança para o povo e a **rebocam** com **cal** (10). Parece bonita por um tempo, mas logo todos saberão como esses construtores estavam errados e foram desonestos.

Também havia profetisas que diziam coisas agradáveis que o povo queria ouvir (17-23). Elas adivinhavam em troca de **punhados de cevada e por pedaços de pão** (19). A falsidade aqui estava em confundir a verdade. Elas diziam que as almas destinadas a viver haveriam de morrer e que aquelas destinadas a morrer haveriam de viver. Em vez de **almofadas** (18), deveríamos imaginá-las colocando "feitiços" (Berkeley) sobre o povo. Elas também faziam **travesseiros para cabeça de toda estátua**, ou "véus de vários comprimentos ao redor das cabeças das pessoas" (Berkeley). Esses travesseiros ou véus deveriam lembrar o povo das coisas belas que as profetisas diziam. A maldade das suas ações era entristecer **o coração do justo** (22) e dar ao injusto um falso sentimento de segurança de que nenhum julgamento estava por vir — prometendo-lhe vida.

É triste quando os que simulam falar em nome do Senhor simplesmente dizem o que as multidões pecadoras querem ouvir. É triste quando essas pessoas distorcem a verdade, a ponto de enaltecer os ímpios e desfavorecer os justos. Isso ocorreu nos dias de Ezequiel, mas, infelizmente, também ocorre em nossos dias — e.g., nos dias de Hitler, quando um forte segmento da Igreja Cristã na Alemanha apoiava suas teorias de superioridade racial e nacional e concordava com o seu programa de extermínio em massa. Mas a Alemanha também tinha os seus Martin Niemoeller e Dietrich Bonhoeffer. E Israel, nos tempos do exílio, teve o seu Ezequiel e o seu Jeremias.

3. *Anciãos Idólatras* (14.1-11)

Certos **anciãos de Israel** (1), líderes na comunidade do exílio, **vieram** e **se assentaram diante** de Ezequiel como se estivessem desejando ouvir algum oráculo da sua parte. Talvez eles estivessem simplesmente curiosos ou, mais provavelmente, desejassem dar a impressão de estarem desejosos em ouvir a mensagem de Deus. Na verdade, eles eram idólatras, Deus disse a Ezequiel; **estes homens levantaram os seus ídolos no seu coração** (3). A palavra do Senhor para eles era: **Convertei-vos, e deixai os vossos ídolos, e** [...] **todas as vossas abominações** (6). Nos versículos 4-5, Deus declara que Ele mesmo vai responder a esses homens: "para apanhar a casa de Israel em seus próprios pensamentos" (v. 5, Berkeley), i.e., convencê-los do seu pecado. Esses homens e os falsos profetas que os enganaram (9) serão castigados (10). Contra tal homem idólatra Deus diz: "Farei dele um exemplo e um objeto de zombaria" (v. 8, NVI). Isso ocorrerá para impedir que Israel se desvie ainda mais; **então eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus** (11).

4. *Justiça Pessoal Recompensada* (14.12-23)

Ezequiel nada sabia sobre o tipo de justiça social enfatizada, na virada do século 19, por Walter Rauschenbusch e outros teólogos. Para Ezequiel, o que realmente importava era se a pessoa servia a Deus. Nos versículos 12-23, ele diz que o Senhor deve julgar Israel por meio da **fome**, **animais** selvagens, a **espada** e **uma peste**, e que ninguém será poupado, a não ser que seja justo. **Tornarei instável o sustento do pão** (13) tem sido interpretado como: "o sustento do seu pão é quebrado, e faltará alimento" (*Basic Bible*). Mesmo se uma pessoa for justa como **Noé, Daniel**[7] e **Jó** (14, 20), sua justiça será suficiente somente para o seu próprio livramento. **Nem a filhos nem a filhas livrariam** (16).

Ezequiel pensava como um "Arminiano", muitos séculos antes que houvesse arminianos como os conhecemos hoje. Cada pessoa precisava arrepender-se e voltar-se (6) para Deus, e permanecer em obediência moral a Ele, senão seria objeto da ira do Senhor Deus. Não era suficiente ser israelita, ou filho do melhor israelita. Não passava pela mente de Ezequiel a idéia de que uma pessoa é aceita por Deus por causa de algum decreto de eleição da parte de Deus. Um indivíduo é justo somente se ele de fato for justo. Com ou sem aliança, o Senhor olha por indivíduos cujos corações estão verdadeiramente rendidos a Deus e lhe obedecem.

Mesmo assim, alguns israelitas sobreviverão aos **quatro maus juízos** (21) do Senhor. A KJV os denomina de "remanescentes" (v. 22 "resto") mas eles deveriam ser chamados de "sobreviventes", de acordo com a NVI, visto que não são justos, como "um remanescente" no sentido bíblico geralmente é considerado. Eles não sofrem a morte porque o Senhor quer deixar que esses sobreviventes da pecaminosidade de Jerusalém revelem a outras pessoas através de suas vidas corruptas quão justo Ele foi ao castigar a maioria deles (22-23).

5. *Israel é como uma Videira Silvestre* (15.1-8)

O povo de Deus muitas vezes é comparado com uma videira (Gn 49.11; Is 5.1-7; Jr 2.21; Os 10.1). Provavelmente alguns estavam dizendo que Jerusalém era a videira plantada por Deus, e, portanto, Ele não a destruiria. Mas a comparação geralmente é

entre o povo de Deus e a videira cultivada com seu fruto delicioso. Aqui é entre Israel e **a videira** que está entre **as árvores do bosque** (2). Essas videiras são infrutíferas e nem mesmo a sua madeira pode ser aproveitada. O versículo 3 pergunta: "Alguém corta uma estaca dela para nela pendurar alguma vasilha?" (Moffatt). À parte da função de produzir fruto, a videira é inútil. Israel é agora semelhante a uma videira silvestre infrutífera, e logo será queimada. Mas, como sempre, a ação de Deus tem um propósito redentor: **e sabereis que eu sou o SENHOR, quando tiver posto a minha face contra eles** (7).

6. *A Esposa Infiel* (16.1-63)

Esse capítulo consiste em uma alegoria detalhada de Jerusalém como filha rejeitada (1-7) de quem o Senhor cuidou na infância e com quem se casou na sua juventude, mas que se torna uma esposa infiel. Teríamos dificuldades de ler partes desse capítulo em público. No entanto, ele pode servir como ilustração para o pecado da ingratidão e do amor contínuo de Deus por aqueles que o abandonam e vão atrás de outros amantes. A figura de Deus como Marido não era usada com freqüência naquela época, mas temos alguns exemplos dessa situação; e.g., em Oséias e em Cantares de Salomão, se forem interpretados de forma alegórica.

O profeta traça a história de Israel e explica por que o povo precisa ser julgado. Sua ascendência é mista (3) e, portanto, considerada de categoria inferior. Como era comum fora de Israel, especialmente no caso de bebês do sexo feminino, essa criança (o povo) foi levada ao campo, para ali morrer. **Nem tampouco foste esfregada com sal** refere-se a um costume, ainda praticado no Oriente, de esfregar o recém-nascido com sal, significando a dedicação a Deus. Mas o Senhor viu essa criança e teve compaixão dela. Quando ela se tornou uma bela donzela, Ele se casou com ela. **Alcançaste grande formosura** (7) significa: "alcançou a condição de mulher" (Moffatt). **E te calcei com pele de texugo** (10) provavelmente significa "colocou sapatos de couro em seus pés" (*Basic Bible*). Depois do seu casamento ela se tornou ainda mais gloriosa quanto à sua beleza e força — uma possível referência à glória de Israel durante os reinados de Davi e Salomão.

Mas pasmem! Depois de todo esse amor derramado sobre ela, e depois de crescer em beleza e *status*, ela abandonou Aquele que a havia resgatado como uma criança rejeitada. A natureza essencial do pecado, do "eu em lugar de Deus", é descrita nos versículos 14-15: **A tua fama** [...] **era perfeita, por causa da minha glória [...] Mas confiaste na tua formosura**. Ela se prostituiu (15), i.e., voltou-se para a idolatria e fez **imagens** das suas **jóias**, do **ouro** e da **prata** (17) que tinham sido dados a ela. Ela tornou-se ainda pior do que a prostituta profissional que vende o seu corpo para ganhar a vida (31). Israel não tinha motivo para adorar ídolos depois de toda revelação que havia recebido de Deus. A natureza da adoração falsa de Israel chegava a ponto de sacrificar os próprios filhos (20-21) e edificar altares pagãos em lugares altos (24-25, 31). Ela havia adotado das nações vizinhas toda adoração pagã pela qual se sentia atraída: dos **filhos do Egito** (26), dos **filhos da Assíria** (28) e dos cananeus (29). Mesmo os **filisteus** pagãos se envergonhariam do seu **caminho depravado** (27). Toda essa pecaminosidade se espalhou até a **Caldéia** (29), não se restringindo apenas à cidade de Jerusalém, que cairia em breve.

Por causa de todo esse **dinheiro** (36; "lascívia", ARA) derramado, Deus derramará sobre ela a fúria da sua ira santa (37-41). Essa figura para o castigo de Judá é o castigo imposto à esposa infiel em Israel. Visto que seus pecados eram maiores do que os de **Sodoma**, sua **irmã** (48), seu castigo será maior que o de Sodoma. Seus pecados eram mais graves que os de Sodoma, em parte porque foram cometidos apesar do grande amor que havia sido derramado sobre ela. A nota geográfica do versículo 46 tem em mente o leitor parado em Jerusalém com seu rosto voltado para a Babilônia que ficava ao leste de Jerusalém. Nessa posição, **Samaria** ficava ao norte **à esquerda** e **Sodoma** ficava ao sul à **mão direita**. Sodoma provavelmente ficava na adjacência do mar Morto. Acredita-se que hoje ela está encoberta pela água (veja mapa 1).

Mas Deus é um Deus de misericórdia. Ele é santo. Ele é justo e requer justiça do seu povo. No entanto, ele mostrará misericórdia quando Israel se envergonhar (61, "confundir") do seu grande pecado. Nessa época, ele restabelecerá seu **concerto** [...] **e saberás que eu sou o SENHOR** (62). O seu perdão será tão completo que, depois que Israel receber esse perdão, nunca mais precisará abrir **a** sua **boca** para dizer qualquer coisa acerca da **vergonha** que sentia (63). Isso provavelmente significa que hoje, depois que uma pessoa recebe o perdão, ela não deveria contar em seu testemunho qualquer detalhe negativo ou vergonhoso dos pecados dos quais foi perdoada.

7. *Zedequias Rompe o Tratado* (17.1-21)

Ezequiel era um poeta, um homem que trabalhava melhor com símbolos. Ele às vezes dramatizava o que queria dizer ou, como nesse caso, se expressava por meio de uma alegoria — um enigma ou parábola. Ele às vezes apresentava sua parábola e deixava que seus ouvintes tirassem conclusões por si mesmos. Ou, como nesse caso, ele procura intrigá-los primeiramente por meio de uma parábola (1-10) e em seguida explica o seu significado (11-21). Ezequiel aqui descreve e interpreta acontecimentos que estão ocorrendo na Palestina, embora estivesse na Babilônia.

Nessa alegoria, a **grande águia** (3) é o **rei da Babilônia** (12), que tem **várias** (diferentes) **cores** (3), significando os vários países debaixo do seu domínio. Ele vem para o **Líbano**, i.e., Jerusalém, e apanha **o mais alto ramo de um cedro** (rei Joaquim). **A terra de mercancia** e a **cidade de mercadores** (4) representavam a Babilônia, onde Joaquim estava sob custódia. No lugar de Joaquim, Nabucodonosor plantou **da semente da terra** (5, Zedequias) num **campo de semente** ("solo fértil", NVI), esperando que florescesse como salgueiro (cf. KJV, ARA, NVI), i.e., prosperasse em paz em relação à nação dominante. Essa semente brotou e **tornou-se numa videira** de **pouca altura**, não muito forte em comparação com a Babilônia, **virando-se** (6) para ela em obediência.

Também havia **mais uma grande águia** (7; Egito), e a videira **lançou para ela as suas raízes**. A videira "estendeu seus ramos para ela em busca de água" (NVI). Essa videira não **prosperará** porque o Senhor não quer que Judá se volte para o Egito, mas aceite o seu castigo por meio da Babilônia. Na verdade, o Senhor a **arrancará** pelas **suas raízes** (9) e ela **secará** completamente (10). **Fará coisa alguma com ele em guerra** (17) significa "não fará nada por ele no dia da batalha" (Smith-Goodspeed). Ao quebrar o juramento feito **com aperto de mão** (18) com Nabucodonosor, Zedequias estava se opondo ao Senhor. Essa era a compreensão de Ezequiel, e essa também era a compreensão de Jeremias (cf. Jr 21.1-10).

8. *Mensagem acerca do Messias* (17.22-24)

Depois dessa alegoria sobre Zedequias, Ezequiel foi inspirado a também falar de alguém maior que Zedequias — um renovo mais **tenro** que será plantado **sobre um monte alto e sublime**, i.e., o monte de Sião. **E produzirá ramos, e dará fruto, e se fará um cedro excelente** (23). Essa é, sem dúvida, uma das vezes em que homens do antigo testamento se referem ao Messias (cf. Sl 2.6; Is 53.2; Jr 23.5; Mq 4.1-3).

9. *Responsabilidade Individual* (18.1-20)

Aqui Ezequiel se torna um teólogo. Ele é geralmente um pastor, preocupado com o cuidado e a cura das almas; ou ele é um profeta, que declara conselhos de Deus com franqueza e determinação. Mas aqui ele trata de doutrina.

Ele faz uso de uma falsa **parábola** ("provérbio", ARA) e a anula. Esse dizer comum, também mencionado em Jeremias 31.29-30, era o seguinte: **Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram** (2). O significado do provérbio é que, por causa dos pecados dos pais, seus filhos sofrerão as conseqüências. Algo semelhante a isso é ensinado em Lamentações 5.7: "Nossos pais pecaram e já não existem; nós levamos as suas maldades". Também em Êxodo 20.5, lemos: "Eu, o SENHOR, teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem". A experiência também mostra que a justiça ou a injustiça dos pais afeta seus filhos.

O que Ezequiel diz é que, mesmo que os filhos possam sofrer por causa dos pecados dos seus pais em uma ordem natural de causa e efeito, Deus não vai castigar um filho pelos pecados de seu pai e também não considerará justo o filho injusto porque seu pai foi justo. Duas vezes nesse capítulo Ezequiel diz: **a alma que pecar, essa morrerá** (4, 20). A palavra **alma** (*nephesh*) é usada como um sinônimo para toda a personalidade. Nos dias de Ezequiel, os israelitas estavam usando o provérbio para justificar-se e para culpar seus pais pelo infortúnio nacional. Mas existe uma verdade universal nessa transparente declaração da atitude de Deus em relação ao que é certo e errado. Há nela uma clara nuança da eterna morte espiritual.

Ezequiel segue principalmente Deuteronômio e Levítico ao arrolar o que uma pessoa deveria deixar de fazer e o que ela deveria fazer. Os pecados que ele especifica eram pecados comuns em Israel. As expressões **tornando ao devedor o seu penhor** e **não roubando** (7) é elucidado na *Basic Bible* da seguinte forma: "devolve ao devedor o que é dele, e não toma os bens de alguém pela força". Comer **sobre os montes** (6, 11, 15; cf. Is 65.7) significa participar de festas idólatras ali. **Não recebendo demais** (8, 13, 17) provavelmente refere-se à **usura**, i.e., lucros excessivos por meio de juros abusivos (cf. 22.25; Lv 25.36; Dt 23.19; Sl 15.5). **Desviar do aflito a mão** (17) é interpretado como: "retém a mão para não cometer crime" (Smith-Goodspeed).

O tema dessa passagem é: "Os Requisitos da Retidão Individual". A chave está no versículo 20: **A alma que pecar, essa morrerá.** 1) Você não pode honestamente culpar seus antepassados (2); 2) Você não pode sinceramente culpar seu meio (6-8); 3) Você não deve culpar a Deus, porque Ele é justo e misericordioso (20, 23).

10. *Os Justos Podem Cair da Graça* (18.21-32)

Ezequiel explica que **se o ímpio se converter de todos os seus pecados** [...] **certamente viverá** (21). Deus tem prazer em dar-lhe vida (23). Por outro lado, o

profeta pergunta: **desviando-se o justo da sua justiça** [...] **porventura viverá?** (24). A resposta é: "Não". **De todas as suas justiças** [...] **não se fará memória** ("Nenhum de seus atos justos será lembrado", NVI) [...] **e no seu pecado com que pecou, neles morrerá** (24). O profeta explica mais adiante: **Desviando-se o justo da sua justiça e cometendo iniqüidade, morrerá por ela; na sua iniqüidade que cometeu, morrerá** (26). Essa pessoa realmente foi justa e realmente caiu da graça. Se ela não voltar para Deus, mas morrer em seu estado caído, sofrerá a ira santa de Deus.

A idéia, aceita tão amplamente no Protestantismo, de que se alguém tornar-se um cristão não pode cair da graça e perder-se vai contra o ensino desse texto. Isso foi ensinado por João Calvino (1509-1564), pelos calvinistas nos tempos de Jacó Armínio, e continua sendo ensinado por muitos teólogos calvinistas, que, mesmo assim, aceitam o arminianismo em outros pontos importantes — e.g. que qualquer pessoa pode ser salva. É difícil entender como alguém pode conciliar a teologia de "uma vez na graça, sempre na graça" com o claro ensino bíblico dessa passagem.

O uso do termo **direito** (igual) nos versículos 25 e 29 soa estranho para os leitores do século 21. Ele significa "justo". Moffatt traduz o versículo 29 da seguinte forma: "Israel reclama: 'O Senhor não está agindo com justiça!' São injustos os meus métodos, ó Israel? Não são, na verdade, os seus métodos injustos e incorretos?". Ezequiel conclui o capítulo com um chamado para os pecadores se converterem das suas **transgressões** e receberem **um coração novo e um espírito novo; pois por que razão morreríeis, ó casa de Israel?** (31).

11. *Uma Lamentação sobre os Príncipes de Israel* (19.1-14)

Ezequiel aqui apresenta uma **lamentação sobre os príncipes** (reis) **de Israel** (1). A **mãe** deles (2) é a nação, e seus **filhotinhos** (3) são evidentemente Jeoacaz e Joaquim. Jeoacaz (1-4), depois de um reinado de apenas três meses, foi levado cativo para o Egito pelo faraó Neco (veja 2 Rs 23.21; Lm 4.20). Joaquim (5-9) foi levado para a Babilônia e aprisionado em 597 a.C. (cf 2 Rs 24.8-16). O uso da figura de um leão para representar a família real é apropriado, porque o leão era usado pela linhagem de Davi (Gn 49.9; Nm 23.24; Mq 5.8; Ap 5.5). Os tronos dos reis de Judá também eram decorados com leões (1 Rs 10.18-20). **Apanhado na sua cova** (4, 8) significa pego na sua armadilha. **E conheceu os seus palácios** (7) provavelmente significa: "Arrebentou suas fortalezas" (NVI).

A figura da videira, um outro símbolo familiar do Antigo Testamento, é usada aqui (10-14) em relação a Judá. O significado do versículo 11 é esclarecido pela NVI: "Seus ramos eram fortes, próprios para o cetro de um governante. Ela cresceu e subiu muito, sobressaindo à folhagem espessa". Esse estilo nos faz lembrar que Ezequiel era um poeta. O capítulo inteiro deveria ser lido como uma narrativa em forma de poema (cf. seu estilo em outras traduções mais recentes, e.g., ARA, NVI). Lemos nesse capítulo acerca da destruição iminente da Cidade Santa e a captura de Zedequias (cf. 2 Rs 25).

A canção triste termina com a declaração de que é uma **lamentação** (14) e que seu propósito é fazer com que o leitor lamente o que havia acontecido com os reis de Judá e o que aconteceria em breve com Judá. Por causa das ações perversas do seu governante, a vara forte de Judá, Ezequiel escreve:

O fogo espalhou-se de um dos seus ramos principais
e consumiu toda a ramagem.
Nela não resta nenhum ramo forte
que seja próprio para o cetro de um governante (v. 14, NVI).

E. PROFECIAS EM 590 a.C., 20.1—23.49

As profecias dessa seção pressupõem a data de 1º de setembro de 590 a.C. Isso seria o **sétimo ano** (20.1) depois da deportação de Ezequiel para a Babilônia em 597 a.C. Era aproximadamente um ano depois da última data anunciada por Ezequiel (8.1). Esses capítulos contêm outras acusações e denúncias contra a casa rebelde de Israel — tanto aos que estavam no exílio quanto aos que se encontravam na terra natal.

1. *As Apostasias de Israel e a Misericórdia de Deus* (20.1-44)

a) *A ocasião* (20.1-4). Os **anciãos de Israel** (1) vieram a Ezequiel **para consultarem o SENHOR**. Moffatt os chama de "os xeiques de Israel". Esses eram homens maduros e supostamente sábios que viviam no exílio com Ezequiel. Não sabemos o assunto da consulta deles. De acordo com uma interpretação antiga, eles pediram para erguer um templo na Babilônia onde os ídolos seriam adorados. Essa interpretação está baseada na resposta de Ezequiel, onde parece dizer que o que está na mente deles, uma intenção de servir "ao madeiro e à pedra" (32), nunca poderá acontecer. Uma outra interpretação mais plausível é que eles pediram para erguer um templo na Babilônia para a verdadeira adoração. Mesmo esse pedido foi contrariado por Ezequiel.

b) *As apostasias* (20.5-30). Ezequiel respondeu suas perguntas ao relatar os pecados de Israel do passado e do presente. Ele deixa claro para eles que um templo na Babilônia está fora de cogitação porque a perda da sua terra natal e do Templo é um castigo do Senhor. Construir um novo templo seria uma tentativa humana de evitar um castigo justo. Ele os lembra da sua franca desobediência e da sua rebelião contra o Senhor no **Egito** (5-9), no **deserto** (10-26) e em Canaã (27-30).

Nessa passagem, Deus diz repetidas vezes que foi misericordioso com Israel embora tivessem pecado. Seu **olho lhes perdoou** (17). Ele retirou sua **mão** para não castigar (22). Eles haviam profanado seus **sábados** (24), mas Ele foi misericordioso. E eles **faziam passar pelo fogo tudo o que abre a madre** (26, cf. v. 31) — uma referência ao sacrifício de crianças ao deus Moloque (16.20-21; 2 Rs 16.3).

Gramaticamente é possível traduzir os versículos 25-26 como se fosse Deus que os tivesse induzido a esses sacrifícios. A NVI provavelmente chega mais próximo da verdade quando interpreta esse texto da seguinte maneira: "Também os abandonei a decretos que não eram bons e a leis pelas quais não conseguiam viver; deixei que se contaminassem por meio de suas ofertas, isto é, pelo sacrifício de cada filho mais velho". Se Deus de alguma forma faz os homens pecar, certamente isso ocorre de maneira indireta — ao deixá-los ser livres e ao permitir que continuem nos seus caminhos perversos por um tempo sem serem castigados. Repetidas vezes, o Senhor diz que foi mise-

ricordioso e não castigou Israel imediatamente, para que os homens **soubessem que eu sou o SENHOR** (26; cf. vv. 9, 14, 22).

Nessa seção, **levantei a mão** (15, 23, 28) refere-se ao ato de fazer um juramento. A NVI traz: "jurei a eles". Ezequiel aqui "coloca grande ênfase na guarda do sábado [vv. 12, 13, 16, 20, 21, 24]. Sua importância como instituição religiosa seria aumentada no exílio. Profanar os sábados do Senhor significava esquecer a promessa da aliança [cf. Êx 24.3; Am 8.5]" (Berkeley, nota de rodapé). **Bamá** (29) significa "Lugar Alto".

c) *A misericórdia de Deus* (20.31-44). Nos versículos 9, 14, 22 e 26, a misericórdia do Senhor é manifestada por amor do seu nome. Quando Israel pecou, não foi castigado da forma como poderia ter sido. Isso ocorreu para deixar claro que o Senhor é um Deus de misericórdia. No texto presente, Ezequiel responde à pergunta dos anciãos que vieram consultar o Senhor. Ele diz que o Senhor não será consultado por pessoas tão depravadas que fazem passar **pelo fogo** os seus próprios **filhos** (31) e que são culpadas de outros pecados graves. Aquilo que eles tinham "em mente" (v. 32, NVI), talvez a construção de um templo na Babilônia, não irá acontecer.

Mas Deus tem um plano em mente, e ele será colocado em prática. O que Ele tem em mente é a restauração de Israel, através de atos de misericórdia, apesar dos seus pecados passados. Ele congregará o povo **das terras nas quais** andam **espalhados, com mão forte, e com braço estendido** (34). Ele os levará para fora das nações pagãs à terra da promessa e, como Ele diz: **ali entrarei em juízo convosco face a face** (35). Pense isso! Israel peca sem parar; mas Deus propõe entrar em juízo continuamente, se talvez o povo reconhecer a loucura do seu pecado e voltar-se a Ele de todo o seu coração. Ele diz: **E ali vos lembrareis** [...] **de todos os vossos atos com que vos contaminastes e tereis nojo de vós mesmos** (43). **E sabereis que eu sou o SENHOR, quando eu proceder para convosco por amor do meu nome, não conforme os vossos maus caminhos** (44).

Passar debaixo da vara (37) é a figura de um pastor que traz suas ovelhas para o aprisco à noite, cuidando para que cada uma passe debaixo do seu cajado para que ele se certifique de que todas entraram. O **vínculo do concerto** é "o jugo da misericórdia de Deus e o trabalho do homem" (Berkeley, nota de rodapé).

2. *O Fogo e a Espada* (20.45—21.32)

Há uma mudança brusca entre os versículos 44 e 45, porque o versículo 45 inicia um novo assunto. A Bíblia hebraica começa o capítulo 21 em 20.45 das versões em português.

a) *O fogo* (20.45-49). Esses versículos contêm uma parábola acerca da destruição de Judá com **fogo** (47). Os primeiros versículos do capítulo 21 apresentam uma espécie de interpretação dessa parábola, mas com a espada como símbolo principal de destruição.

O profeta deve "derramar" suas **palavras** (46). A palavra **derrama** também pode ser traduzida como "censure" (Smith-Goodspeed) ou mesmo "pregue" (NVI). Ele deve enviar sua palavra **contra o Sul** (46). No hebraico, há três palavras que designam três áreas de Judá, mas essas três palavras são simplesmente traduzidas por **Sul**. Todas elas simbolizam Judá. Ezequiel estava escrevendo do lado oeste da Babilônia (veja mapa 1),

mas ao Sul da direção de onde Nabucodonosor invadiria a região. Essa é uma parábola (49) ou, como a palavra hebraica pode ser traduzida, uma alegoria. Ela tem a ver com a destruição iminente de Jerusalém e de Judá como um todo.

b) *A espada* (21.1-32). A espada de destruição será a de Nabucodonosor, o rei pagão, mas o Senhor a chama de **minha espada** (3-4). O **justo e o ímpio** (3), **toda carne** (4) sofrerá, e, por meio disso, **o SENHOR** (5) trará julgamento contra eles. É claro que isso se refere à tragédia temporal e secular e não ao destino pessoal. Bons homens, muitas vezes, sofrem com homens perversos nessa vida, mas o ajuste de contas final de Deus traça uma linha clara entre eles. A espada **nunca mais voltará** à bainha até que a destruição seja completa. Os homens agora suspirarão (6) com a descrição de horror, porque **todas as mãos se enfraquecerão, e todo espírito se angustiará, e todos os joelhos se desfarão em água** (7). Esses versículos interpretam o que o profeta quis dizer com sua parábola em 20.45-49.

O **quebrantamento dos teus lombos** (6) significa "com o coração partido" (NVI). A espada de Deus será **afiada e também açacalada** (9; "polida", ARA) — afiada para cortar, e polida para "reluzir como relâmpago" (v. 10, ARA). **A vara do meu filho é que despreza todo madeiro** pode ser entendido de acordo com a versão Berkeley: "Você desprezou a vara, meu filho, e qualquer tipo de madeira". Tendo recusado o benefício dos julgamentos menores, eles seriam destruídos pelo julgamento maior. **Bate, pois, na tua coxa** (12) é "um gesto de desespero oriental, muitas vezes usado após receber notícias devastadoras [cf. Jr 31.19]" (Berkeley, nota de rodapé). O versículo 13 é elucidado por Smith-Goodspeed:

> *É certo que a prova virá;*
> *E quem pode desprezar a vara da minha ira?*

Bate com as mãos uma na outra (14; cf. 17) era um sinal de que a ação deveria começar.

Os amonitas pagãos também sofrerão com a espada do Senhor (20, 28-32; 25.1-7; Jr 49.1-6). O **rei da Babilônia** (19) se dirigirá contra Jerusalém e contra os amonitas. **Rabá** (20), capital de Amom, é a Amã de hoje. Nabucodonosor usa as artes pagãs de **adivinhações** (21) para determinar quem ele deverá atacar primeiro. Ainda achando que a sua cidade está segura, os israelitas entendem que a decisão babilônica é uma **adivinhação vã** (23). Mas a sua destruição está selada, e Zedequias, o **ímpio príncipe de Israel** (25), é exortado de que não há como escapar. Os amonitas também serão destruídos (28-32).

3. *Uma Listagem dos Pecados de Jerusalém* (22.1-31)

Visto que o Senhor vê todos os pecados que os homens cometem às escuras, Ele inspira Ezequiel a catalogá-los nesse capítulo (cf. 18.5-18; Rm 1.18—2.1). Três vezes **a palavra do SENHOR** veio ao profeta (1, 17, 23) por meio de três oráculos separados (1-16, 17-22, 23-31). No primeiro oráculo, os pecados de Jerusalém são mencionados um por um. No segundo, Jerusalém é destruída, não passando de refugo. No terceiro, os **profetas** (25), os **sacerdotes** (26) e os **príncipes** (27) são acusados de conspirar contra o Senhor. Esses três grupos são comparados em nosso tempo com os pregadores, os líderes

religiosos e os oficiais políticos. Com esses três grupos de influência concordando em opor-se a Deus, não é de admirar que toda Jerusalém os tenha seguido nos caminhos do pecado. O povo comum — **povo da terra** (29) — imitou seus anciãos na prática do mal.

O versículo 6 é esclarecido da seguinte maneira na NVI: "Veja como cada um dos príncipes de Israel que aí está usa o seu poder para derramar sangue". **Homens caluniadores** [...] **para derramarem o sangue** (9) são aqueles "que matam seus companheiros por meio de falsas evidências" (Moffatt). Os que **sobre os montes comeram** são aqueles que se engajam em festas idólatras ali. **Humilharam no meio de ti** a que **estava impura, na sua separação** (10) referindo-se às "mulheres menstruadas" (Moffatt). **Presentes** [...] **para se derramar sangue** (12) refere-se à idéia de receber suborno para matar. A primeira parte do versículo 16 é obscura. A RSV a traduz da seguinte forma: "E serei profanada por seu intermédio aos olhos das nações". O versículo 24 indica a tragédia da situação de Judá: não foi purificado do pecado, e, portanto, foi castigado com estiagem.

A pecaminosidade havia se tornado tão grave que Deus buscou uma pessoa de oração que intercedesse pela cidade pecadora, mas não achou ninguém (30). Visto que não achou ninguém para orar, Ele continuará com o seu plano de castigar o povo. Não há outro lugar na Bíblia em que a importância da oração de intercessão é colocada de forma mais clara do que nos versículos 30-31. Mesmo uma única pessoa, **um homem** (30), pode, por meio da oração, trazer a suspensão do santo julgamento de Deus contra o pecado. E Deus ainda procura esse tipo de homem para destacar no horizonte da história humana. Nesse caso Ele esperou em vão.

Nos versículos 23-31 vemos: "O Magnífico Privilégio da Oração Intercessória". 1) A necessidade desse tipo de oração (23-29). 2) A diferença que esse tipo de oração faz (30b-31). 3) Deus está à busca de intercessores (30).

4. *Os Pecados de Duas Irmãs* (23.1-49)

Essas profecias, datadas em 590 a.C. (cf. 20.1), são concluídas pela descrição dos pecados de **Samaria** (Reino do Norte) e **Jerusalém** (representando toda o povo de Judá). As duas regiões são descritas como duas irmãs: **Oolá** e **Oolibá** (4).[8] Esse capítulo narra as inclinações e alianças que elas tinham com nações tais como o Egito, a Assíria e a Babilônia. Uma parte significativa da perversidade das alianças era a tendência de Israel de aceitar a adoração pagã dos seus aliados.

Essa profecia descreve a aliança em termos de prostituição carnal que não seria apropriada para a leitura pública. Parece que houve um esforço da parte de Ezequiel para descrever o pecado de Israel em uma linguagem tão repugnante quanto possível. Ele talvez tenha tentado criar uma repugnância contra esses pecados.

Os versículos 9-10 claramente se referem à queda de Samaria em 722 a.C. Os versículos 11-21 se referem à aliança de Judá com a Babilônia (2 Rs 20.12-21; 24.1). Judá (**Oolibá**) é avisada que **os filhos da Babilônia** e seus mercenários arameus (**todos os caldeus de Pecode, e de Soa, e de Coa**), junto com os associados assírios (23), vão executar o julgamento de Deus contra ela (24-26).

O versículo 27 foi literalmente cumprido. É um fato da história que, depois do exílio na Babilônia, Israel nunca mais caiu no pecado da idolatria. O **copo de espanto** (33) é "um copo de horror" (RSV). Acerca desse copo o versículo 34 diz:

Você o beberá,
engolindo até a última gota;
Depois o despedaçará e mutilará os próprios seios.
Eu o disse (NVI).

Há muitas lições importantes aqui. Não podemos esquecer que o pecado tende a transformar-se em uma bola de neve. As **impudicícias** (prostituição) aumentaram (14) e se multiplicaram (19).

Uma outra lição acerca do pecado contida aqui é que os aliados se indispuseram uns contra os outros. Deus diz a Oolibá: **Eis que eu suscitarei contra ti os teus amantes, dos quais se tinha apartado a tua alma** (22). Deus também fala dos amantes dela como aqueles **que aborreces** (28).

Ainda um outro aspecto é que o pecado simplesmente não compensa. Mesmo aqueles com quem Judá pecou a **tratarão com ódio** (29), e a **deixarão nua e despida**, e contarão aos outros os pecados que ela cometeu. As duas irmãs servirão de **riso e escárnio** (32). Nos versículos 38-40, Deus mostra até onde alguém pode decair quando a religião é divorciada da retidão. Esses homens violavam quase todos os mandamentos de Deus e então **vinham ao meu santuário no mesmo dia** (39) para adorar.

Mais cedo ou mais tarde ficará claro o descontentamento do Deus santo e que Ele visitará com julgamento aqueles que não se arrependerem (46-49). Deus está dizendo por meio de Ezequiel que Ele usará o parceiro de pecado de Israel, a Babilônia, para atacar sua cidade e suas cidadelas com fogo e fúria, de uma forma como o mundo jamais tinha visto.

F. ÚLTIMA PROFECIA ANTES DA QUEDA DE JERUSALÉM, 24.1-27

Em torno de 15 de janeiro de 588 a.C., dois anos e cinco meses depois da última data registrada (20.1), Ezequiel apresentou uma parábola. A NVI interpreta de forma clara o versículo 2: "Filho do homem, registre esta data, a data de hoje, porque o rei da Babilônia sitiou Jerusalém exatamente neste dia" (Cf. 2 Rs 25.1; Jr 52.4). A interpretação da parábola da panela (3-5) encontra-se nos versículos 6-14. A panela é a cidade e a carne cozida é **a casa rebelde** de Israel. Mesmo as melhores pessoas sofreriam, ou seja, os **bons pedaços** (4) e o **melhor do rebanho** (5). O profeta deveria tirar pedaço por pedaço, sem sorteá-los (6). Isso significava que ninguém teria a chance de escapar do julgamento que viria sobre Israel. A NVI traduz o versículo 7 da seguinte forma: "Pois o sangue que ela derramou está no meio dela; ela o derramou na rocha nua; não o derramou no chão, onde o pó o cobriria". Dizia-se que o sangue derramado de forma violenta e deixado descoberto clamaria do solo. Não está claro o significado da expressão: **tempera-a com especiarias** (10). O versículo parece indicar que o povo seria completamente consumido. A NVI traduz esse versículo da seguinte maneira: "Por isso amontoem a lenha e acendam o fogo. Cozinhem bem a carne, misturando os temperos; e reduzam os ossos a cinzas". O versículo 11 continua descrevendo a figura. "Ponham depois a panela vazia sobre as brasas para que esquente até que o seu bronze fique incandescente, as suas impurezas se derretam e o seu resíduo seja queimado e desapareça" (NVI). Temos aqui o símbolo da

purificação do pecado pelo fogo. Apesar de ser realizado por meio de um rei pagão, não há dúvidas de que o julgamento vem do Senhor (14).

Na tarde daquele dia **morreu** a **mulher** de Ezequiel (18). Mas ele continuou profetizando na manhã seguinte sem qualquer demonstração oriental costumeira de luto. Sua esposa tinha sido **o desejo dos** seus **olhos** (16), mas ele deveria colocar o seu **turbante** (17) na cabeça, para não mostrar o cabelo despenteado de um pranteador. Ele deveria colocar **sapatos**, visto que pranteadores ficavam descalços. Ele não esconderia o seu rosto, como faziam os pranteadores, e não comeria **o pão dos homens**, que costumeiramente era preparado para as pessoas que pranteavam (veja Jr 16.5-7).

Ezequiel deveria suportar seu sofrimento pessoal sem prantear para mostrar aos exilados como eles deveriam suportar a notícia que receberiam em breve acerca da destruição da sua terra natal. Ele deveria guardar silêncio, talvez com a exceção de profetizar contra as nações pagãs (capítulos 25-32), até que as novas da queda de Jerusalém alcancem a comunidade de Quebar, ou seja, até que **algum que escapar** (26) venha contar a notícia. Isso ocorreu cerca de dois anos mais tarde (veja 33.21). O cumprimento da profecia de Ezequiel virá a ser **para eles um sinal maravilhoso, e saberão que eu sou o SENHOR** (27).

Ao longo dos séculos, homens de Deus têm sido chamados para levar cargas pesadas; e, ao longo dos séculos, homens de Deus têm suportado essas cargas. É por isso que o evangelho foi proclamado apesar dos martírios durante o glorioso primeiro século da história cristã. É por isso que Lutero e seus semelhantes levantaram a voz para apregoar algo revolucionário e revitalizante no século XVI. É por esse motivo que o instruído e santo João Wesley não se abalou com seus apedrejamentos no século XVIII. É por isso que cinco missionários morreram nas mãos dos índios Aucas no século XX.

Seção III

PROFECIAS CONTRA POVOS PAGÃOS

Ezequiel 25.1—32.32

O cerco contra Jerusalém havia agora chegado ao fim. A época era cerca de dois anos após as profecias e acontecimentos descritos (cf. 24.1-2; 26.1). Mas antes de Ezequiel profetizar sobre a queda da cidade, ele registra como Deus julgará as nações e cidades gentias que rodeavam Judá. As nações vizinhas mais próximas (Amom, Moabe, Edom e Filístia) são as primeiras a serem denunciadas (25.1-17). Então Tiro e Sidom, duas orgulhosas cidades comerciais, são condenadas por meio de declarações detalhadas (26.1—28.26). A descrição de como Deus pretende julgar o Egito recebe os maiores detalhes (29.1—32.32). Ao todo são mencionadas sete nações; o número sugere perfeição no julgamento.

É o próprio Senhor que julgará essas nações, e Ele o fará de modo particular porque se aproveitaram de Israel em seu infortúnio. A Babilônia, espantosamente, não faz parte da lista de Ezequiel. Seu julgamento e queda, que de fato ocorreram depois dos seus anos de glória, não são mencionados. A inclusão da Babilônia teria encorajado os israelitas que estavam bastante seguros de que a Babilônia não era instrumento nas mãos de Deus.

A. Amom, Moabe, Edom e Filístia, 25.1-17

Podemos ver pelos mapas 1 e 2 que essas nações ficavam bem próximas de Judá. As quatro nações, ao longo dos séculos, haviam sido espinhos na vida de Judá e Israel.

1. *Amom* (25.1-7)

Amom, que ficava a nordeste de Jerusalém, havia escarnecido de Israel (3) quando Nabucodonosor finalmente invadiu e conquistou Jerusalém, profanou o **santuário** e deixou a terra assolada. A nação de Amom chegou a bater palmas e bater **com os pés** e

se alegrar **de coração** (6) com a calamidade de Jerusalém. Sem dúvida, sua oposição anterior aos hebreus (Jz 10.9—11.49) também pesou no destino de Amom. Depois que o Reino do Norte foi derrotado pela Assíria em 721 a.C., Amom tomou posse de Gade (Jr 49.1; veja mapa 2). Ela atacou Judá em 600 a.C. Tudo isso, além de se regozijar com a queda de Judá diante de Nabucodonosor, trouxe o julgamento de Deus — **e sabereis que eu sou o SENHOR** (5). O povo **do Oriente** (4) que iria conquistar Amom eram os babilônios que haviam acabado de destruir Judá. **Rabá** (5; veja mapa 2) era a cidade principal de Amom. **Um curral de ovelhas** também pode ser traduzido como "um local de descanso para ovelhas" (NVI). **Estenderei a mão** (7) é uma figura para descrever o exercício do poder de Deus. O estender da mão de Deus pode ser um paralelo literário ao bater das **mãos** dos filhos de Amom (6).

2. *Moabe* (25.8-11)

Moabe ficava a sudeste de Jerusalém (veja mapa 1), um outro inimigo antigo de Judá. Esse povo se regozija com o fato aparente de que **Judá é como todas as nações** (8), não recebendo a proteção especial de Deus que havia desfrutado tantas vezes. Deus também executará **juízos em Moabe** (11). **Seir** (8) pertencia a Edom e não a Moabe. Esse local não é incluído no texto grego de Ezequiel na Septuaginta.[1] Isso sugere que esse fato pode ter sido acrescentado ao manuscrito hebraico depois da tradução do hebraico para o grego. **Eis que abrirei o lado de Moabe desde as cidades** (9) tem sido traduzido da seguinte maneira: "abrirei o flanco de Moabe, começando por suas cidades fronteiriças" (NVI). As cidades mencionadas sobreviveram até os nossos tempos. **Bete-Jesimote** hoje é conhecida por Tel el-'Azelmeh, a cerca de quatro quilômetros a nordeste do mar Morto; **Baal-Meom** hoje é conhecida por Ma'in, a cerca de quinze quilômetros do mar Morto e **Quiriataim** hoje é chamada de el-Qereiyat, a dezesseis quilômetros de Ma'in. Os **filhos de Amom** (10) moravam ao norte de Moabe.

3. *Edom* (25.12-14)

A hostilidade entre Edom (veja mapa 1) e os judeus tinha sido real e duradoura. Edom não havia permitido que os israelitas passassem pela sua terra para ir a Canaã na época de Moisés, e os israelitas tiveram de dar uma grande volta para chegar ao seu destino. A breve profecia de Obadias, às vezes chamada de "um hino de aversão",[2] reflete a profunda hostilidade entre esses dois povos. Esse sentimento talvez tenha sido acentuado visto que Edom descendia de Esaú, o irmão gêmeo de Jacó, o predecessor dos israelitas (Gn 35.22—36.43). Edom participou ativamente da destruição de Jerusalém, matando os judeus que conseguiram escapar e fugiam para o sul (veja Obadias). Edom sofrerá pelos seus pecados de séculos. **Temã** e **Dedã**, duas das suas cidades, se tornarão **em deserto** (13). Essa profecia foi tão completamente cumprida que ninguém sabe onde elas estão localizadas (cf. 35.1—36.5 para mais comentários).

4. *Filístia* (25.15-17)

Os filisteus tinham entrado na terra da promessa muitos séculos antes, e foi deles que surgiu o nome Palestina. Os profetas muitas vezes denunciaram os filisteus (Is 14.29-32; Jr 25.20; Am 1.6-8). Seus conflitos com os judeus tinham uma longa história (cf. Jz 3.31; 14.1-16; 1 Sm 4.1-6; 2 Cr 26.6-7). Eles queriam ver Judá destruído devido à **perpé-**

tua inimizade (15). Deus diz que arrancaria os **quereteus** (16) — um outro nome para os filisteus, talvez por serem originários da ilha de Creta, ou Caftor, como eram conhecidos no Antigo Testamento (Dt 2.23; Jr 47.4; Am 9.7).

B. TIRO E SIDOM, 26.1—28.26

Tiro e Sidom não são propriamente nações, mas cidades costeiras (veja mapa 2), conhecidas pelos seus interesses comerciais. Tiro recebe uma denúncia longa e impetuosa (26.1—28.19), e Sidom é denunciada rapidamente em apenas quatro versículos (28.20-23).

1. *Tiro* (26.1—28.19)

Tiro possuía uma longa história como um centro comercial renomado. Mesmo no tempo da profecia de Ezequiel era um centro de grande poder mercantil, embora, como Jerusalém, fosse nominalmente sujeita à Babilônia. Tiro foi uma cidade **afamada** (26.17), **forte no mar**. Ela tinha ciúmes de Jerusalém, porque havia sido um centro comercial entre a Babilônia e o Egito, e, portanto, **a porta dos povos** (26.2). A queda de Jerusalém significaria que o comércio se voltaria para Tiro e ela prosperaria. Tiro foi egoísta. O seu interesse material era grande, mas sua alma, pequena.

Tiro tinha ao redor dela pequenas cidades, **filhas** no **campo** (26.8), que eram influenciadas por ela. E ela negociava com inúmeras nações e cidades que foram alistadas cuidadosamente no capítulo 27.

O rei de Tiro (28.12), Itobaal II, foi um rei muito orgulhoso. Seu **coração** se elevou (28.2) a ponto de dizer: **Eu sou Deus e sobre a cadeira de Deus me assento**. A rica e egoísta Tiro, produtora de Jezabel (1 Rs 16.31) e muitas outras pessoas desse tipo, seria humilhada, junto com seu rei.

Em torno da época da queda de Jerusalém, Nabucodonosor (26.7) sitiou Tiro por treze anos, de acordo com Josefo.[3] Os navios de Tiro foram completamente destruídos a ponto de nunca mais se tornarem uma grande frota. Hoje, Tiro é uma cidade insignificante de cerca de 6.000 pessoas.[4]

Eu varrerei o seu pó (26.4) e **farei de ti uma penha descalvada** (26.14) — pode ser uma alusão à falta de terra para cultivo em Tiro. Cerca de quatrocentos anos antes Salomão tinha trocado grãos e óleo por madeira de lei para edificar o Templo (1 Rs 5.11). Uma alusão comparável ocorre no versículo 12: "Despojarão sua riqueza [...] e lançarão ao mar sua terra fértil" (Berkeley). **Os príncipes do mar** (26.16) provavelmente eram os governantes das nações marítimas com quem Tiro realizava negócios. O versículo 17 começa com um breve poema. Ele é traduzido da seguinte forma pela NVI:

> *Como você está destruída,*
> *ó cidade de renome,*
> *povoada por homens do mar!*
> *Você era um poder nos mares,*
> *você e os seus cidadãos;*
> *você impunha pavor*
> *a todos os que ali vivem.*

Também encontramos em forma poética os seguintes textos: 27.3-9, 25-36 e 28.2-19 (cf. ARA). A extensão do comércio de Tiro é graficamente mostrada pela lista de lugares mencionados em 27.5-25, percorrendo desde a Espanha no Ocidente (**Társis**, 12) até a Mesopotâmia no Oriente (**Harã**, 23).

Társis negociava contigo (27.12ss) significa uma nação com quem Tiro fazia negócios. **Os arrabaldes** (27.28) também é traduzido por "zona campestre" (RSV). **Inteiramente calvos** e **panos de saco** (27.31) referem-se a rapar a cabeça e a vestir panos de saco como sinal de luto. Moffatt traduz **cheios de espanto** (27.35; 28.19) assim: "Todo povo do mar ficará chocado com o que aconteceu com você". **Assobiaram sobre ti** (27.36) significa "fazer sons de surpresa" (*Basic Bible*). **Daniel** (28.3) — cf. 14.14, comentário e nota de rodapé. O significado do **querubim ungido** (28.14) e do **querubim protetor** (28.16) é incerto. Ezequiel evidentemente está pensando na conduta soberana de Deus em relação aos outros povos. Foi Deus quem os fez prosperar e foi Deus quem os castigou de acordo com sua base moral. A RSV traduz esse texto da seguinte forma: "Você foi ungido como um querubim guardião, pois para isso eu o designei. Você estava no monte santo de Deus [...] até que se achou maldade em você. [...] Por isso eu o lancei para longe do monte de Deus, como uma coisa profana, e o querubim guardião o expulsou".

O declínio de Tiro é um exemplo do que acontece a uma nação que ama mais o ouro do que a Deus. Aqui está o destino de todos que se alegram com o sofrimento dos outros desde que esse sofrimento encha seus cofres com bens desse mundo presente. O historiador Arnold Toynbee entende que o materialismo é um dos fatores principais da queda de civilizações passadas. O exemplo de Tiro continua sendo seguido no século XX (e princípio do século XXI), com seu pensar quantitativo, que produziu a "era a jato" e a "era do ganho". Há dois séculos, Goethe escreveu que "o espírito tende a atrair para si um corpo". Ele estava falando de seres humanos, para quem as coisas materiais, tantas vezes, são o que mais importa.

"O Erro da nossa Era" pode ser o título de uma mensagem baseada em 28.1-8. 1) O erro: uma motivação errada (28.1-5). 2) Resultados do erro: os efeitos sobre Tiro, e sobre nós, de uma grande ênfase na prosperidade material (28.6-8). 3) Corrigindo o erro *a*) por meio da visão vertical mantida por Ezequiel; *b*) ao elevar a nossa visão para as coisas do alto (Cl 3.1-2); e *c*) ao colocar ordem nas prioridades (Mt 6.33).

2. *Sidom* (28.20-23)

Nos tempos antigos, Sidom pode ter sido uma cidade ainda maior do que Tiro. Os estudiosos chegam a essa conclusão pelo fato de Sidom ser mencionada em Gênesis 10.19 sem qualquer referência a Tiro. Com certeza, não era uma cidade insignificante (Js 19.28). Tinha seus próprios reis (Jr 25.22; 27.3). Muitas vezes, ela é mencionada junto com Tiro (Is 23.1-2; Mc 7.24-26; At 12.20). Nos dias de Ezequiel, as duas cidades eram parceiras litorâneas do pecado.

Deus é **contra** (22) Sidom e enviará **contra ela a peste e o sangue** (23), ou seja, a doença e a **espada**. Fica claro mais uma vez, com base nos versículos 22 e 23, que o poder de Deus, derramado em julgamento, tem o propósito de ser uma revelação de si mesmo para os homens: **e saberão que eu sou o SENHOR.**

3. *A Restauração de Israel* (28.24-26)

Em uma breve previsão de três versículos daquilo que o profeta tratará em detalhes nos capítulos posteriores (33—48), Ezequiel diz que chegará o tempo em que nenhuma nação circunvizinha será para Israel um **espinho que a pique** (24). Naquele tempo Deus vai **congregar a casa de Israel dentre os povos entre os quais estão espalhados e** se **santificar entre eles, perante os olhos das nações** (25). O **santificar** de Deus, conforme esse versículo, é uma indicação de que a palavra "santificação" não apenas se refere à pureza moral, como ocorre com freqüência no NT (e.g., Ef 5.25-27; 1 Ts 4.3; 5.23), mas também (particularmente no AT) a separar-se de tudo. Nesse caso, depois de julgar Tiro e Sidom por causa dos seus pecados, e depois de fazer Israel voltar para a sua própria terra, **o SENHOR, seu Deus**, será reconhecido como o Deus do verdadeiro poder e cuidado. Dessa forma Ele será santificado.

C. EGITO, 29.1—32.32

Com mais detalhes do que no caso de Tiro, Ezequiel denuncia o **Egito** e anuncia a destruição que essa nação logo sofrerá. Somente o Egito, das sete nações pagãs mencionadas por Ezequiel, era um verdadeiro império da sua época. Ao lado da Babilônia, era um poder a ser considerado. Achados arqueológicos em anos recentes confirmam a força política dessa nação que se estendia ao longo do rio Nilo e não se curvava diante de ninguém. Os israelitas infiéis tinham a esperança de que o Egito viria ajudá-los e derrotaria a Babilônia. Mas Ezequiel e Jeremias profetizaram que isso não aconteceria.

Para deixar bem claro o que Deus iria fazer na terra do Nilo, Ezequiel devota sete oráculos ao destino e à queda desse país mitológico. Cada um dos sete oráculos começa com a frase: **veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo** (29.1, 17; 30.1, 20; 31.1; 32.1, 17). O primeiro oráculo ocorreu no **décimo ano** do exílio (29.1); e o último oráculo, que é o segundo da série, tem a data mais recente de uma profecia proferida por Ezequiel: **no ano vinte e sete, no mês primeiro, no primeiro dia do mês** (29.17). Este é o ano vinte e sete do cativeiro de Joaquim — provavelmente em abril de 571 a.C.

1. *Primeiro Oráculo* (29.1-16)

Esse oráculo, proferido durante o sítio de Jerusalém (veja 24.1), é dirigido principalmente contra **Faraó** (2). Em seu orgulho e prosperidade, ele achava que tinha as coisas sob controle. Diferentemente de outros reis que, às vezes, diziam que eram descendentes dos deuses, esse faraó afirmava que ele mesmo era deus.

E quanto orgulho ele tinha do seu rio Nilo! Ele afirmou: **O meu rio é meu, e eu o fiz para mim** (3). Hoje, junto com o Amazonas e o Mississipi, o Nilo continua sendo um dos grandes rios do mundo. Enquanto esse comentário estava sendo escrito o seu curso foi mudado para que uma represa pudesse ser concluída, o que o tornará mais útil ainda. Mesmo nos tempos de Ezequiel, o Nilo era um benefício para o país. Ele era tão vasto que, às vezes, era chamado de mar, tão comprido que uma grande extensão de terra se tornava fértil pelo lodo e produtivo pelas suas águas. Os camelos podiam sentir a diferença que ele produzia no ar mesmo estando a meio dia de jornada do rio.

Faraó não reconheceu a Deus como o Criador de todas as coisas e que no uso das bênçãos da natureza os homens devem ser gratos pela provisão dele. Em vez disso, o rei do Egito, o **grande dragão** (3; monstro marinho), chafurda na prosperidade do seu rio, proclamando que foi ele que o fez para si mesmo.

Ezequiel narra como Deus vai se colocar **contra Faraó** [...] **e contra todo o Egito** (2). O rei será tirado da proteção do seu rio; **o peixe** (4), i.e., as pessoas do Egito, que são pequenas mas parecidas, ficarão presas às **escamas** (4) do grande peixe Faraó. Todos serão deixados **no deserto** (5), e morrerão sem sepultamento — o que era considerado desastroso pelos egípcios e outros povos antigos. Diversas traduções trazem "sepultado" (cf. ARA e NVI) no versículo 5 em vez de **ajuntado**. A ARA traduz: "não serás nem recolhido, nem sepultado". O fato de **animais da terra** e **aves** comerem seus corpos também sugere que não haverá sepultamento.

O Egito tinha se tornado **um bordão de cana para a casa de Israel** (6). Os israelitas tinham se apoiado no Egito como alguém se apóia em uma bengala, mas o Egito dera pouco suporte. Na verdade, ele não passava de um junco frágil em vez de madeira maciça. O versículo 7 recebeu a seguinte tradução: "Quando eles o pegaram com as mãos, você rachou, e os ombros deles se rasgaram; quando eles se apoiaram em você, você se quebrou, e todos os músculos deles sofreram torção" (*Basic Bible*).

O Egito se tornará deserto do norte até o sul (10; cf. 30.6). Migdol, que significa "torre", é uma cidade (veja Êx 14.2; Nm 33.7) ao norte, e Sevene, a moderna Assuã, onde hoje se encontra uma enorme represa, fica no extremo sul, perto da Etiópia (veja mapa 3). **Desde Migdol até Sevene** no Egito se compara com a conhecida frase "de Dã a Berseba" ao se referir à Terra Santa.

O Egito será castigado por **quarenta anos** (12), interessantemente o mesmo período da peregrinação de Israel no deserto após ter escapado do jugo egípcio (Nm 14.33; Sl 95.10). Esse é um número arredondado, visto que a ocupação persa no Egito ocorreu de 525 a 487 a.C.

Então ocorrerá a volta para a **terra de Patros** (14), i.e., o Alto Egito (veja Is 11.11; Jr 44.1). Mas o sul será negligenciado, e, de modo geral, o Egito será **um reino baixo** (14). Visto que o Egito não será mais uma grande potência, a **casa de Israel** (16) não será mais tentada a colocar sua **confiança** na força do seu vizinho do sul. O oráculo fecha com o propósito eterno de Deus para o homem, e o refrão profético de Ezequiel é: **saberão que eu sou o Senhor JEOVÁ.**

2. *O Segundo Oráculo* (29.17-21)

Esse oráculo deixa claro que os despojos do Egito são como pagamento (18-19) pelo grande **serviço** (18) prestado por Nabucodonosor — um esforço de treze anos contra Tiro. A campanha contra Tiro havia resultado em um despojo insignificante, visto que a cidade parece ter retirado seus tesouros antes da sua queda diante de Nabucodonosor.

O oráculo termina com uma referência à restauração por meio do **poder na casa de Israel** (21). Visto que a frase está ligada ao **abrimento da boca** (ou lábios), o **poder** (chifre) pode referir-se a uma situação daquele momento. É bem possível que o texto esteja se referindo aos lábios de Ezequiel, visto que sua boca tinha sido selada pelo Senhor, para que não falasse por um período às nações estrangeiras nem à Israel. No en-

tanto, "a palavra 'chifre' sugere poder e prosperidade. [...] A visão pode estar fazendo alusão à esperança messiânica" (Berkeley, nota de rodapé).

3. *O Terceiro Oráculo* (30.1-19)

Essa mensagem não datada é uma lista poética[5] das calamidades que sobrevirão ao Egito no seu **dia nublado** (3), **o dia do SENHOR**, quando Deus visitará essa nação com julgamento. Essas calamidades também afetarão as nações co-irmãs gentias. **O tempo dos gentios** significa "uma época de condenação para as nações" (NVI). **Cube** (5) aparece somente aqui na Bíblia, e não sabemos a que área a Bíblia está se referindo. A Septuaginta traz Lude ou Líbia. A exclamação: **Gemei: Ah! Aquele dia!** (2) é traduzida com vivacidade por Moffatt: "Gemem em voz alta; ai daquele dia". **Desde Migdol até Sevene** (6) veja comentário em 29.10. No versículo 9, a **Etiópia descuidada** é mencionada especificamente como uma nação vizinha que será julgada junto com o Egito.

A declaração: **E os rios farei secos** (12), é traduzida de forma mais literal por outras versões: "Eu secarei o Nilo" (Moffatt e RSV). O texto provavelmente quer dizer que o Nilo não transbordaria, e, conseqüentemente, suas águas não escoariam para os canais para irrigar a terra. **Escurecerá o dia** (18) é um outro exemplo da linguagem figurada usada para descrever os males que sobreviriam ao Egito.

As cidades mencionadas nos versículos 13-18 eram as principais cidades do antigo Egito. **Nofe** (13) era Mênfis, a capital do Baixo Egito. **Patros** (14) era o Alto Egito (veja 29.14). **Zoã** era Tanis, na região nordeste do delta do Nilo. **Nô**, também conhecida como Tebas, no Alto Egito, chegou a ser uma das capitais mais esplêndidas do país, hoje conhecida como Carnaque. **Sim** (15) mais tarde ficou conhecida pelo nome grego Pelúsio, hoje conhecida como Tell Farama, na região litorânea, a cerca de 30 quilômetros a sudeste do Porto Said. **Áven** (17) ou Om ficou conhecida mais tarde como Heliópolis, uma cidade devotada à adoração do sol. **Pi-Besete** é Bubastis, uma antiga cidade à beira do Nilo, no Alto Egito, a quarenta e cinco quilômetros a sudoeste de Zoã. Essa cidade havia edificado um templo famoso dedicado à deusa-gato. **Tafnes** (18) ficava na região oriental do delta, perto de Migdol (veja mapa 3).

4. *Quarto Oráculo* (30.20-26)

Essa é uma breve profecia em prosa contra o faraó, e é datada em abril de 586 a.C., do **ano undécimo** do exílio (20). Ezequiel antevê que o poder do faraó será quebrado e dado a outro rei, isto é, o rei Nabucodonosor — com o propósito de declarar que Javé é **o SENHOR** (26). **O braço de Faraó** (21) representa o seu poder. **Ligaduras para o atar** representa uma bandagem para apoiar e fortalecer o seu braço.

5. *Quinto Oráculo* (31.1-18)

Essa palavra contra o faraó, datada menos de dois meses depois do oráculo anterior (cf. 30.20), compara o rei do Egito a **um cedro** (3), a árvore típica da Assíria, que havia florescido, mas que agora não florescerá mais.

A KJV deixa entender que há uma mudança, passando do faraó para o rei da **Assíria** (3). A longa descrição do **cedro** parece não se aplicar ao faraó, mas a outra pessoa. Todavia, o oráculo é dirigido ao **Faraó** no versículo 2, e concluído com referência a ele pelo nome no versículo 18. É possível que tenha havido um pequeno erro de algum copista;

por isso é possível que haja uma pequena discrepância entre o texto que conhecemos hoje e o manuscrito original. Com o acréscimo de uma letra, além da troca de uma outra letra com uma que é quase idêntica, o texto pode ser traduzido da seguinte forma: "Te comparei a um cedro". A referência às **águas** (4) como fonte da prosperidade do cedro provavelmente tinha uma implicação direta sobre a situação do faraó no Egito, visto que as águas do Nilo formavam a base para a agricultura da nação (cf. 29.3, 9-10).

O **jardim de Deus** (8-9) parece referir-se ao jardim do Éden. A palavra **inferno** (16-17; *sheol*, lugar dos mortos) refere-se a um lugar de destruição ou de esquecimento. Este não é o lugar de castigo eterno, porque o texto refere-se ao destino da nação em vez de às pessoas. A última parte do versículo 16 é de difícil interpretação. Ela pode significar que outras nações que haviam temido o Egito e haviam sido destruídas, talvez pelo próprio exército egípcio, se regozijariam com a sua queda. Moffatt traduz esse texto da seguinte forma: "As melhores árvores do Líbano, bem regadas pela água, foram todas consoladas pelo seu destino". Estar **no meio dos incircuncisos** (18) seria uma indignidade muito grande para os egípcios. Eles praticavam a circuncisão e consideravam as pessoas que não a praticavam como "fora do âmbito da civilização" (Berkeley, nota de rodapé).

6. *Sexto Oráculo* (32.1-16)

Novamente temos um oráculo datado (1). Esse oráculo foi proferido em março de 585 a.C., cerca de um ano e nove meses após a profecia de 31.1. Nele o Senhor lamenta sobre o faraó e descreve o que vai acontecer a ele. O rei é comparado com **um filho de leão** (2), o mais feroz dos animais selvagens da terra; e a **um dragão,** ou talvez a um crocodilo, o animal mais feroz nas águas.[6] Moffatt traduz esse texto da seguinte forma: "Você é como um monstro nas correntezas, bufando água das suas narinas, agitando o rio com seus pés, enlameando as correntezas".

Os versículos 3-5 são quase uma duplicação de 29.3-5. Veja os comentários ali. No versículo 5, **altura** não deixa o significado claro. As traduções mais recentes trazem "carcaça" (RSV) ou "vermes" (ASV, nota de rodapé). Nos versículos 7-8, a destruição da terra é comparada com as luzes que estão se apagando e **as brilhantes luzes do céu** (8) sendo enegrecidas. Os versículos 13-14 comparam o julgamento do Egito ao gado que é destruído, e o rio Nilo, outrora cheio de lodo correndo serenamente **como o azeite**, ou "claro" (Berkeley), sem seu lodo fertilizante.

7. *Sétimo Oráculo* (32.17-32)

O último dos sete oráculos contra a sétima nação pagã, o Egito, é datado no **ano duodécimo, aos quinze do mês** (17). Não é mencionado o mês, mas o mês e o ano provavelmente são os mesmos do oráculo anterior, ou seja, em 585 a.C. Nenhum profeta foi tão cuidadoso em registrar datas quanto Ezequiel.

Esse oráculo descreve o lugar do Egito entre as várias nações incircuncisas[7] (vv. 19, 21, 24-30, 32), i.e., os gentios, descendo para o Sheol, ou **à cova** (18). Tanto no início (cf. 17) quanto no seu final o oráculo afirma que o faraó **jazerá no meio dos incircuncisos** (32) junto com **toda a sua multidão**, i.e., o povo do Egito. O faraó e seu povo não terão um lugar melhor na **terra mais baixa** (18) do que outras nações. Isso ocorrerá mesmo que alguns deles tenham sido embalsamados e colocados em grandes tumbas como múmias. Talvez por causa disso se faça a pergunta: **A quem sobrepujas** (superas, RSV) **tu em beleza?** (19).

No versículo 21, esse mundo inferior é chamado de **inferno**. A palavra no hebraico é *sheol*, que significa simplesmente o lugar dos mortos para todas as pessoas (veja comentários em 31.17). *Sheol* aqui não deve ser identificado com o lugar de castigo eterno mencionado tantas vezes e tão claramente no Novo Testamento (e.g., Mt 18.9; Ap 20.10-15).[8] Embora o livro de Daniel (12.2) ensine acerca das recompensas e castigos eternos, o Antigo Testamento, como um todo, não ensina como será a existência após essa vida. Foi necessário o ensino de Cristo acerca da ressurreição (Jo 11.25-26) e a sua própria ressurreição dos mortos (cf. 1 Co 15), para incutir nos cristãos uma forte convicção acerca da vida no porvir — com admoestações aos teimosos acerca do destino que lhes aguarda (Ap 20.8).

Assur (22) é, nas versões mais recentes, traduzido por "Assíria" (veja mapa 1). A Assíria havia sido conquistada pela Babilônia em 612 a.C. "Depois da Assíria, Elão [v. 24] era o país com maior poder bélico. [...] Eles habitavam a região leste do rio Tigre e se uniram ao exército assírio contra Jerusalém na época de Isaías (Berkeley, nota de rodapé; cf. Is 22.6). **Meseque** e **Tubal** (26) "eram remanescentes da antiga população dos heteus, filhos de Jafé"). Os versículos 26 e 27 parecem referir-se a Meseque e Tubal, e o versículo 28 chama a atenção para um destino semelhante que aguarda o Egito. A tradução de Moffatt ajuda a esclarecer esse aspecto: "Meseque e Tubal estão ali, com toda a sua população, nos túmulos ao seu redor, todos jazendo em uma morte vergonhosa, vítimas da espada, porque eram um terror na terra dos viventes; eles não se acharão ao lado dos antigos guerreiros valentes, que desceram à sepultura com suas armas, cujas espadas foram colocadas debaixo das suas cabeças, e seus escudos sobre seus esqueletos, porque eram um terror na terra dos viventes. (E, Faraó, você jazerá entre os derrotados, que foram vítimas da espada)".

SEÇÃO IV

RESTAURAÇÃO E ESPERANÇA

Ezequiel 33.1—48.35

Não somente muda a cena nesse ponto na profecia de Ezequiel, mas também mudam o assunto, a atmosfera e o espírito. As profecias não são mais dirigidas diretamente às nações estrangeiras, embora recebam alguma atenção em 36.7; 38—39. Na maior parte das vezes, o homem de Deus concentra a sua atenção no povo de Deus, Israel. A destruição já não está na ordem do dia em relação ao futuro de Israel. Lemos agora a respeito de restauração e esperança, percepção e providência.

A. A RESTAURAÇÃO DE ISRAEL, 33.1—39.29

Nessa seção, há referências breves à destruição que aguarda alguns israelitas (e.g., 33.23-29) e as nações pagãs vizinhas (36.7). Mas, de modo geral, esses sete capítulos descrevem dias bons que aguardam o povo de Deus na terra do Senhor.

1. *Reafirmação do Ofício de Ezequiel como Atalaia* (33.1-9)

Sempre **a palavra do SENHOR** (1) vem a Ezequiel. A palavra nunca vem da mente ou imaginação do próprio profeta. Ele nunca é como o sol, emitindo luz do seu interior. Em vez disso, ele se parece mais com a lua. Como a lua não tem luz própria, Ezequiel não poderia emitir luz se não fosse pela **palavra do SENHOR** vindo a ele.

Mais uma vez Ezequiel é chamado de **filho do homem** (2; veja comentários em 2.1). À medida que a palavra do Senhor vem ao seu **povo** de Israel (2), por meio de Ezequiel, ele primeiro declara simplesmente que qualquer profeta é um **atalaia** para advertir o desavisado. Esse assunto foi tratado em 3.16-21. Além de Ezequiel, a figura do profeta

como atalaia aparece em Isaías 21.6, Jeremias 6.17 e Habacuque 2.1. O que é dito nessa seção está suficientemente claro: a responsabilidade do atalaia é avisar o **ímpio** (8), e a responsabilidade do **ímpio** é converter-se **do seu caminho** (9).

Um homem dos seus termos (2) significa "um compatriota" (NVI). **O seu sangue será sobre a sua cabeça** (4); i.e., "esse homem é responsável pela sua própria morte" (Moffatt). **Livraste a tua alma** (9) significa: "Você salvou a sua vida" (RSV) da condenação de Deus.

2. *Responsabilidade Individual* (33.10-20)

Ezequiel cria na liberdade moral do homem, ressaltando a responsabilidade individual. Ele ficaria chocado com a sugestão de uma predestinação incondicional do indivíduo, de acordo com o ensinamento de João Calvino e seus seguidores.

Num capítulo anterior, Ezequiel havia mencionado a responsabilidade pessoal do indivíduo diante de Deus, ressaltando que se uma pessoa justa se afastar de Deus e pecar, ela certamente morrerá. De uma pessoa justa que se desvia de Deus, e do seu castigo resultante, Ezequiel diz que "no seu pecado com que pecou, neles morrerá" (18.24; veja comentários em 18.21-32).[1]

Aqui Ezequiel retorna à mesma ênfase. É como se, debaixo da orientação do Espírito Santo, ele conseguisse ver uma época em que o "Agostinianismo" e o Calvinismo causariam um profundo dano ao nervo do empenho espiritual, ao defenderem que o que uma pessoa faz (como arrependimento ou fé) ou deixar de fazer, não tem nenhuma influência no seu destino eterno, visto que são eleitos ou condenados antes de nascerem. O profeta, pensando como Armínio dois mil anos antes do nascimento desse teólogo, diz: **A justiça do justo não o fará escapar no dia da sua prevaricação** (12; "quando ele transgredir", RSV). O fato de uma pessoa ser justa, ou justificada diante de Deus, não a ajudará em nada, se propositadamente transgredir a lei de Deus. Ezequiel então explica que se o justo **confiando na sua justiça, praticar iniqüidade, não virão em memória todas as suas justiças, mas na sua iniqüidade, que pratica, ele morrerá** (13). Isso parece em franca oposição com a doutrina que propaga "uma vez salvo, sempre salvo", muitas vezes também chamada de doutrina da "segurança eterna", ou da "salvação eterna".

Um outro aspecto dessa doutrina é novamente enfatizado por Ezequiel. Ele trata da situação do ímpio que se converte da sua iniqüidade. O destino desse indivíduo não foi decidido em um decreto eterno promulgado antes de ele nascer. A decisão depende desse indivíduo, quer ele se desvie do seu pecado e volte para Deus, quer não. Deus declara: **Quando eu também disser ao ímpio: Certamente morrerás; se ele se converter do seu pecado** [...] **e não** praticar **iniqüidade, certamente viverá, não morrerá** (14-15).

As pessoas estavam dizendo: **Não é reto** (justo; 17) **o caminho do SENHOR**. Ezequiel explica que os caminhos de Deus são absolutamente justos e cada indivíduo é tratado de acordo com a sua justiça. Deus afirma: **julgar-vos-ei a cada um conforme os seus caminhos, ó casa de Israel** (20).

Alguns estudiosos afirmam que o ensino do Antigo Testamento está em discrepância com a verdade do Novo Testamento. Precisamos dizer duas coisas a essas pessoas: Primeiro, o Novo Testamento segue o ensino de Ezequiel (Mt 10.22; Cl 1.23; Hb 3.6; 2 Pe

1.10). Segundo, os proponentes da eleição e perseverança incondicional não apresentam qualquer argumento para uma mudança da responsabilidade individual, como vista no Antigo Testamento, em outro ensino que anule essa exigência, no Novo Testamento.

3. *Chega a Notícia da Queda de Jerusalém* (33.21-22)

Jerusalém havia caído diante de Nabucodonosor; e uma descrição detalhada da queda foi anunciada por Ezequiel **no ano duodécimo, no décimo mês, aos cinco do mês do nosso cativeiro** (21; veja 24.26). As notícias não viajavam com a rapidez da mídia cibernética desse dias e, mesmo assim, as notícias da queda devem ter alcançado a comunidade de Quebar em um curto espaço de tempo. Uma testemunha ocular vem e conta a Ezequiel os acontecimentos em primeira mão.

O fugitivo pode ter sido detido pelos seus captores, porque de acordo com a maioria dos estudiosos, sua vinda parece ter ocorrido um ano e meio após o acontecimento. No entanto, se a teoria de que o ano começava no outono está certa, então haveria um intervalo de menos de seis meses entre o acontecimento e as notícias do mesmo.[2] De acordo com Esdras 7.9, levou 108 dias para um grupo de pessoas fazer o mesmo percurso.

Ezequiel tinha dito que quando "algum que escapar" (24.26) naquele dia lhe trouxesse a notícia da queda da cidade, a sua boca se abriria "para com aquele que escapar" (24.27). A boca de Ezequiel estava fechada para falar aos israelitas, embora falasse durante esse tempo contra as nações pagãs (caps. 25—32). Com a chegada do fugitivo lemos: **Ora, a mão do SENHOR estivera sobre mim pela tarde, antes que viesse o que tinha escapado; abriu a minha boca, até que veio a mim pela manhã;** [...] **e não fiquei mais em silêncio** (22).

4. *As Primeiras Profecias Após a Queda de Jerusalém* (33.23-33)

Uma das primeiras profecias de Ezequiel relacionava-se com o castigo daqueles que haviam fugido para os **lugares desertos da terra de Israel** (24) quando a cidade caiu diante de Nabucodonosor (23-20). Essas pessoas concluíam que a terra era delas de acordo com a promessa. Elas disseram que Deus dera a terra a Abraão e que se Deus fizera isso a **um** homem (24), certamente os **muitos** descendentes de Abraão deveriam possuir a terra. Mas eles não se lembravam dos seus pecados e do fato de que as promessas de Deus sempre têm condições atreladas a elas.

Ezequiel aqui cataloga os pecados deles. Primeiro: **Com sangue comeis** (25). Isso, sem dúvida, significa que comiam carne que ainda continha sangue, devido à falha em matar o animal da maneira certa. A abstenção de sangue foi uma regra que continuou sendo mantida nos tempos do Novo Testamento (At 15.20). Também lhes é dito: **Vós vos estribais sobre a vossa espada** (26). A NVI traz: "Vocês confiam na espada". Adam Clarke comenta: "Vocês vivem de saques [...] e matança".[3] Outros pecados são arrolados, incluindo **abominação** (26), que estava relacionada com a idolatria. Esses fugitivos rebeldes **cairão à espada, e** [...] **morrerão de pestilência** (27), e **a terra** será tornada em **assolação** (28).

Uma outra profecia anunciada logo após a notícia da queda de Jerusalém relacionava-se com a atitude do povo em relação a Ezequiel. Eles gostavam dele, como lemos no versículo 30: **os filhos do teu povo falam de ti** (cf. Septuaginta).[4] Eles contam um ao outro que o profeta é um homem de quem eles podem ouvir **a palavra que procede do**

SENHOR (30). Ezequiel é para eles **uma canção de amores** (32), especialmente quando profetiza sobre restauração e esperança, como ele agora está fazendo. Ele chega a ter "uma bela voz e que sabe tocar um instrumento" (NVI). Ele se tornou um pregador realmente popular! Puro engano! Eles **ouvem** as suas **palavras, mas não as põem por obra** (31). No entanto, **quando vier isto** (33), o que Ezequiel estava profetizando, **então, saberão que houve no meio deles um profeta** (33).

5. *Promessas de Restauração* (34.1—39.29)

a) *Restauração sob um bom pastor* (34.1-31). Enquanto o profeta é chamado de atalaia, os governantes de Israel são aqui chamados de **pastores** (2). Estão incluídos os reis, os príncipes e os magistrados. Clarke inclui também os sacerdotes e levitas.[5] Esses têm sido pastores infiéis para com o povo de Deus. Eles não têm sustentado o rebanho do Senhor (2), Israel. Em vez disso, eles estão mais preocupados em alimentar-se a si mesmos e a estar bem vestidos (3). Eles não tiveram misericórdia para com a ovelha **doente** nem com a que estava ferida. Eles não buscaram a **perdida** (4), como Cristo, o Bom Pastor, fez anos mais tarde (Jo 10.11, 14).

As coisas que Deus promete fazer pelo seu rebanho, como o Bom Pastor, são belas e graciosas (11-31). Ele buscará as **ovelhas dispersas** (12). Isso, evidentemente, refere-se aos israelitas que estavam dispersos em muitos países. Sendo uma promessa eterna do Deus Eterno, ela sem dúvida se refere à graça de Deus que continua buscando o pecador e o constrangendo a voltar para o rebanho. O **dia de nuvens e de escuridão** é uma figura para um tempo de incerteza e medo.

A palavra para **gordos** (14) pode significar diversas coisas. No versículo 14 se refere a pastos "ricos" (Berkeley). Nos versículos 16 e 20 temos uma clara nuança de uma prosperidade egoísta, obtida à custa de outros. O Senhor diz o seguinte acerca desses líderes egocêntricos: **eu julgarei entre gado pequeno e gado pequeno** (17). "Os bodes são os homens fortes e líderes da comunidade, que ignoram os direitos do povo comum" (Berkeley, nota de rodapé). Deles, Deus diz: **Eis que eu, eu mesmo, julgarei entre o gado gordo e o gado magro** (20). A responsabilidade pelo exílio é desses líderes: "Suas criaturas gordas, vocês afastaram as ovelhas fracas, com o corpo e com os ombros, chifrando essas criaturas fracas até que as espalharam para longe" (21, Moffatt).

Deus não mostrará misericórdia a esses malfeitores, mas tem planos gloriosos para o seu povo. Sobre eles Ele levantará **um só pastor** (23), **e ele as apascentará; o meu servo Davi é que há de apascentar**. Essa profecia messiânica está relacionada com a vinda de Cristo da linhagem de Davi. Ele pastoreará todas as ovelhas que o seguirem (Jo 10.4).

A clara mensagem messiânica dos versículos 23-25 harmoniza com a promessa mais próxima da volta de Israel para Jerusalém. **Meu outeiro** (26) provavelmente refere-se ao monte Sião, sobre o qual o Templo havia sido edificado. Junto com a redenção espiritual por meio de **um só pastor** da linhagem de Davi (23), Deus promete cuidar das suas necessidades físicas (25b-29). Em vez de: **Eu lhes levantarei uma plantação de renome** (29), que pode ter uma conotação messiânica, a frase pode ser traduzida também como: "Levanter-lhes-ei plantação memorável" (ARA).[6] Essas ovelhas não mais seriam **consumidas pela fome**. Também não **mais levarão sobre si opróbrio dos gentios**,

que achavam que o Deus de Israel deixava seu próprio povo na mão toda vez que Israel estava em grandes dificuldades. **Dos que se serviam delas** (27) significa "daqueles que as escravizavam" (Berkeley). A afirmação: **Saberão, porém, que eu, o SENHOR, seu Deus, estou com elas** (30) claramente se refere às bênçãos materiais prometidas nos versículos 25b-29. Mas será que não se refere também à revelação de Deus por meio do Messias (23-25) e a cada manifestação pessoal àqueles que o servem? Todos os que sinceramente caminham com Deus, de tempos em tempos sentem uma forte segurança interior da Presença Divina.

b) *A Restauração de Israel* (35.1—36.15). O capítulo 35 e a metade do capítulo 36 referem-se a um outro assunto. Quando se fez a divisão dos capítulos no século XIII d.C. teria sido mais correto iniciar o novo capítulo em 36.16 em vez de 36.1. O assunto dessa seção trata da restauração que Deus promete a Israel, e a mensagem é dirigida principalmente aos companheiros de exílio de Ezequiel na Babilônia. Na maior parte das vezes, é dito que a restauração virá aos **montes** de Israel (36.1, 4, 8), que servem para personificar a nação. Mas também estão incluídos as **correntes** e os **vales** (36.4), os lugares solitários e as **cidades** (veja 36.3) — i.e., toda a terra. Essa é a promessa que o profeta faz em nome do Deus que vive e que, portanto, pode cumprir as promessas (35.6).[7]

Mas, de forma contrastante com o que Deus se propõe a fazer pelos montes de Israel, o julgamento que Ele trará sobre o **monte Seir** (2; o nome poético para Edom) está delineado (35.1-15). **Estenderei a mão** (3) significa: Exercerei o meu poder.

Já foi anunciada a admoestação do Senhor contra Edom (25.12-14). Descendente de Esaú,[8] esse vizinho de Israel (veja mapa 1) tinha sido um espinho na sua carne por muito tempo. Ele guardava uma **inimizade perpétua** (35.5) contra Israel.

Quando Moisés e os filhos de Israel estavam a caminho da Terra Prometida, pediram permissão para passar por Edom e ir diretamente a Canaã. A permissão foi negada (Nm 20.18), e Israel teve de dar uma grande volta. Essa atitude de Edom foi lembrada por muito tempo pelos israelitas. Séculos após a época de Ezequiel, Edom "produziu" Herodes, o rei que foi tão cruel com o Salvador.

Mas pouco antes de Ezequiel anunciar a "profecia dos contrastes" entre Edom e Israel, Edom opôs-se a Israel e apoiou a Babilônia. No dia mais difícil de Jerusalém, quando ela caiu diante de Nabucodonosor, e quando estranhos entravam pelas suas portas, Edom era um deles (Ob 11). Quando não era mais possível defender a cidade, alguns dos israelitas fugiram para o país vizinho. Edom era vizinho, mas não hospitaleiro. Com ódio de inimigo, esse povo parou nas encruzilhadas para exterminar "os que escapassem [de Judá]" (Ob 14). Seus guerreiros ficavam nas principais encruzilhadas na entrada de Edom e matavam os fugitivos dispersos. Depois que Obadias lembrou-lhes que haviam exterminado os fugitivos, ele diz que Edom não deveria ter entregue os sobreviventes "no dia da angústia" (Ob 14). Após derramarem muito sangue, decidiram capturar os outros fugitivos e observá-los debaterem-se angustiados ao ser entregues na mão do inimigo. Ezequiel diz de Edom: **abandonaste os filhos de Israel à violência da espada** (35.5). **No tempo da extrema iniqüidade** é mais simples e corretamente traduzido como: "no tempo da sua destruição final" (Berkeley).

Edom examinou a situação e alegrou-se "sobre os filhos de Judá, no dia da sua ruína" (Ob 12). Além disso, ele se orgulhava de que esse tipo de humilhação não tinha vindo

sobre ele. Obadias conclui o versículo, referindo-se a Edom: "não devia ter falado com arrogância no dia da sua aflição" (NVI).[9] Além disso, os edomitas entraram "pela porta" da cidade destruída, olharam com satisfação "para o seu mal" e saquearam os seus bens (Ob 13). Deus disse a Edom: "Uma vez que você não detestou o espírito sanguinário, este o perseguirá" (35.6, NVI). Em 35.11 vemos algo da justiça divina. Deus declara: **usarei conforme a tua ira e conforme a tua inveja**. Paulo escreve: "Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o SENHOR" (Rm 12.19).

Antes que Rebeca gerasse os gêmeos Jacó e Esaú, o Senhor lhe disse: "Duas nações há no teu ventre, e dois povos" (Gn 25.23). **Os dois povos** (35.10) referem-se ao monte Seir e a Canaã. Israel teve seus desvios e pecados, mas sua história estava sob a mão de Deus. Edom, por outro lado, era pequena entre as "nações" (Ob 2). Esaú havia sido um "profano" (Hb 12.16) e havia gerado um povo profano. O Antigo Testamento não menciona que eles adoraram outros deuses, embora os arqueólogos tenham encontrado resíduos das suas deidades. Eles eram profanos — materialistas, comerciantes astutos com muitas nações, sábios no que se refere à sabedoria humana, esquecendo-se de Deus. John Paterson diz: "Edom estava interessado somente em comprar e vender coisas: principalmente gado e [outros] animais domésticos. Era uma civilização comercial e se orgulhava da sua perspicácia em fazer negócios e da sua astúcia comercial".[10]

A pequena extensão territorial de Edom pode ter contribuído para a sua atitude. O comprimento era de apenas 160 quilômetros e sua largura não passava de 30 quilômetros — uma mera partícula no mapa. Mas, sua arrogância se elevou, principalmente por causa da sua posição geográfica supostamente invencível. Sua capital, Selá (hb., "rocha"), estava localizada no alto das rochas, em que havia se erguido uma fortaleza. Seu nome foi mais tarde mudado para Petra, uma palavra grega de significado semelhante. Ela estava situada dos dois lados de um desfiladeiro profundo que serpenteia como um rio por cerca de dois quilômetros e meio. De cada lado da garganta havia rochedos íngremes, onde havia cavernas naturais e lavradas, em que as pessoas moravam. Os habitantes mais antigos daquela área, então denominada de **monte Seir** (35.2-3, etc.), eram chamados habitantes de cavernas (ou "os horeus", veja Gn 14.6; Dt 2.12, 22). Naqueles dias em que o exército era formado pela infantaria e por carruagens, era extremamente difícil para qualquer inimigo derrotar o povo de Petra. Todo o país, de modo geral, era facilmente fortificado.

O pomposo e orgulhoso Edom, também chamado Iduméia (35.15, KJV), se tornará em **assolações perpétuas** (35.9). Moffatt traduz esse texto da seguinte forma: "Você ficará arrasado para todo sempre". Por outro lado, os humildes israelitas espalhados por toda parte voltarão para o seu país e serão abençoados. Em 36.8, Deus promete frutificação para os montes de Israel e explica a razão: A frutificação será **para o meu povo de Israel; porque estão prestes a vir**.

c) *A restauração dos corações pecaminosos dos homens* (36.16-38). Se a profecia de Ezequiel alcança um cume que é mais alto do que todos os outros, então é a última parte desse capítulo. Nesse texto Ezequiel conta o que Deus propõe fazer para os corações dos israelitas; mas ele introduz essa palavra ao explicar o verdadeiro motivo de Ele propor redimir os homens dessa forma. Ele quer tornar os homens santos porque Ele é santo.

Primeiro, o profeta aponta os pecados do povo. Eles **contaminaram** a terra **com as suas ações** (17).

Então o Senhor diz que **como a imundícia de uma mulher em sua separação** (impura), **tal era o caminho** deles **perante o** seu **rosto**. Pessoas pecadoras deveriam ficar afastadas da comunhão com Deus. O povo tinha os **seus ídolos** (18); e quando Deus os havia espalhado (19) por causa dos seus ídolos eles **profanaram** seu **santo nome** (20). Eles arrastaram o nome de Deus no pó entre os gentios. No Antigo Testamento o **nome** de Deus é, muitas vezes, sinônimo da sua natureza. Assim, Deus está profundamente preocupado em que o seu nome não seja profanado, i.e., que a sua natureza não seja mal-entendida; porque se os homens não entenderem Deus da forma correta, não podem amá-lo e adorá-lo da forma correta. É significativo observar que a profanação de Israel não estava em amaldiçoar a Deus — mas em não obedecê-lo.

Observe que é o seu **santo nome** (20) que eles profanaram. Quando Deus é chamado de santo, isto quer dizer que Ele existe em uma categoria própria, tanto metafísica quanto moralmente. A palavra para "santidade" (hb., *kodesh*) originalmente relacionava-se com separação ou remoção.[11] Quando aplicada a determinada coisa, essa palavra quer dizer que ela é separada do uso comum a fim de ser usada para Deus. Assim, os sacrifícios e os dízimos eram santos (Êx 29.33ss; Lv 21.11; 22.10; Nm 18.25-32; Dt 12.26). Quando aplicada às pessoas, a santidade do Antigo Testamento geralmente significava que elas eram separadas para uma obra especial de Deus, e.g., o sacerdócio. Mas mesmo nessa ocupação, eles maculavam seu santo nome se não estivessem moralmente puras de coração (18-24). Quando aplicada a anjos, a santidade significa que compartilham da natureza do Criador e são dedicados ao seu serviço (Dn 8.13; Mt 25.31).

Quando aplicada a Deus, a santidade geralmente significa que Ele é separado de todos os outros chamados deuses dos homens. Ele é absolutamente Santo. Por isso lemos em 1 Samuel 2.2: "Não há santo como é o SENHOR". Isaías com freqüência usa "o Santo" como sinônimo para Deus (e.g., Is 40.25). Todos os atributos de Deus, metafísicos e morais, são incluídos na sua santidade.[12] É isso que Ele é — Santidade. Assim, Amós pode falar de Deus em certa ocasião jurando "pela sua santidade" (Am 4.2) e em outra ocasião jurando "pela sua alma" (Am 6.8). O **grande nome** (23) de Deus é aqui usado como sinônimo do seu **santo nome** (22).

Em nosso texto presente, é a santidade moral de Deus que exige vidas santas (cf. vv. 17-23). Veja também comentários em Ezequiel 43.7, em que um Deus santo requer vidas santas.

A santidade é, então, o que Deus é, ou seja, a sua própria natureza. Sua santidade é absoluta, por isso ela está num nível muito mais elevado do que a santidade dada ao homem. Esse Deus santo espera que o homem seja santo tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Em Levítico 11.44 lemos: "sereis santos, porque eu sou santo" (cf. Lv 11—18).[13] E o apóstolo Pedro diz: "mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver, porquanto escrito está: Sede santos, porque eu sou santo" (1 Pe 1.15-16). Essa santidade nos homens inclui a pureza de coração — uma singeleza de espírito na qual um homem ama fazer a vontade de Deus e trabalha sem a oposição interior que tem suas raízes na natureza carnal ou no pecado original. Essa pureza de coração é essencialmente o que os discípulos receberam no dia de Pentecostes (At 2.4; 15.8-9).

Ezequiel vê, talvez mais claramente do que qualquer outro autor do Antigo Testamento, a pureza de coração tornada acessível no dia de Pentecostes e depois disso.[14] O profeta

naturalmente não expressa seus vislumbres da santidade de coração na linguagem da teologia sistemática. Mas o que ele vê é o que está cumprido na dispensação da nova aliança — e de modo particular naqueles que são completamente santificados (1 Ts 5.23).[15]

Falando em nome do Senhor, o profeta diz: **Então** (algum tempo depois da volta do povo de Israel ao seu país), **espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados** (25). Adam Clarke comenta: "A *verdadeira água purificadora*; a influência do Espírito Santo tipificada pela *água*, cuja característica é *limpar, alvejar, purificar, refrescar*, tornar *saudável* e *frutífero*".[16]

O Senhor então promete: **E vos darei um coração novo** (26). Isso significa com novos apetites e uma vontade renovada de servir a Deus. "Coração" no hebraico tem implicações volitivas, e não simplesmente emocionais como ocorre em nossa língua. **Um espírito novo** também será colocado **dentro** das pessoas — um novo anelo para realizar a vontade de Deus mesmo que isso signifique sacrifício pessoal. E perceba que tudo isso ocorrerá **dentro**. A religião estava basicamente voltada para o exterior, quando Israel era guiado pelos caminhos de Deus. Na nova obra que Deus fará, a fé será internalizada. A justiça será tão interiorizada que o que se sugere aqui é a justiça "comunicada", de acordo com o ensino wesleyano-arminiano, em vez da justiça meramente "imputada" (considerando uma pessoa justa porque é de Cristo, quando ela, na realidade, não é justa).[17]

Esse ponto alto da profecia do Antigo Testamento continua com a promessa de que o **coração de pedra** será tirado, e, em seu lugar, será colocado um **coração de carne**. Israel havia sofrido terríveis conseqüências devido ao seu **coração de pedra**. Muitas vezes, o povo teimava em andar nos seus próprios caminhos. Quanto mais andarmos de acordo com os nossos caminhos, mais endurecido ele fica; mais e mais nosso coração fica endurecido em relação ao chamado de Deus. Ezequiel vislumbra o tempo quando Deus, por meio de uma cirurgia, removerá o coração de pedra da mesma forma que um cirurgião extirpa um câncer. Então Deus colocará em seu lugar um coração que é responsivo aos seus desejos.

Para tudo isso é necessário uma capacitação. Essa capacitação é suprida pelo Espírito do Senhor, o Espírito Santo, habitando na alma confiante. Deus, portanto, diz: **E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos** (27). Isso parece a mesma coisa que Joel havia visto (Jl 2.28-29), que se cumpriu no Pentecostes (At 2) e teve sua reverberação em dezenas de milhares de pessoas no moderno movimento de santidade, liderado por John Wesley, no século XVIII. Acerca do versículo 27, Adam Clarke diz: "Aqui está a salvação que é um direito de primogenitura de todo *crente em Cristo: a completa destruição de todo pecado na alma e a completa renovação do coração*; não há lugar para o *pecado* do *lado de dentro*, e para a *injustiça* do *lado de fora*".[18]

Em 36.25-38 observamos o "Pentecostes na Profecia de Ezequiel". **Então, espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados** (25). 1) **Um coração novo** (26). 2) **Um espírito novo** (26). 3) Isso será possível por causa da habitação dinâmica do Espírito Santo: **E porei dentro de vós o meu espírito** (27).

O restante deste capítulo (28-38) trata especialmente da forma como o povo de Deus, restaurado em seus corações, será abençoado abundantemente, mesmo que de forma temporária, na terra da promessa. Nos versículos 37-38, Deus promete o seguinte à terra de Israel escassamente habitada: **multiplicar-lhes-ei os homens, como a um rebanho.**

Mas a promessa não se refere apenas a números. Deus promete aumentá-los com homens **como o rebanho santificado**. A comparação é com o rebanho especial consagrado para Deus. Semelhança gera semelhança. Quando seu povo é consagrado — dedicado a um propósito santo — Deus promete que crescerão **como o rebanho de Jerusalém**.

d) *A restauração dos ossos secos* (37.1-14). Esses versículos são provavelmente os mais conhecidos de toda a profecia de Ezequiel, graças à interpretação espiritual viva e popular dos ossos secos.

Aqui nos regozijamos com o homem de Deus que tem uma outra visão. Dessa vez é a respeito de ossos **sequíssimos** (2). Ele os vê em um **vale** (1), mas essa visão tem colocado muitos cristãos no topo do monte, espiritualmente falando. Os ossos secos representam os israelitas espalhados. A expressão: **nós estamos cortados** (11) é dramaticamente traduzida da seguinte maneira: "estamos completamente arruinados" (Berkeley). A conexão dos nervos ou tendões, o aparecimento da **carne** (6) e a colocação do **espírito** (sopro) por Deus, é uma forma poética de dizer que os israelitas retornarão para a sua terra amada (12, 14).

A figura da abertura das **sepulturas** feita por Deus e da saída das pessoas dessas sepulturas (13) deve ser entendida de maneira simbólica. No entanto, o simbolismo provavelmente não teria sido usado se não tivesse havido, mesmo naquela época, algum tipo de fé na ressurreição do corpo; a convicção nessa ressurreição irrompe em completa glória no Novo Testamento (e.g., 1 Co 15).

Se aplicarmos o simbolismo dessa passagem de maneira espiritual, podemos encontrar uma mensagem evangelística com o seguinte título: "A Visão de Ezequiel no Vale". 1) O estado lastimável da pecaminosidade — os ossos secos dos que estão mortos em pecados e transgressões (1-2). 2) A ocasião da pregação: **Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor** (4). 3) O poder de Deus em dar vida a ossos secos (5-14).

e) *A restauração da antiga unidade de Israel* (37.15-28). Ezequiel preferia apresentar um exemplo em lugar de uma definição. Esse profeta, sendo tanto um realizador quanto um pensador, pega dois pedaços de madeira e com eles apresenta uma lição ilustrada. Com isso ele capta a atenção das pessoas, e, quando o significado da verdade fica claro, ela fixada na memória. Ele escreveu **Por Judá** (16) em um dos pedaços do dinheiro, e **Por José**, no outro. Então, ele uniu os dois pedaços para que **se** tornassem **um só** pedaço (17), e relatou aos cativos desanimados que da mesma forma Deus uniria e restauraria o Reino do Sul de Judá e o Reino do Norte conhecido como **Israel**, **José** ou **Efraim**. Com a morte de Salomão em 931 a.C., o reino tinha sido dividido. Em 721 a.C., o Reino do Norte havia caído, e em 586 a.C., o Reino do Sul também foi desmantelado. Agora os dois reinos serão restaurados e unidos. Deus diz: **E deles farei uma nação** [...] **nos montes de Israel, e um rei será rei de todos eles** (22). Esse rei é **Davi** (24), e ele **será seu príncipe eternamente** (25). Essa é uma referência a Cristo, o Príncipe da linhagem de Davi que reinará eternamente sobre os corações redimidos dos homens.

f) *A restauração apesar dos poderes perversos* (38.1—39.29). Nesses dois capítulos, há uma profecia contra **Gogue, da terra de Magogue** (38.2). **Gogue** é o **príncipe e chefe** (38.2), ou rei, de **Magogue**, uma área bem ao norte, que incluía as áreas menores

de **Meseque e de Tubal**. Gogue e seu bando, **no fim dos anos** (38.8), vão guerrear contra a terra restaurada de Israel e eles serão completamente derrotados. Os persas, etíopes e os de Pute (Líbia ou africanos do leste) se aliarão a Gogue (5). **Gomer** (38.6) refere-se aos "cimérios, que originalmente moravam ao norte do mar Negro" (Berkeley, nota de rodapé). **Sabá, e Dedã** (38.13) eram grandes centros de comércio na Arábia. **Gogue** parece simbolizar todos os poderes maus que serão enfileirados contra o povo de Deus no futuro. E, mesmo assim, **Magogue** também parece um país real ou um grupo de países; esse nome é incluído na lista das nações em Gênesis 10.2 e 1 Crônicas 1.5, junto com Meseque e Tubal.

Vários comentaristas bíblicos sugerem que Gogue representa os principais inimigos de Israel desses capítulos. Para outros, Alexandre,[19] o Grande — general macedônio que devastou a Palestina no final do quarto século a.C. — parece se encaixar na descrição dada aqui. Outros acreditam que Gogue é Antíoco Epifânio, rei da Síria, que maculou o culto de Israel no início do segundo século a.C. Semelhantemente, diversos estudiosos sugerem que Magogue representava vários países: Pérsia, Síria, Cítia, Rússia.

Após estudar esses capítulos cuidadosamente, com toda a ajuda das descobertas arqueológicas recentes, a identidade de Gogue e Magogue continua incerta. Alguns sugerem que mesmo para o próprio escritor inspirado a identidade desses nomes não estava inteiramente clara. Adam Clarke fala do "oceano de conjecturas" que os envolve, e diz: "Essa parece a profecia mais difícil do Antigo Testamento".[20]

Mas mesmo que Gogue seja um opositor futuro específico e Magogue seja um país específico ou uma coalizão de países, esse não é o aspecto principal aqui. O fato significativo é que Deus está do lado do seu povo e promete impedir as tentativas dos seus inimigos de feri-lo. Quem quer que seja Gogue, Deus protegerá seu povo e, conseqüentemente, seu próprio **santo nome** (39.7). Em 38.16, Deus declara: **quando eu me houver santificado em ti os seus olhos, ó Gogue**. Moffatt descreve esse significado de maneira gráfica: "Trarei você contra a minha terra, para que as nações conheçam quem eu sou, quando mostrar a elas a minha divindade temível ao tratar de você, ó Gogue".

Multidão de Gogue (39.11) é a tradução de Hamom-Gogue. Smith-Goodspeed esclarece 39.14 da seguinte maneira: "E separarão uma comissão de homens que passará pela terra, procurando aqueles que continuam sem ser desenterrados. [...] No final de sete meses eles deverão começar a busca".

João, autor de Apocalipse, deve ter aludido à profecia de Ezequiel acerca das forças inimigas quando se referiu a Gogue e Magogue (Ap 20.8). O apóstolo parece referir-se a Gogue como uma nação, em vez de um rei. Mas ele pode ter interpretado Gogue e Magogue de maneira simbólica — como representando as nações que Satanás vai enganar no final dos tempos e que vão então guerrear contra Deus e o povo de Deus (veja Ap 20.7-9).

B. ESPERANÇA: TEMPORAL E ETERNA, 40.1—48.35

Os capítulos 40—48 são cânticos elevados de esperança. Eles expressam esperança com a reconstrução do templo (40.1—42.20), a glória divina no templo (43.1-12), ordenanças do santuário restauradas (43.13—46.24), um ministério direcionado a outros (47.1-12) e uma herança para essa vida e a próxima (47.13—48.35).

1. *Pano de Fundo da Esperança* (40.1-4)

Essas profecias, tão repletas de esperança, ocorreram no **ano vigésimo quinto do nosso cativeiro** (1), ou 572 a.C. Elas vieram ao profeta **no décimo dia do mês, no princípio do ano**.[21] Essa última frase pode significar "no princípio do mês", de acordo com a Septuaginta.[22] Isso ocorreu **catorze anos depois que a cidade** de Jerusalém caiu.

As profecias surgiram das novas visões que Ezequiel teve. Em espírito ele foi levado **à terra de Israel** [...] **sobre um monte muito alto** (2),[23] e foi-lhe permitido ter uma visão daquilo que mesmo o povo menos privilegiado de Deus também verá mais cedo ou mais tarde. **Havia sobre ele um como edifício de cidade para a banda do sul** também é traduzido da seguinte maneira: "sobre o qual havia um edifício que tinha a aparência de uma cidade diante de mim" (Moffatt).

Um homem (3), i.e., um anjo, está perto dele, com **um cordel de linho** em sua mão (cf. Ap 21.15-27), que diz para ele olhar e ouvir e anunciar **à casa de Israel** (4) tudo o que vê.

2. *Esperança com a Reconstrução do Templo* (40.5—42.20)

Ezequiel viu uma **casa** (40.5), o templo, semelhante ao Templo de Salomão, que havia sido destruído. As diversas medidas desse Templo são dadas em côvados. O "côvado longo" — **um côvado e quatro dedos** (5) — que Ezequiel usou era de cerca de 53 centímetros. O guia angelical usou **um cordel de linho** (3), um tipo de uma fita usada para medidas longas; e **uma cana de medir** (cerca de três metros e vinte centímetros), usada para medidas curtas.

Um quadro mais claro de 41.6-7 e 42.5-6, aparece na Berkeley Version. O **lugar separado** (41.12-15; 42.1, 10, 13) era "o pátio" (RSV).

No entanto, nesses capítulos há aspectos muito mais importantes do que medidas. Um dos aspectos fundamentais é que na sua visão ele vê o templo restaurado. Aquele que tinha sido construído havia cerca de quatro séculos estava em ruínas. Israel continua precisando de um templo, e Deus deixa claro que eles voltarão a ter esse templo.

Com um lugar central para sacrifício e adoração, Israel voltará a se conscientizar de que há um só Deus. Com o sacrifício completo e cabal de Cristo distante ainda cerca de meio milênio, Israel necessitava dos ministérios temporários de sacrifícios repetidos de animais. Chegaria o tempo em que os homens adorariam o Pai em espírito (espiritualidade) e em verdade (vivendo pela fé) em qualquer lugar, no templo e fora dele (Jo 4.23-24). E visto que Tito destruiu o Templo em 70 d.C., mesmo os judeus deixaram de ter o seu Templo. Mas esse tempo ainda não havia chegado. Entrementes, um outro Templo será construído logo após o retorno de Israel para a Palestina. E um terceiro templo, chamado Templo de Herodes, será construído antes do período do início do Novo Testamento.

O templo que Ezequiel consegue ver durante a sua visão era um pouco diferente do Templo de Salomão, como pode ser visto por meio de uma comparação dos detalhes em Ezequiel com a descrição em 1 Reis 6—7. O templo que Ezequiel vê também era um tanto diferente dos dois templos que ainda haveriam de ser construídos. Por exemplo, o muro ao redor do **templo interior** é de **quinhentas canas** (42.15-19) em cada direção, cerca de 1.500 metros. Essas distâncias eram maiores do que as dimensões dos templos verdadeiros, tão grandes que não caberiam no monte Sião. Muito do que Ezequiel viu provavelmente se cumpriria literalmente, no entanto, uma parte deveria ser entendida

simbolicamente. O templo de Ezequiel parece referir-se a um templo "não feito por mãos humanas, mas eterno nos céus". Isso corrobora a idéia de Deus prometer habitar **para sempre** (43.9) nesse templo.

3. *Esperança por intermédio da Glória Divina* (43.1-12)

A aparência da glória divina é um fenômeno impressionante no Antigo Testamento. Ela pode ser definida como a manifestação visível da santidade de Deus. O três vezes santo Senhor das hostes angelicais enche toda a terra com sua glória (Is 6.3). Às vezes, essa manifestação da sua santidade se revela por meio do seu poder manifestado na natureza e na história, como em Isaías 2.10. Em outros momentos, ela é quase uma aparência física da Presença Divina. Como tal, é percebida na visão profética em Ezequiel 1.26-28; 8.1-2; 9.1-3; 10.4 e 11.23; 44.4. Nessa ocasião, Ezequiel diz que a aparência era semelhante à **visão que eu tinha visto** (3) em duas ocasiões anteriores (8.1-2; 9. 1-3 e 1.26-27). A presença visível de Deus também era observada, de tempo em tempo, por pessoas que não eram profetas (e.g., Êx. 16.10; 24.16-18; 29.43; 40.34).

Em 43.1-12, essa glória de Deus, essa manifestação exterior da santidade de Deus, vem morar no templo visto por Ezequiel. Aqui essa glória pode ser "vista" (v. 2, NVI). O profeta vê que a glória **vinha do caminho do oriente**. Essa manifestação da presença de Deus **entrou no templo pelo caminho da porta** (4) "que dava para o lado leste" (NVI).

A glória de Deus, tão perceptível, não será misturada com nenhum tipo de profanação, porque a glória está intimamente ligada à santidade de Deus. Prostituição e idolatria são pecados morais. As **prostituições** (7) contaminariam o seu **nome santo**. O mesmo ocorreria com **os cadáveres dos seus reis, nos seus altos**. Essa expressão pode significar os ídolos dos reis, visto que os reis, pelo que se sabe, não eram sepultados dentro do Templo.[24]

Existe uma indiferença tão grande no que se refere a Deus como o Santo que a sua glória não se misturará com pessoas comuns em suas vidas comuns, mesmo separadas do seu pecado. Deus diz que Israel contaminou o santo nome dele ao construir casas próximas demais do Templo. A acusação é: **pondo o seu umbral ao pé do meu umbral e a sua ombreira junto à minha ombreira, e havendo uma parede entre mim e entre eles; e contaminaram o meu santo nome** (8). Isso se torna mais claro quando acrescentamos a palavra "apenas", de acordo com a NVI: "[há] apenas uma parede fazendo separação entre mim e eles". Mesmo na nossa dispensação, deveríamos manter uma verdadeira reverência para com Deus, que é elevado e santo; também não deveríamos secularizar ou profanar "lugares santos", usando-os para atividades seculares.

4. *Esperança por meio de Ordenanças Restauradas* (43.13—46.24)

Algumas coisas acerca do Templo visto por Ezequiel o tornam celestial, e.g., como foi mencionado anteriormente, o fato de que Deus habitará nele para sempre. Mas, a maior parte daquilo que ele viu seria cumprido nos dois templos terrenos construídos a seguir. Resumindo, ele vê uma restauração dos procedimentos do Templo conectada aos sacrifícios e uma divisão da terra.

a) *Requisitos dos sacerdotes* (43.13—44.31). Lemos nessa passagem instruções para a construção do altar com suas diversas medidas. Aqui também, o côvado longo é usado

como padrão de medida (veja comentário em 40.5). A **listra de baixo** (43.14) é a borda inferior do altar, sobre a qual os sacerdotes caminhavam. **Quatro chifres** (43.15, 20) apontavam para cima dos quatro cantos do altar. Em conexão com as ofertas oferecidas no altar, os sacerdotes deveriam pôr **sal sobre eles** (43.24). "O sal significava guardar a aliança. 'Há sal entre nós', diz o árabe, depois de comer com outra pessoa" (Berkeley, nota de rodapé).

Os sacerdotes são **levitas, que são da semente de Zadoque** (43.19; cf. 44.15; também 1 Rs 1.7-8 em relação a Zadoque com 2 Sm 8.17; 15.24 ss). Os outros levitas **não se chegarão a mim, para me servirem no sacerdócio** (44.13). Em vez disso, eles serão serventes: **guardas da ordenança da casa, em todo o seu serviço** (44.14). Esse era o castigo pelas **suas abominações** (44.13). A escolha dos filhos de Zadoque era porque **guardaram a ordenança do** [...] **santuário, quando os filhos de Israel se extraviaram de mim** (44.15). Deus tem maneiras de lembrar a fidelidade!

Os sacerdotes deveriam vestir roupas **de linho** (44.17) e eram proibidos de usar lã durante as ministrações no **átrio interior**. Há aqui uma implicação de que eles não usavam as vestes sacerdotais o tempo todo. Lã causaria **suor** (44.18); também era um produto animal, e tocá-lo os tornaria impuros para os atos cerimoniais. Linho, como sabemos, é um produto vegetal.

Os sacerdotes apenas **tosquiarão a sua cabeça** (44.20) — isto é, não a **raparão**; eles apenas manterão o cabelo aparado. Eles podiam beber vinho moderadamente, mas não quando estivessem ministrando (44.21). Somente os nazireus faziam o voto de total abstinência.

Os sacerdotes se casavam, dentro de Israel, é claro, com uma virgem ou a **viúva** de um **sacerdote** (44.22). Profetas e sacerdotes casavam, como ocorria com os apóstolos nos tempos do Novo Testamento. O celibato do sacerdócio não tem sua origem na tradição hebraica ou cristã, mas foi influenciado pelo pensamento grego, que dizia que a natureza em geral e o corpo humano em particular eram considerados maus.

Os sacerdotes não deveriam comer **nenhuma coisa que tenha morrido** (44.31), visto que o sangue não teria escoado de maneira apropriada. A proibição de comer sangue se estende aos tempos do Novo Testamento (At 15.28-29).

b) *Repartição da terra* (45.1-7). Nessa passagem, temos uma farta simbologia que rompe fronteiras históricas e lógicas e fala em termos celestiais. Na restauração, a terra deverá ser repartida ao **santuário**, aos **sacerdotes**, ao **príncipe** (rei) e à própria cidade. A **terra** deve ser repartida **por sortes** (1); a ordem das divisões mostra que **sorte** aqui não tem a idéia de acaso. Mas essa divisão da terra não foi usada em nenhum tempo antes de Ezequiel, nem depois dele. Como muitas das visões que o profeta observa, isso tem um cumprimento espiritual no reino eterno de Deus.

Podemos aprender diversas lições dessa passagem. Uma delas é que, da forma como a parte de terra para o **santuário** de Deus (2) vem em primeiro lugar nessa repartição, assim a parte de Deus sempre vem em primeiro lugar na questão de posses. E isso não é apenas uma obrigação. O que nós separamos para Deus é uma **oferta** (1, 6-7).

Uma outra lição é que os santuários de Deus são santos. Devemos dar a eles respeito e reverência, diferente de locais humanos comuns. Deveria haver uma área ao redor do

templo, **um arrabalde** (45.2; terreno aberto), onde nem os sacerdotes poderiam construir suas casas. Essa área deveria ter **cinqüenta côvados** ou cerca de 25 metros de largura.

Outro aspecto é que, da forma como Deus cuidava dos **sacerdotes** naqueles dias ao separar uma terra para eles (45.4), assim ele proverá pelos seus ministros em nossos dias. A última parte do versículo 5 é obscura e tem sido traduzida da seguinte forma: "essa será a propriedade deles para ali viverem" (NVI).

c) *Imparcialidade e medidas coerentes* (45.8-12). Uma outra lição é que Deus cuida dos pobres, que são tantos nesse mundo (em todas as épocas). Deus diz: **os meus príncipes nunca mais oprimirão o meu povo** (8; cf. 34.1-31). Deus não estava dormindo quando Hitler e seus soldados escreveram uma página negra na história da humanidade. Ele não está sonolento nos dias de hoje enquanto o seu povo é escarnecido na China e em tantos outros países. Deus nunca está contente quando os príncipes das nações oprimem algum povo. Ele tem uma maneira de cuidar dos seus — se não nesta vida, então na próxima — e em sujeitar os líderes mundiais à sua vontade final.

O interesse de Deus pelos pobres é mostrado mais adiante quando Ele diz aos príncipes: **afastai a violência e a assolação** ("opressão", NVI), **e praticai juízo e justiça, e tirai as vossas imposições do meu povo, diz o Senhor JEOVÁ. Balanças justas** [...] **tereis** (9-10). Os pobres não são mencionados diretamente, mas é bem provável que aqui o Senhor os tivesse em mente. Em seguida, são mencionadas diversas medidas, sendo que os equivalentes modernos de algumas são desconhecidos para nós.[25]

d) *Uma ordem para adorar* (45.13—46.24). Essa seção trata da ordem do sacrifício e adoração a ser restaurada no templo e na comunidade ideal. Não haverá separação entre religião e estado. O príncipe recebe terra e oferece **holocaustos** [...] **e as ofertas de manjares, e** [...] **fará a expiação pelo pecado** [...] da **casa de Israel** (45.17; veja também 46.1-12). A separação da igreja e estado na tradição americana não significa que o estado como tal deva estar separado da religião. Nós fazemos menção de Deus em nossa moeda e na saudação à nossa bandeira; templos religiosos são favorecidos por estarem isentos de impostos; também cedemos capelães às forças armadas. Mas a nação não tem nenhuma religião oficial. A liberdade de religião é a garantia do Artigo Um da constituição americana.

Provisões regulares eram estabelecidas para a purificação ritual do **santuário** (18). Isso deveria ser feito duas vezes ao ano, no início do **primeiro** (18) e do **sétimo mês** (25), correspondendo aproximadamente ao início do mês de abril até o primeiro dia de outubro do nosso ano. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, o **sangue** (19) era o agente purificador.

A porta do átrio interior, que olha para o oriente (46.1), deveria estar **fechada durante os seis dias**, mas aberta **no dia de sábado** e **no dia da lua nova**; i.e., no primeiro dia de cada mês. Tanto o **príncipe** (2) quanto o **povo** (3) deveriam fazer parte da adoração (2-8). Havia uma precaução interessante no sentido de que aqueles que entravam por uma **porta** saíssem por outra (9). Porventura, isso não sugere que a adoração é uma atividade transformadora de vida? Não deveríamos sair como entramos, mas com o coração animado e confiante. Ofertas e sacrifícios eram uma parte integrante da adoração (10-15).

Deveria haver um cuidado especial em preservar a propriedade do **príncipe** (16-18), provavelmente para salvaguardar as terras do regente bem como para prevenir que ele tomasse as propriedades do povo. Ezequiel vê os locais estabelecidos para a preparação dos sacrifícios (19-24).

5. *Esperança por meio de Águas Vivas* (47.1-12)

A repartição da terra que começou a ser descrita em 45.1-8 continua em 47.13—48.35. Mas aqui encontramos um interlúdio poético acerca de **águas** refrescantes para as nações. Elas vinham **de debaixo do umbral da casa** (Templo), **para o oriente** (1); essa água da redenção vinha de baixo, **da banda do sul do altar**. Em sua visão, Ezequiel foi levado para observar a corrente de água fluindo através do Templo. Visto que a água estava fluindo do lado sul, o profeta foi levado para fora **pelo caminho da porta do norte** [...] **até a porta exterior** (2), e então para o leste, seguindo a correnteza das águas.

O rio se torna cada vez mais largo, mas sem que afluentes despejassem suas águas nesse rio — algo evidentemente milagroso e simbólico. O guia angelical faz o profeta testar a profundidade do rio num intervalo de mil côvados (cerca de quinhentos metros) à medida que o rio deixa o Templo e vai em direção ao topo do monte Sião. Na primeira vez, as águas batiam nos **tornozelos** (3), depois **davam pelos joelhos** (4), em seguida na altura dos **lombos**; e, finalmente, **as águas eram profundas, águas que se deviam passar a nado, ribeiro pelo qual não se podia passar** (5). A visão nos faz lembrar da redenção. Havia **uma grande abundância de árvores** [...] **de uma e de outra banda** (7), sugerindo a árvore da vida descrita no jardim de Adão; e **toda criatura vivente que vier por onde quer que entrarem esses dois ribeiros viverá** (9).

A **região oriental** e a **campina** (8) referem-se ao vale profundo do Jordão, especialmente a área entre o mar da Galiléia e o mar Morto. As **águas** do **mar** referem-se às águas salgadas do mar Morto. **En-Gedi** e **En-Eglaim** (10) referem-se a pontos de pescaria nas margens ao norte e noroeste do mar Morto (Berkeley, nota de rodapé). O **mar Grande** seria o Mediterrâneo. O versículo 11 é traduzido da seguinte forma: "Mas os charcos e os pântanos não ficarão saneados; serão deixados para o sal" (NVI).

Outros profetas também viram rios simbólicos. Joel havia dito: "todos os rios de Judá estarão cheios de águas; e sairá uma fonte da Casa do SENHOR e regará o vale de Sitim" (Jl 3.18). Não muito tempo depois da época do ministério de Ezequiel, Zacarias, o profeta da paz que sonhava durante os dias da reconstrução do Templo, diz: "Naquele dia, também acontecerá que correrão de Jerusalém águas vivas, metade delas para o mar oriental, e metade delas até ao mar ocidental" (Zc 14.8). Bem depois, o João do Apocalipse, evidentemente se referindo ao rio de Ezequiel, vê o "rio puro da água da vida" (Ap 22.1). Sem dúvida, o que Ezequiel vê, e o que outros profetas viram, é o reinado crescente de Deus nos corações dos homens, a crescente redenção que flui de Cristo e refresca todos os que são atingidos por ela.

Os profetas nem sempre compreendiam o significado pleno das coisas que viam. Mas da nossa vantajosa posição podemos ver que muitos deles estavam se referindo a Cristo. Em Atos lemos: "A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os que nele crêem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome" (At 10.43). Ele era "a Luz de tudo que viam".[26] Kirkpatrick diz: "A função da profecia era preparar o povo para a sua

chegada. A função da profecia era testemunhar a respeito dele".[27] Acerca desse assunto Andrew Blackwood diz: "Os profetas alcançaram o ponto mais elevado quando apontaram os olhos cansados dos homens para o Redentor".[28] E acrescenta: "O grande motivo para estudarmos os profetas é que eles prepararam o caminho para a vinda de Cristo".[29] Acerca dos profetas de Deus até mesmo o liberal A. C. Knudson diz: "Esses homens não eram meramente pregadores de arrependimento. Eles eram arautos da vinda do reino de Deus".[30] A maioria dos judeus deixou de reconhecer o Messias quando Ele veio, mas no seu Talmude consta: "Todos os profetas profetizaram acerca dos dias do Messias".[31]

Esse sonho nunca morre. Ele nem ao menos desvanece. Malaquias, o último profeta do Antigo Testamento, o Sócrates hebraico, que fazia perguntas e as respondia em seguida, está tão certo quanto todos os outros de que "o sol da justiça se levantará trazendo cura em suas asas" (Ml 4.2, NVI). Ele é "o Desejado de todas as nações" em Ageu 2.7; "luz para alumiar as nações", e certamente a "glória de [todo] Israel" (Lc 2.32). Esse era basicamente o motivo do fogo ardente nos ossos dos profetas (Jr 20.9). Esse era o aspecto mais importante do precioso legado que eles deixaram. Cristo sabia que Ezequiel e todos os outros haviam falado a respeito dele, porque "começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras" (Lc 24.27).

"O Rio da Redenção de Deus" é o assunto de 47.1-12. Esse rio simbólico é semelhante a outros rios de redenção nas Escrituras (Jl 2.18; Zc 14.18; Ap 22.1). 1) Esse rio flui do Templo — e hoje da Igreja (1, 2). 2) Ele continua aumentando (3-5), incluindo sempre mais pessoas à medida que as gerações passam. 3) Ele é plenamente refrescante, incluindo **toda criatura vivente que** entrar nesses **dois ribeiros**; há também subprodutos: **toda sorte de árvore** de uma banda e de outra dará fruto e haverá **muitíssimo peixe** (9-12).

6. *Lições Oriundas de Situações Temporais* (47.13—48.35)

Ezequiel era realmente um homem de muitas visões (1.1-28; 3.1-3; 8.1; 11.25; 12.27; 37.1-14; 40.1-4; 47.1-12). E uma visão podia lhe ocorrer quase em qualquer tempo. A visão acerca do crescente ribeiro da redenção parece tê-lo apanhado no meio do seu esboço prosaico da divisão da terra no tempo da restauração. Essa visão nos leva a uma das passagens mais sublimes do Antigo Testamento. Após a descrição dessa visão, no entanto, ele desce do ápice do êxtase e volta a se ocupar com o mesmo assunto costumeiro.

Talvez quiséssemos que ele fosse "removido" enquanto estava no monte Evereste da glória. Mas a vida não é composta apenas de visões. E como muitas vezes a vida não é "removida" quando uma pessoa está no ápice de uma experiência com Deus, assim Ezequiel desce do monte e retorna para a vida corriqueira e conclui o que havia começado anteriormente. O sentido desse texto final é bastante evidente, não requerendo explicações exegéticas detalhadas para torná-lo mais claro.

Na Babilônia, Ezequiel visualizou a restauração na terra de Israel e aqui apresenta um possível reassentamento das doze tribos. Em 47.13 ele diz: **José terá duas partes**. Isso se refere às duas tribos, ou seja, os dois filhos de José, Efraim e Manassés. Nos versículos 14-20, Ezequiel descreve detalhadamente as fronteiras gerais da Terra Prometida. A fronteira ao norte ficava próxima de **Damasco** (17). No lado leste, a fronteira desce até **Gileade** ao longo do rio **Jordão** e do lado leste do mar Morto (18). A fronteira ao sul se voltava para o oeste passando por **Cades** (19) e dali para o **mar**

Grande (mar Mediterrâneo). A costa mediterrânea era a fronteira ocidental. Ezequiel viu que as bênçãos materiais de Deus não estavam limitadas a Israel, e que esse povo não deveria ser egoísta — aos **estrangeiros que peregrinam no meio de vós** [...] **dareis a sua herança** (22-23).

Em 48.1-7 e nos versículos 23-27, lemos acerca da divisão tribal. A listagem vai do norte para o sul. Uma comparação dessa divisão com a que predominava nos tempos dos juízes mostra um paralelismo geral. Ezequiel vê **Dã** na banda do norte e **Issacar**, **Zebulom** e **Gade** na banda do sul.

Os versículos 8-22 expandem a descrição de Ezequiel em 45.1-8 acerca das áreas a serem repartidas para o Templo, os sacerdotes, os levitas e o rei.

Nos versículos 30-35, Ezequiel teve uma visão da Cidade Santa que é um vislumbre da visão que João teve da cidade "quadrangular" (Ap 21.9-16), com três portas em cada um dos quatro lados.

Alguns significados não podem passar despercebidos nesses versículos finais. Um aspecto importante é que mesmo que Deus demore em cumprir as suas promessas, elas se cumprirão no tempo dele se os homens submeterem os seus caminhos à vontade dele. Além do mais, essas promessas serão cumpridas de tal maneira que ninguém será negligenciado; o interesse de Deus pelo estrangeiro e pelas tribos individuais confirma isso.

Outra lição importante a ser aprendida é que embora Deus seja um Deus de redenção no sentido eterno, Ele também é um Deus que se importa com as questões temporais. A fé judaico-cristã não é uma fé que nega o mundo, que olha para as necessidades comuns dos homens e as considera sem importância. A religião bíblica é realista. Ela afirma que a pessoa que se volta para Deus neste mundo e o serve com fidelidade é aquela que viverá com o Criador na eternidade.

Notas

INTRODUÇÃO

[1] O nome desse rei aparece freqüentemente no livro de Ezequiel. Os babilônios pronunciavam seu nome com um *r*, Nabucodorozor; por esta razão, vários comentários mais recentes usam o *r*. Ele pode ser encontrado nas duas formas no texto hebraico de Ezequiel, mas, certamente, o rei da Babilônia é mais amplamente conhecido como Nabucodonosor.

[2] R. B. Y. Scott, do Seminário Princeton, certamente teria incluído Ezequiel quando disse: "Os profetas eram impelidos por uma determinação irresistível de dizer aquilo que eles talvez não gostariam de dizer" (Discurso do reitor à Society of Biblical Literature and Exegesis no Union Seminary na cidade de Nova York, 1960).

[3] Carl Gordon Howie, *The Date and Composition of Ezequiel* (Filadélfia: Society of Bib. Lit., 1950), p. 1.

SEÇÃO I

[1] A palavra *profeta* significa "alguém que fala por outro". Cf. Êxodo 7.1: "Arão, teu irmão, será o teu profeta". Arão era o porta-voz de Moisés. Também lemos: "Ele [Arão] te [Moisés] será por boca" (Êx 4.16). O prefixo *pro* na palavra *profeta* não significa "de antemão" ou "antecipadamente", como em "prólogo", mas "em vez de", como em "pronome". O profeta é o porta-voz de Deus que fala aos homens em lugar de Deus. Veja A. C. Knudson, *The Beacon Lights of Prophecy* (Nova York: Eaton and Mains, 1914), p. 30.

[2] O **cativeiro do rei Joaquim** foi, na verdade, uma detenção, e não houve um relaxamento dessa prisão até 561 a.C.

[3] O **Quebar** pode ter sido um canal, e os cativos tiveram a tarefa de cavá-lo.

[4] O leão era o emblema nacional da Babilônia. No Museu do Louvre em Paris, podemos ver leões de argila da Babilônia antiga, em vários graus de ferocidade.

[5] Veja uma discussão completa da expressão "Filho do homem" em HDB. Nesse artigo lemos: "Ezequiel tem uma profunda percepção da majestade de Javé; e a expressão tem, sem dúvida, a intenção de demarcar a distância que separava o profeta, como um ser humano, dEle" (James Hastings, ed., *Dictionary of the Bible* [N.Y.: Schribner's Sons, 1923]), vol. IV, p. 579.

[6] Deveria ser lembrado que depois que Israel, as dez tribos do Norte, caíram diante da Assíria em 721 a.C., Judá, freqüentemente, foi chamada de Israel, como nesse caso.

[7] Esse livro foi feito de peles de animais costuradas em longas tiras de papiro, em forma de rolo. O fato de o papiro ser usado com freqüência é um dos motivos de tão poucos manuscritos antigos terem sobrevivido. Quando o papiro não podia ser obtido, era usada a pele. O que era difícil para os homens nos tempos antigos tornou-se uma bênção para nós pela melhor sobrevivência das peles usadas.

SEÇÃO II

[1] Pelo que tudo indica o cerco durou desde 15 de janeiro de 588 até 19 de julho de 586 a.C.

[2] Houve dois reis com o mesmo nome. Esse foi o primeiro Jeroboão que reinou no Reino do Norte de Israel.

[3] Veja F. Gardiner, "Ezequiel", *An Old Testament Commentary*, ed. Chas. Ellicott (N.Y.: Cassell & Co., 1844), V, 220

[4] W. J. Shroder, "Ezekiel", *A Commentary on the Holy Scriptures*, ed. John P. Lange (Edimburgo: T. & T. Clark, 1876), *loc. cit.*

[5] Ninguém sabe se os hebreus nessa época estavam iniciando o ano na primavera ou no outono. Datas são estipuladas de acordo com a teoria de que estavam usando o calendário mais antigo, em que o ano iniciava no fim de março ou início de abril. Isso parece se confirmar em 45.21, que coloca a Páscoa no "primeiro mês".

[6] Veja W. L. Wardle, "Ezequiel", *The Abingdon Bible Commentary*, eds. F. C. Eiselen, Edwin Lewis e D. G. Downey (N.Y.: Abingdon, 1929), p. 719.

[7] Esse é provavelmente o Daniel que, como Ezequiel, estava cativo na Babilônia. Contra esse ponto de vista, veja G. R. Beasley-Murray, "Ezekiel", *The New Bible Commentary*, ed. F. Davidson (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), p. 653.

[8] **Oolá** significa "sua tenda"; **Oolibá**, "minha tenda está nela". "Os árabes freqüentemente davam nomes com sons parecidos aos seus filhos" (Berk., nota de rodapé).

SEÇÃO III

[1] Essa divergência com o texto hebraico, além de muitas outras, pode ser verificada pelo estudante da Bíblia que não conhece a língua grega, em uma tradução inglesa da Septuaginta feita por Charles Thompson e editada por C. A. Muses (*The Septuagint Bible*, Indian Hills, Colorado: The Falcon's Wing Press, 1960).

[2] John Paterson, *The Goodly Fellowship of the Prophets* (Nova York: Charles Schribner's Sons, 1948), p. 178.

[3] *Against Apion*, I, p. 21.

[4] Para uma leitura mais abrangente acerca de Tiro e outros lugares bíblicos, veja a *International Standard Bible Encyclopedia*, editada por James Orr.

[5] Veja a forma poética em uma versão moderna.

[6] Acerca desse contraste veja Adam Clarke, *A Commentary and Critical Notes* (Nova York: Abingdon, sem data), *loc. cit.*

[7] Veja comentários em 31.18.

[8] No NT *hades*, o submundo, tem o mesmo significado (Lc 10.15; At 2.27).

SEÇÃO IV

[1] Uma declaração muito profunda é feita em relação a esse assunto por Walter Roeher: "...não há seguro contra o julgamento de Deus" ("Ezekiel", *The Biblical Expositor* [Filadélfia: Holman Co., 1960], vol. II, p. 251).

[2] Veja Herbert G. May, *op. cit.*, vol. VI, pp. 247-248.

[3] *Op. cit.*, vol. IV, p. 512.

[4] Veja Alfred Rahlfs, ed., *Septuaginta* (Nova York: Societate Biblica Americana, 1949), vol. II, p. 831.

[5] *Op. cit.*, vol. IV, p. 513.

[6] Veja discussão em F. Gardiner, *op. cit.*, p. 301.

[7] É o Deus vivo, em vez dos ídolos sem vida, feitos pelo homem, que está por trás de todas essas promessas de restauração — e que, portanto, é capaz de cumprir as promessas. É por isso que a expressão **vivo eu** aparece diversas vezes nessa seção (33.11, 27; 34.8; 35.6). Veja uma

discussão primorosa de Deus como o Deus vivo em Otto Baab, *The Theology of the Old Testament* (Nova York: Abingdon, 1949), pp. 24-28. Baab diz: "Talvez a palavra mais comum para identificar o Deus do Antigo Testamento é a palavra 'vivo' (p. 24)". Veja Js 3.10; Sl 42.4; 84.1-2. Acerca do juramento "vive o Senhor", veja Jz 8.19; Rt 3.13; 1 Sl 19.6; 20.21.

[8] É por isso que Judá (Israel) é chamado de "irmão" de Edom (Ob 10, 12).

[9] Veja uma descrição gráfica dessa e de outras frases nessa passagem em "Obadiah", *Biblical Commentary on the Old Testament*, por C. F. Keil e D. Delitzsch, *Minor Prophets*, vol. II, p. 364.

[10] *Op. cit.* p. 178.

[11] Veja uma discussão mais completa desse assunto em A. C. Knudson, *The Religious Teachings of the Old Testament* (Nova York: Abingdon, 1918), pp. 137-153.

[12] As Escrituras, é claro, conectam a santidade de Deus à sua natureza moral (e.g., no texto que está sendo tratado e muito explicitamente em Ez 43.7). Mas a Bíblia também liga sua santidade aos seus atributos metafísicos. Ela é conectada com seu poder e majestade, e.g., em muitos lugares. Em Isaías 6.3 lemos: "Santo, Santo, Santo é o SENHOR dos Exércitos" — os exércitos angelicais aqui. Isso também é mostrado em Salmos 47.8: "Deus reina sobre as nações; Deus se assenta sobre o trono da sua santidade". Deus é "Alto e Sublime, que habita na eternidade e cujo nome é Santo" (Is 57.15).

[13] Embora haja muita santidade cerimonial nesses capítulos, as chamadas questões cerimoniais muitas vezes têm conotações morais — e.g. as proibições contra relações impróprias com vários parentes (Lv 18.6-24).

[14] Jeremias 31.31-34 é uma passagem similar. Essa passagem em Jeremias é citada em Hebreus 8 e 10. Veja comentários em H. Orton Wiley, *The Epistle to the Hebrews* (Kansas City, Mo.: Beacon Hill Press, 1965), pp. 382ss.

[15] Acerca de um dos estudos bíblicos e históricos mais completos da doutrina e experiência da santidade, de acordo com John Wesley, veja George Allen Turner, *The Vision Which Transforms* (Kansas City, Mo.: Beacon Hill Press, 1965), pp. 352ss.

[16] *Op. cit.*, vol. IV, p. 521.

[17] Essa profecia é uma fonte peculiarmente fértil do que hoje é conhecido como arminianismo. Acerca de um resumo dessa posição teológica, veja Gerald O. McCulloh, *Man's Faith and Freedom* (Nova York: Abingdon, 1962), pp. 128ss. Romanos 8.4 é uma clara passagem de "justiça comunicada". Os calvinistas, muitas vezes, têm ensinado que as exigências de Deus são cumpridas somente em Cristo, e não no cristão como indivíduo. Mas Paulo diz nesse texto: "a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Rm 8.4, ARA). Veja o comentário de Daniel Steele acerca desse texto em seu livro *Half Hours with St. Paul* (Chicago: The Christian Witness Co., 1909), p. 71.

[18] *Op. cit.*, vol. IV, p. 521. Também é importante notar que esse é o único texto no Antigo Testamento incluído nos famosos "Trinta Textos" que ele usou para ensinar a perfeição cristã.

[19] *Op. cit.*, IV, p. 526.

[20] *Ibid.*

[21] Isso pode significar o Dia do Ano Novo. De acordo com Levítico 25.9, o décimo dia do sétimo mês era o Dia do Ano Novo, embora essa ocasião especial fosse deslocada para o primeiro dia do sétimo mês (Lv 23.24; Nm 29.1). Cf. G. A. Cooke, "The Book of Ezekiel", *The International Critical Commentary* (Nova York: Charles Schribner's Sons, 1937), vol. II, p. 429.

[22] Veja Alfred Rahlfs, ed., *op. cit.*, p. 843.

[23] Esse provavelmente era o monte Sião (veja Sl 48.1; Is 2.2).

[24] Keil conclui: "Os cadáveres dos reis, são, portanto, os ídolos mortos, para os quais os reis (por exemplo, Manassés) tinham erguido altares ou lugares altos no santuário, i.e., nos átrios do Templo (2 Rs 21.4, 5-7)" (*Prophecies of Ezekiel*, vol. II, p. 281).

[25] Veja em Herbert G. May, *op. cit.*, p. 317, um estudo das medidas. As aproximações em algumas versões bíblicas mais recentes (como a Versão Berkeley) ajudam: **efa** equivale a uma arroba (as estimativas variam entre 20 e 40 litros, NVI); **bato**, equivalia a cerca de dez galões; o **ômer** era um pouco mais da metade de uma onça (as estimativas variam entre 200 e 400 litros, NVI) e a gera (v. 12; "mina", NVI) equivalia à vigésima parte de um siclo (um siclo correspondia a cerca de 6 gramas). O **arrátel** ("mina") seria o equivalente a uma libra e meia (em torno de um quilo e meio).

[26] Citado sem referência por Edwin Lewis, *The Drew Gateway* (Madison, Nova York: University), edição da primavera, 1958.

[27] *The Doctrine of the Prophets* (Nova York: Macmillan, 1907), p. 521.

[28] *The Prophets: Elijah to Christ* (Chicago: Fleming H. Revell, 1917), p. 35.

[29] *Ibid.*, p. 46.

[30] *The Beacon Lights of Prophecy*, p. vii.

31 Sanhedrin XXXIV, coluna 2.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

BEASLEY-MURRAY, G. R. "Ezekiel". *The New Bible Commentary*. Ed. Francis Davidson, *et al.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956.

CALVIN, John. "Ezekiel", *Calvin's Commentary*. Edinburgo: T. Constable, 1846.

CLARKE, Adam. *A Commentary and Critical Notes*. Nova York: Abingdon Press, sem data.

COOKE, G. A. "A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Ezekiel", *The International Critical Commentary*. Nova York: Charles Schribner's Sons, 1937.

GARDINER, F. "Ezekiel", *Commentary on the Whole Bible*. Ed. J. Ellicott, vol. V. Nova York: Cassell and Co., s.d.

HARTFORD, John B. *Studies in the Book of Ezekiel*. Cambridge: University Press, 1935.

KEIL, Carl Friedrich. "Biblical Commentary on the Prophecies of Ezekiel", *Biblical Commentary on the Old Testament*. Ed. C. F. Keil e F. Delitzsch. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950.

MAY, Herbert G. "The Book of Ezekiel" (Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Ed. George A. Buttrick, *et al.*, vol. VI. Nova York: Abingdon Press, 1951.

REDPATH, Henry A. "The Book of the Prophet Ezekiel", *Westminster Commentaries*. Ed. Walter Lock. Londres: Methuen and Co., 1907.

ROEHRS, Walter R. "Ezekiel", *The Biblical Expositor*, vol. II. Ed. Carl F. H. Henry. Filadélfia: Holman Co., 1960.

SHRODER, W. J. "Ezekiel", *Commentary on the Holy Scriptures*. Ed. John Peter Lange. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

SMITH, James. *The Book of Ezekiel: A New Interpretation*. Nova York: Macmillan Co., 1931.

WARDLE, W. L. "Ezekiel", *The Abingdon Bible Commentary*. Ed. F. C. Eiselein, *et al.* Nova York: Abingdon-Cokesbury, 1929.

II. OUTROS

AALDERS, Jan Gerrit. *Gog and Magog in Ezekiel*. Amsterdã: J. H. Kok, N. V. Kampen, 1951.

BAAB, Otto J. *The Theology of the Old Testament*. Nova York: Abingdon Press, 1949.

BLACKWOOD, Andrew. *The Prophets: Elijah to Christ*. Chicago: Fleming H. Revell, 1917.

BROWNE, Lawrence E. *Ezekiel and Alexander*. Londres: S.P.C.K., 1952.

BURROWS, Millar. *The Literary Relations of Ezekiel*. Filadélfia: Jewish Publication Society Press, 1925.

CARNELL, E. J. *Christian Commitment*. Nova York: The Macmillan Company, 1957.

_____. *The Kingdom of Love and the Pride of Life*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1960.

HOWIE, Carl Gordon. *The Date and Composition of Ezekiel*. Filadélfia: Society of Biblical Literature, Monograph Series, vol. VI, 1950.

KIRKPATRICK, A. F. *The Doctrine of the Prophets*. Nova York: The Macmillan Co., 1907.

KNUDSON, A. C. *The Beacon Lights of Prophecy*. Nova York: Eaton and Mains, 1914.

_____. *The Religious Teaching of the Old Testament*. Nova York: Abingdon Press, 1918.

PATERSON, John. *The Goodly Fellowship of the Prophets*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1948.

RAHLFS, Alfred (Editor). *Septuaginta*, 2 vols. Nova York: Societate Biblica Americana, 1949.

ROBINSON, H. Wheeler. *The Hebrew Prophets*. Lutterworth Press, 1948.

THOMSON, Charles (trad.). *The Septuagint Bible*. Ed. C. A. Muses. Indian Hills, Colorado: The Falcon's Wing Press, 1960.

III. ARTIGOS

DRIVER, S. R. "The Son of Man", *Hastings Dictionary of the Bible*. Ed. James Hastings. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1923.

LAURIN, Robert, B. "Sheol", *Baker's Dictionary of Theology*. Ed. E. F. Harrison. Grand Rapids: Baker Book House, 1960.

Comentário Bíblico Beacon

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

ISBN 85-263-0688-X
9 788526 306882

4

Isaías a Daniel

Ross E. Price
C. Paul Gray
J. Kenneth Grider
Roy E. Swim